

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS CORA CORALINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

ADALGIZA RODRIGUES DOS SANTOS

**ANÁLISE DO VERBO CAIR COM ÊNFASE NO SEU USO COMO
VERBO-SUPORTE: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA
DE CONSTRUÇÕES**

GOIÁS
2021

ADALGIZA RODRIGUES DOS SANTOS

**ANÁLISE DO VERBO CAIR COM ÊNFASE NO SEU USO COMO
VERBO-SUORTE: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA
DE CONSTRUÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade como requisito para a conclusão do curso de mestrado.

Orientador: Prof. Dr. Eleone Ferraz de Assis
(UEG/Poslii)

GOIÁS
2021



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data¹. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade da autora.

Dados do autor (a)

Nome completo: Adalgiza Rodrigues dos Santos

E-mail: adalgizasanttos@hotmail.com

Dados do trabalho

Título: ANÁLISE DO VERBO CAIR COM ÊNFASE NO SEU USO COMO VERBO-SUPORTE: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES.

Tipo:

Tese Dissertação

Curso/Programa: PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE.

Concorda com a liberação documento

SIM NÃO

¹ Período de embargo é de até **um ano** a partir da data de defesa.

Goiás, 30 de setembro de 2021

Assinatura autora

Assinatura do orientador

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

S237a

Santos, Adalgiza Rodrigues dos.

Análise do verbo cair com ênfase no seu uso como verbo-suporte: um estudo na perspectiva da gramática de construções [manuscrito] / Adalgiza Rodrigues dos Santos. – Goiás, GO, 2021.

145f.; il.

Orientador: Prof. Dr. Eleone Ferraz de Assis.

Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2021.

1. Linguística. 1.1. Gramática de construções.
1.1.1. Verbo suporte - cair. I. Título.
II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

CDU: 81'36(817.3)

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

(Criada pela lei nº 13.456 de Abril de 1999, publicada no DOE-GO de 20 de Abril de 1999)

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu

UEG CÂMPUS CORA CORALINA

Av. Dr. Deusdeth Ferreira de Moura Centro - GOIÁS CEP: 76600000

Telefones: (62)3936-2161 / 3371-4971 Fax: (62) 3936-2160 CNPJ: 01.112.580/0001-71

ATA DE EXAME DE DEFESA 20/2021

Aos trinta e um dias do mês de julho de dois mil e vinte e um às catorze horas e vinte minutos, realizou-se, por webconferência, o Exame de Defesa da dissertação da mestrandia Adalgiza Rodrigues dos Santos, intitulada “**Análise do verbo cair com ênfase no seu uso como verbo-suporte: o estudo na perspectiva da Gramática de Construções**”. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores doutores: Prof. Dr. Eleone Ferraz de Assis – Presidente – (POSLLI/UEG), Profa. Dra. Lennie Aryete Dias Pereira Bertoque (UFMT), Profa. Dra. Marília Silva Vieira (POSLLI/UEG). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pela mestrandia e seu orientador. Em seguida, a banca examinadora reuniu-se para proceder a avaliação do exame de defesa. Reaberta a sessão, o presidente da banca examinadora, proclamou o resultado, segundo o qual a dissertação foi aprovada. Cumpridas as formalidades de pauta, às 16h43min, a presidência da mesa encerrou esta sessão do Exame de Qualificação e lavrou a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da banca examinadora.

Goiás-GO, 31 de julho de 2021.

Prof. Dr. Eleone Ferraz de Assis (POSLLI/UEG)

Profa. Dra. Lennie Aryete Dias Pereira Bertoque (UFMT)

Profa. Dra. Marília Silva Vieira (POSLLI/UEG)

Página de assinaturas



Eleone Assis
846.534.931-20
Signatário



Marília Vieira
736.497.321-49
Signatário



Lennie Bertoque
720.452.481-00
Signatário

HISTÓRICO

- | | | |
|-------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 31 jul 2021
17:11:59 |  | Eleone Ferraz de Assis criou este documento. (E-mail: leo.seleprot@gmail.com, CPF: 846.534.931-20) |
| 31 jul 2021
17:12:26 |  | Eleone Ferraz de Assis (E-mail: eleone.assis@ueg.br, CPF: 846.534.931-20) visualizou este documento por meio do IP 191.250.57.126 localizado em Senador Canedo - Goias - Brazil. |
| 31 jul 2021
17:15:16 |  | Eleone Ferraz de Assis (E-mail: eleone.assis@ueg.br, CPF: 846.534.931-20) assinou este documento por meio do IP 191.250.57.126 localizado em Senador Canedo - Goias - Brazil. |
| 31 jul 2021
20:15:45 |  | Marília Silva Vieira (E-mail: vieirasmarilia@gmail.com, CPF: 736.497.321-49) visualizou este documento por meio do IP 168.227.28.119 localizado em Rianapolis - Goias - Brazil. |
| 31 jul 2021
20:15:57 |  | Marília Silva Vieira (E-mail: vieirasmarilia@gmail.com, CPF: 736.497.321-49) assinou este documento por meio do IP 168.227.28.119 localizado em Rianapolis - Goias - Brazil. |
| 31 jul 2021
17:12:38 |  | Lennie Aryete Dias Pereira Bertoque (E-mail: lenniearyete@hotmail.com, CPF: 720.452.481-00) visualizou este documento por meio do IP 189.5.179.52 localizado em Goiânia - Goias - Brazil. |
| 31 jul 2021
17:14:33 |  | Lennie Aryete Dias Pereira Bertoque (E-mail: lenniearyete@hotmail.com, CPF: 720.452.481-00) assinou este documento por meio do IP 189.5.179.52 localizado em Goiânia - Goias - Brazil. |



*A verdadeira coragem é ir atrás de
seu sonho mesmo quando todos
dizem que ele é impossível.*

Cora Coralina

A meu filho, Luiz Guilherme R. Marques.

AGRADECIMENTOS

A Deus que me deu força para vencer todos os obstáculos, pois a caminhada foi longa e difícil, mas sentia a todo momento sua presença, não me deixando desanimar e nem desistir.

À minha mãe Sebastiana Rodrigues da Silva, meu porto seguro, que sempre esteve ao meu lado e me ensinou que com o conhecimento o mundo pode ser conquistado.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Eleone Ferraz de Assis, com quem aprendi tanto, e principalmente, pela confiança a mim dispensada nesse projeto de mestrado.

Ao meu esposo Lazaro Fernandes, pelo apoio incondicional e motivação para realizar meus objetivos.

Ao meu filho Luiz Guilherme, pela paciência nos momentos de ausência.

À Profa. Dra. Lennie Aryete Dias Pereira Bertoque, por me apresentar o mestrado e mostrar que eu poderia realizar esse sonho e, principalmente, pelas contribuições enriquecedoras na qualificação.

À Profa. Dra. Marília Silva Vieira, pela leitura atenta do trabalho e pelas contribuições na minha qualificação.

A todos os professores do POSLLI (Dra. Marília Vieira, Dra. Carla Conti, Dra. Déborah Magalhães, Dra. Vânia Casseb-Galvão, Dr. Eduardo Batista e Dra. Darcília Simões) que, nas disciplinas do curso, me possibilitaram realizar diferentes reflexões sobre estudos de língua e interculturalidade.

À amiga Aline, pelo incentivo e colaboração, sempre presente nos momentos de dificuldades.

RESUMO

SANTOS, Adalgiza R. **Análise do verbo cair com ênfase no seu uso como verbo-suporte**: um estudo na perspectiva da gramática de construções. 2021. 144 f. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2021.

Esta pesquisa dedica-se a estudar o verbo CAIR com ênfase em seu uso como verbo-suporte. A análise descreve as construções do verbo-suporte CAIR, conjugado na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nos contextos de uso do português brasileiro. O estudo fundamenta-se na perspectiva da gramática de construções (BAGNO; CASSEB-GALVÃO, 2017; BARROS, 2016; BYBEE, 2007, 2015, 2016; CROFT, 2001; GOLDBERG, 1995, 2006; TRAUOGOTT, 2012, 2015; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013) e em estudos sobre o verbo (ILARI; BASSO, 2014; SILVA, 2016). A pesquisa é de caráter descritivo, por descrever e analisar as construções do verbo CAIR, com ênfase em seu uso como verbo-suporte no português. Parte-se da definição de que as construções com o verbo-suporte CAIR estão instanciadas em um pareamento entre forma e significado, constituído por uma perífrase, que apresenta em sua configuração morfossintática prototípica um verbo com função suporte e um núcleo nominal com função informacional. Tais construções operam, prototipicamente, na organização oracional básica, no nível da predicação, desempenhando função de predicado. Consideramos que as construções com o verbo-suporte fazem parte do conhecimento linguístico dos falantes e, por esse motivo, seu significado é relacionado a vários domínios cognitivos conceituais. Analisamos 59 excertos do *Corpus* do Português (DAVIES, 2016). Os resultados demonstram que as construções com o verbo-suporte CAIR consistem em um esquema cognitivo abstrato, que instancia outras construções em nível de subesquemas na língua. Essas construções estão relacionadas a uma generalização categorizada pelos usuários da língua que buscam a todo momento inovações no nível do predicado para melhor compor suas relações comunicativas e discursivas. Tendo em vista as mudanças linguísticas, a constituição do esquema cognitivo das construções com o verbo-suporte CAIR ocorre de maneira gradual, em pequenos estágios, e por intermédio de processos cognitivos de domínio geral, como a analogia.

Palavras-chave: Gramática de Construções. Português Brasileiro. Verbo-suporte.

ABSTRACT

This research is dedicated to studying the verb CAIR with emphasis on its use as a support verb. The analysis describes the constructions of the support-verb CAIR, conjugated in the third person singular of the perfect indicative past tense, in the contexts of use of Brazilian Portuguese. The study is based on the perspective of the grammar of constructions (BAGNO; CASSEB-GALVÃO, 2017; BARROS, 2016; BYBEE, 2007, 2015, 2016; CROFT, 2001; GOLDBERG, 1995, 2006; TRAUOGOTT, 2012, 2015; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013) and in studies on the verb (ILARI; BASSO, 2014; SILVA, 2016). The research is descriptive in nature, as it describes and analyzes the constructions of the verb CAIR, with emphasis on its use as a support verb in Portuguese. It starts with the definition that the constructions with the support-verb CAIR are instantiated in a pairing between form and meaning, constituted by a periphrase, which presents in its prototypical morphosyntactic configuration a verb with a support function and a nominal nucleus with an informational function. Such constructions operate, prototypically, in the basic clause organization, at the level of predication, performing the function of a predicate. We consider that the constructions with the support-verb are part of the speakers' linguistic knowledge, and, for this reason, their meaning is related to several conceptual cognitive domains. We analyzed 59 excerpts from the Corpus do Português (DAVIES, 2016). The results demonstrate that the constructions with the support-verb CAIR consist of an abstract cognitive scheme, which instantiates other constructions at the level of subschemas in the language. These constructions are related to a generalization categorized by language users who constantly seek innovations at the predicate level to better compose their communicative and discursive relationships. In view of linguistic changes, the constitution of the cognitive schema of constructions with the support-verb CAIR occurs gradually, in small stages, and through general domain cognitive processes, such as analogy.

KEYWORDS: Grammar of Constructions. Brazilian Portuguese. Support-verb.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Linguagem como processo de interAÇÃO social -----	16
Figura 2 - Organização do conhecimento gramatical-----	34
Figura 3 - Estrutura argumental da construção transitiva -----	46
Figura 4 - Construção bitransitiva-----	47
Figura 5 - Construção de movimento causado-----	48
Figura 6 - Construção resultativa -----	48
Figura 7 - Ponto de referência -----	64
Figura 8 - Interfaces do <i>corpus</i> -----	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Afetamento do objeto -----	43
Quadro 2 - Construção de estrutura argumental-----	45
Quadro 3 - Atributos de protoagente e protopaciente -----	45
Quadro 4 - Modo indicativo do verbo CAIR-----	62
Quadro 5 - Modo subjuntivo do verbo CAIR -----	62
Quadro 6 - Modo imperativo do verbo CAIR -----	63
Quadro 7 - Parâmetros semânticos da transitividade -----	67
Quadro 8 - Tamanho do <i>corpus</i> -----	91
Quadro 9 - Total de ocorrências do verbo CAIR-----	93
Quadro 10 – Tempo -----	95
Quadro 11 – Construções com o verbo-suporte CAIR -----	96

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. ABORDAGEM COGNITIVO-FUNCIONAL DA LÍNGUA	15
1.1 Concepção de língua	15
1.2 Alguns conceitos da abordagem cognitivo-funcional	21
1.2.1 Categorização e prototipicidade	24
1.2.2 Iconicidade	27
1.2.3 Perspectiva	29
1.2.4 Informatividade	30
1.2.5 Analogia	31
1.2.6 Memória rica	32
1.3 Gramática de construções	33
1.3.1 A mudança linguística sob a perspectiva construcionista	38
1.3.2 Papéis temáticos	40
1.3.3 As construções de estrutura argumental	45
2. O VERBO E SUAS PARTICULARIDADES	52
2.1 A definição de verbo	52
2.1.1 Transitividade verbal	65
2.1.2 Valência verbal	69
2.1.3 Categorias do verbo	74
2.1.3.1 Verbo pleno	74
2.1.3.2 Verbo estendido	75
2.1.3.3 Verbo-suporte	77
2.1.3.4 Expressão cristalizada	81
2.2 Origem do verbo CAIR	82
3. METODOLOGIA	89
3.1 Tipo da pesquisa	89
3.2 Corpus da pesquisa	90
3.3 Seleção dos dados	93
3.4 Procedimentos para análise de dados	96
4. ANÁLISE DO VERBO CAIR	98
4.1 Análise do verbo CAIR com ênfase no seu uso como verbo-suporte	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS	129

INTRODUÇÃO

Nos estudos da linguagem, há um conjunto de termos que são adotados para designar noções úteis para a compreensão dos fenômenos linguísticos. Em se tratando de um verbo como CAIR, que possui diferentes padrões de construção, percebemos que ele adquire categorias diversas, como as de verbo pleno, verbo estendido, verbo-suporte e expressão cristalizada. Na impossibilidade de analisar todas as categorias desse verbo, nesta pesquisa descrevemos e analisamos as construções do verbo CAIR com ênfase no seu uso como verbo-suporte no *corpus* do português.

A motivação para este trabalho está nas necessidades comunicativas do usuário da língua. Percebemos que, para dar conta dessas necessidades, o usuário faz escolhas das formas alternativas e satisfatórias que estão à sua disposição para se comunicar e ser compreendido. Assim, a análise desse tipo de estrutura pode contribuir para o conhecimento de novas perspectivas de tratamento em relação à formação e interpretação dessas estruturas, bem como à expansão do sentido/uso que essas formas linguísticas alcançam.

Para atingir os objetivos desta pesquisa, foi necessário inicialmente realizar uma pesquisa bibliográfica para construir um referencial teórico acerca do fenômeno da gramática de construções. Para isso, apoiamo-nos em textos de autores como Bagno e Casseb-Galvão (2017), Barros (2016), Bybee (2007, 2015, 2016), Croft (2001), Goldberg (1995, 2006), Traugott (2012, 2015) e Traugott e Trousdale (2013).

Além disso, ancoramo-nos nos estudos das definições e acepções do verbo para verificar como essa categoria tão rica na língua é capaz de demonstrar muito mais que ação (o que é bem típico dessa categoria morfológica). Nesse sentido, procuramos seguir as abordagens de estudiosos como Ilari e Basso (2014) e Silva (2016), que apresentam o verbo como uma palavra que conta com um paradigma de flexões vasto e bem definido. Os autores demonstram as principais funções que o verbo desempenha, do mesmo modo que não se prendem somente à flexão, abarcando também seu significado.

Na literatura, alguns estudos que tratam das construções com verbo-suporte, as descrevem com diferentes verbos no português. No entanto, não se registra nenhuma pesquisa que trate das construções com verbo CAIR com ênfase em seu uso como verbo-suporte.

As construções com verbo-suporte têm sido discutidas em algumas gramáticas (CASTILHO, 2010; MATEUS *et al.*, 2003; NEVES, 2000) e dicionários (BORBA, 1990; HOUAISS; VILLAR, 2001). Além disso, percebemos que as construções com verbo-suporte são produtivas no português do Brasil. Os falantes têm necessidades em cada ato comunicativo, embora essas não sejam supridas pelas formas linguísticas existentes. Os verbos plenos nem sempre conseguem abarcar todos os objetivos comunicativos dos falantes, criando-se novos mecanismos de expressão. É nesse contexto que as construções com verbo-suporte são produtivas. Goldberg (2006) e Langacker (2008) explicam que as construções são concebidas como unidades simbólicas e convencionalizadas, estão organizadas em redes e são adotadas basicamente como esquemas cognitivos do mesmo tipo dos que existem em outros domínios da cognição.

Nossa proposta de pesquisa é justamente seguir a perspectiva construcional apresentada por Goldberg (1995), a fim de explicar como os usos com as construções com verbo-suporte CAIR configuram-se em uma estrutura sintático-semântica no português brasileiro. Nessa perspectiva, acreditamos que os usos com construções com o verbo-suporte CAIR, se combinadas a determinado sentido, poderiam ser consideradas extensões dessas construções. Partindo dessa hipótese, buscamos responder, nesta pesquisa, às seguintes questões:

- 1) Como os princípios da gramática de construções podem ser empregados em estudos que contemplem as construções de verbo-suporte?
- 2) A gramática de construções pode contribuir com a análise das expressões cristalizadas e construções completamente esquemáticas?
- 3) De que forma o sentido do verbo CAIR está associado à construção de verbo-suporte?
- 4) Quais motivos favorecem o uso das construções com o verbo-suporte CAIR?

Para responder a essas perguntas, utilizamos como *corpus* de pesquisa os dados da interface de 2012 a 2019 do *Corpus* do Português Brasileiro (DAVIES, [2016]), pela sua atualidade e amplitude. O número de ocorrências desse verbo no *corpus* permite-nos verificar os vários contextos de uso do verbo CAIR, principalmente como verbo-suporte. Resolvemos fazer um estudo sincrônico porque a análise foi realizada com dados linguísticos atuais, para observarmos como as construções com o verbo-suporte CAIR são estabelecidas.

Esta dissertação é organizada em quatro capítulos, para analisar as construções com o verbo CAIR com ênfase no uso do verbo-suporte.

No primeiro capítulo, apresentamos o aporte teórico que fundamenta esta pesquisa. Discorremos sobre a concepção de língua e sobre alguns fatores que estão relacionados à língua em uso, como categorização, prototipicidade, iconicidade, perspectiva, informatividade, analogia e memória rica. Descrevemos também os princípios básicos da gramática de construções, de Goldberg (1995; 2006), cuja abordagem construcional se constitui como base teórica para a análise dos dados.

No segundo capítulo, discutimos alguns conceitos fundamentais sobre o verbo. Destarte abordamos a transitividade, a valência, categorias do verbo (pleno, estendido, suporte e expressão cristalizada) e a origem do verbo CAIR.

No terceiro capítulo, apresentamos os caminhos metodológicos da pesquisa. Discorremos sobre a metodologia de coleta de dados do *corpus* do português, discutimos o tipo da pesquisa, a constituição do *corpus*, a seleção dos dados e os procedimentos adotados para analisar os dados.

Por fim, o quarto capítulo é dedicado à análise e discussão dos dados. Analisamos as construções com verbo-suporte CAIR, conjugadas na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

1. ABORDAGEM COGNITIVO-FUNCIONAL DA LÍNGUA

Neste capítulo, serão discutidos alguns conceitos basilares da abordagem cognitivo-funcional caros à nossa pesquisa. No primeiro momento, será abordada a concepção de língua sob uma perspectiva cognitivo-funcional, bem como seus conceitos fundantes. Em seguida serão descritos os princípios básicos da gramática de construções e sua proposição para a análise das construções com o verbo-suporte CAIR.

Os teóricos que fundamentam este capítulo são Barros (2016); Bybee (2007, 2015, 2016); Bagno e Casseb-Galvão (2017); Croft (2001); Goldberg (1995, 2006); Traugott (2012, 2015); Traugott e Trousdale (2013) e Tomasello (2008).

1.1 Concepção de língua

A língua não é apenas um instrumento de comunicação, ela é um meio de interação social. Essa interação implica usá-la de maneira dinâmica e fluida para atingir objetivos específicos na atividade comunicativa. Percebe-se que a língua envolve os aspectos culturais e sociais de um grupo de falantes. Faz parte da vida humana e é por meio dela que as pessoas podem se comunicar e interagir socialmente. Assim, as relações sociais acontecem porque os falantes dispõem e conhecem a língua utilizada entre eles.

Nesse sentido, há uma relação produtiva entre língua, mente e o fator social. Essa articulação fundamenta-se nos aspectos cognitivos, sociointeracionais e culturais que emolduram as situações reais de uso (BARROS, 2016). Caminhando nessa mesma direção, Bertoque (2010, p. 17) compara a língua

com a coluna vertebral do corpo humano: há uma estrutura, rígida, firme, ao tempo que permite a movimentação do corpo. Não quer dizer que por ter uma estrutura, o corpo ficará engessado. A língua é um sistema que permite as relações interindividuais e se realiza de maneira dinâmica e fluida.

Torna-se possível perceber que a língua possibilita a interAÇÃO social e envolve outros domínios. Isso pode ser comprovado no esquema a seguir (Figura 1), proposto por Bertoque (2014, p. 63):

Figura 1 - Linguagem como processo de interAÇÃO social



Fonte: BERTOQUE (2014, p. 63).

Considerando-se a língua como um processo de interação, ela tende a variar, por estar em constante movimento e transformações. Estas ocorrem porque as pessoas estão em lugares diferentes, possuem culturas diversas e não fazem parte de um mesmo grupo social. A língua é estruturada de acordo com as necessidades de quem a utiliza, constituindo o que se denomina comunidade de fala.

Alguns autores (FIGUEROA, 1994; GUMPERZ; LEVINSON, 1996; HYMES, [1972] 2003; LABOV, 2008) citam a dificuldade de conceituação de comunidade de fala, o que origina múltiplas definições centradas em diferentes aspectos, sejam eles linguísticos, sociais, socioculturais e psicológicos.

Para Hymes (1972 [2003] *apud* FIGUEROA, 1994, p. 57), por exemplo, a comunidade de fala é “uma comunidade que compartilha regras para a conduta e interpretação da fala, e regras para a interpretação de, pelo menos, uma variedade linguística. Ambas as condições são necessárias”. O autor prioriza aspectos sociais em detrimento dos linguísticos na delimitação do conceito, defende a heterogeneidade da comunidade de fala e admite que um indivíduo

pode participar de diferentes comunidades de fala, o que torna a relação entre indivíduo e comunidade de fala bastante fluida.

Igualmente, Gumperz e Levinson (1996) apontam para a diversidade própria da comunidade de fala, uma vez que ela se constitui por uma variedade de redes de socialização associadas a padrões de usos e interpretações linguísticas. Contudo, eles reforçam o papel das redes sociais como unidades de análise pelo fato de que

os significados residem em práticas interpretativas e essas se localizam em redes sociais nas quais o indivíduo está socializado, então as unidades “cultura-” e “língua-” não são as nações, os grupos étnicos ou algo parecido... ao invés, são redes de indivíduos em interação. (GUMPERZ; LEVINSON, 1996, p. 11).¹

Nessa perspectiva, ancorada em Milroy (2002), nota-se que as *redes sociais* correspondem aos relacionamentos criados pelas pessoas para suprir as dificuldades da vida cotidiana. Tais redes podem variar de um indivíduo para outro e ser constituídas por ligações de diferentes tipos e intensidades. Apesar de pertencer a determinada comunidade de fala, as pessoas fazem uso da língua/fala em diferentes práticas que oferecem modelos diversos de variação no uso da fala e escrita. O falante faz uso da língua para atender às exigências necessárias de cada interação específica.

Milroy (2002) distingue entre redes de primeira ordem e de segunda ordem. As redes de primeira ordem são aquelas formadas por família e amigos; as redes de segunda ordem são compostas por pessoas com as quais o indivíduo passa boa parte do tempo, mas não confia a elas segredos, conselhos etc. Os indivíduos aprendem as características de uma comunidade de fala com aqueles que têm um primeiro contato, ou seja, com os familiares, formando, assim, sua identificação social, e, conseqüentemente, com as pessoas que se inserem em outras redes, formando redes sociais de interação que permeiam diversos grupos sociais (amigos, escola, igreja, trabalho). Alguns estudos realizados por Labov (1963) com marcas fonológicas e por Cheshire (1982) com marcas gramaticais mostram que, quanto mais integrado o sujeito está a uma rede, mais frequentemente tende a usar variantes

¹ Todas as citações originalmente em língua estrangeira foram traduzidas por mim.

locais/regionais, porém nem sempre o uso de uma variante, pode indexar significados sociais de um grupo social, sem valor regional.

Caminhando nessa direção, Chambers (1995) afirma que os elementos enriquecedores das redes são basicamente os mesmos em todo lugar: grau de parentesco, ambiente de trabalho e amizade. Labov (2008, p. 184), ao situar o estudo da língua no contexto social, propõe “o estudo da estrutura e evolução da língua dentro do contexto social da comunidade de fala”. Esse modo de olhar a língua permite analisar e descrever o uso de variáveis na língua dos indivíduos no contexto de uma comunidade de fala, uma vez que a língua continua funcionando, apesar da heterogeneidade, mesmo quando há mudança linguística, ou seja, apesar da variação e da mudança a língua funciona.

Para Labov (2008, p. 120 -121),

a comunidade de fala não é definida por nenhum acordo/contrato no uso de elementos de língua, mas pela participação em um jogo de normas compartilhadas; tais normas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos e pela uniformidade de modelos abstratos dos padrões da variação que são invariáveis em relação aos níveis particulares de uso.

Para Guy (2000, 2001), a comunidade de fala está vinculada à utilização de traços linguísticos (estrutura fonética, morfológica, sintática etc.) específicos e compartilhados por determinado grupo, que caracterizam o indivíduo como integrante dessa comunidade. De acordo com a proposta laboviana, Guy (2000, p. 18) apresenta algumas propriedades da “comunidade de fala”, que podem ser assim resumidas:

- a. Características linguísticas compartilhadas; isto é, palavras, sons ou construções gramaticais que são usados na comunidade, mas não o são fora dela;
- b. Densidade de comunicação interna relativamente alta; isto é, as pessoas normalmente falam com mais frequência com outras que estão dentro do grupo do que com aquelas que estão fora dele;
- c. Normas compartilhadas; isto é, atitudes em comum sobre o uso da língua, normas em comum sobre a direção da variação estilística, avaliações sociais em comum sobre variáveis linguísticas.

Assim, o modo de comunicação e a utilização de normas compartilhadas determinam a participação ou não dos indivíduos em uma comunidade de fala, pois, quanto mais alto o nível de exposição e interação dentro de um grupo, maior a absorção de traços linguísticos por parte de seus integrantes.

Weinreich, Labov e Herzog (2006) afirmam que um enunciado possui, além do significado representacional, a função de identificação do falante e de acomodação ao ouvinte e as regras gramaticais, que se adaptam à competência do falante conforme as restrições exigidas (sendo estas quantitativas). Portanto, essa definição engloba não somente traços definidos pela geografia da comunidade, mas também traços sociais.

A principal característica que mantém uma relativa homogeneidade em uma comunidade de fala são “as atitudes sociais em relação à língua que são extremamente uniformes numa comunidade de fala” (LABOV, 2008, p. 248). Em sintonia com essa discussão, Eckert (2000) discute o conceito de comunidade de prática. Ele defende a ideia de que tal comunidade é constituída por um conjunto de pessoas reunido em torno de um empreendimento particular, negociando e aprendendo práticas que contribuem para a satisfação de um objetivo comum; exemplos incluem grupos de adolescentes, da igreja, da escola, do trabalho etc. Lave e Wenger (1991), ao tratarem da comunidade de prática, acrescentam que os participantes das redes dividem conhecimentos e técnicas/habilidades, de forma colaborativa, em busca de certas soluções de esforços e práticas no período em que compartilham determinados valores, normas, atitudes, interesses, aspirações e até mesmo paixões. Isso possibilita a cada indivíduo optar por pertencer ou não à determinada comunidade de prática.

Milroy e Gordon (2003, p. 119) afirmam que “os indivíduos que são bem integrados em redes locais estão posicionados socialmente para acessar as múltiplas comunidades de prática”. No que tange aos jogos de linguagem, estes seriam modos de usar signos mais simples do que aqueles que utilizamos em nossa linguagem diária. Tais signos estariam nas formas primitivas de linguagem, como aquelas em que uma criança começa a utilizar as palavras (WITTGENSTEIN, 2000).

Desse modo, podemos observar que as relações regulares entre língua e estrutura social são altamente marcadas e permitem evidências de classe

social, idade, sexo e etnia, dentre outras categorias, as quais podem ser identificadas por meio da análise do uso de certas normas linguísticas.

Nesse sentido, as pessoas estão ligadas a uma multiplicidade de redes de relacionamentos e, para participar dessas redes, o falante faz usos e escolhas a partir de seu repertório de fala. Isso implica que a ideia de comunidade de fala pode ser complementada pelas noções de redes sociais e comunidade de prática.

A discussão acerca de comunidade de fala conduz-nos à compreensão de língua como um fato eminentemente social. Meillet (1948) defende que isso ocorre pelo fato de os seres humanos fazerem uso dela para se comunicar, tornando-a algo primordial, extraordinário e, obviamente, uma das formas de distingui-lo dos outros seres. Na mesma perspectiva, Tomasello (2008) aponta que a língua é constituída pela interação entre os indivíduos, a partir de eventos compartilhados e estruturas que são cognitivamente armazenadas. A cada interação surgem novas construções ou, no mínimo, novas significações, por ser um momento de troca de experiências.

Bagno (2009) defende a ideia de que, para entender nossa língua, precisamos primeiro assumir sua forma concreta, cultural e social, tendo o pleno conhecimento de que ela está sempre sofrendo mudanças. É incoerente dizer, portanto, que só possuem o domínio da língua aqueles que sabem nomear e classificar os elementos gramaticais. Nossa fundamentação de língua – processo de interação social – ajuda-nos a compreender que a “gramática é uma das engrenagens desse processo, por isso, a sintaxe está a serviço dos falantes e só produz sentido se estudarmos os fenômenos linguísticos, considerando todo o processo de linguagem” (BERTOQUE, 2010, p. 5).

Para Traugott e Trousdale (2013), a língua assemelha-se a uma rede que, em seu todo, pode ter relativa estabilidade. Entretanto, no interior da rede, existem graus de instabilidade que possibilitam ou causam mudanças. Levar em conta que a língua sofre mudanças implica reconhecer que ela não é estática ou meramente formal, mas que sua perspectiva dual e inerente de forma e sentido (interfaces) pode sofrer alterações por meio do uso, resultando em mudanças em uma ou outra face ou nas duas interfaces de uma construção linguística.

Ao definir a língua, Bybee (2010) compara-a com as dunas de areia, pelo fato de possuírem formato e estrutura regulares, mas também exibirem tamanha variação a depender do tempo. Do mesmo modo, a língua é um fenômeno que exibe estrutura aparente e regular em seu padrão, mas apresenta variação considerável em todos os níveis.

A língua é motivada e desenvolve-se a partir da necessidade de comunicação, que tem como fundamentos a intencionalidade compartilhada e a comunicação cooperativa – ou seja, ela é genuinamente interacional. A noção de língua está fortemente relacionada com o processo de interação. Tomasello (2008, p. 13) explica que

os aspectos mais fundamentais da comunicação humana são vistos como adaptações biológicas para a cooperação e a interação social em geral, ao passo que as dimensões de linguagem mais puramente linguísticas, incluindo as gramaticais, são culturalmente construídas e transmitidas por comunidades linguísticas individuais.

Barros (2016) afirma que a língua se manifesta no uso e é uma consequência do arranjo harmônico entre elementos linguísticos cognitivamente articulados. A autora conceitua língua como uma rede de construções, definidas genericamente como pareamento entre a forma e o significado.

Sob a plêiade de Furtado da Cunha (2013), percebe-se que a língua é uma estrutura em constante mutação e adaptação, o que reflete a instabilidade da construção do discurso e das diferentes necessidades do indivíduo. Entende-se, portanto, que o sistema linguístico se adapta às necessidades comunicativas.

1.2 Alguns conceitos da abordagem cognitivo-funcional

A abordagem cognitivo-funcional é uma corrente linguística que concebe a linguagem como processo de interação social e a língua como um sistema que recebe influências e influencia as relações sociais, tendo caráter fluido, inacabado e dinâmico. Nessa perspectiva, a descrição linguística deve preocupar-se não apenas com a forma, mas também com o sentido, ou seja,

deve observar as relações fonológicas, morfológicas e/ou sintáticas articuladas às relações semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais das construções.

As construções são pareamento de forma e função, em que as relações se referem aos contextos internos, correspondendo às influências do entorno da forma linguística. Já os contextos externos correspondem aos aspectos funcionais que influenciam a constituição da construção, desde as influências cognitivas até as discursivo-pragmáticas. Existem casos, porém, em que os contextos de uso em perspectiva sincrônica revelam toda a gama de estágios intermediários de uma mudança linguística, o falante tende a usar novas formas de dizer a mesma coisa em um contexto comunicativo para melhor ser compreendido.

Seguindo essa perspectiva teórica, esta pesquisa analisará as construções do verbo CAIR com ênfase em seu uso como verbo-suporte, como por exemplo, *caiu na risada*, *caiu em desgraça*, *caiu na gargalhada*, *caiu no sono* e *caiu em declínio*. É sabido que a estruturação sintática é motivada por seu contexto de uso. Não apenas a estruturação, mas todas as relações gramaticais emergem do uso e são passíveis de sofrer influências de fatores externos à estrutura da língua. São essas influências que procuramos observar e demonstrar neste trabalho.

Para a abordagem cognitivo-funcional, a língua adapta-se às necessidades do falante, ou seja, nos diferentes contextos de uso, as escolhas linguísticas realizadas pelo falante no processo interacional buscam organizar o discurso, de forma a atender suas necessidades comunicacionais (MARTELOTTA, 2011). Tal fato pode ser visto quando constatamos que, apesar de existir um padrão na gramática da língua portuguesa, a saber, SVO (sujeito–verbo–objeto), o falante pode optar por construir uma estrutura marcada, topicalizada, para ressaltar a importância de um dos constituintes da sentença.

Para a linguística cognitivo-funcional, não seria possível negar a existência de universais linguísticos, ao contrário do que era defendido pelo gerativismo. Segundo essa corrente de estudos, os universais estão associados à noção de que, por termos experiências de mundo similares, é possível estruturar eventos linguísticos de modo similar (GOLDBERG, 2006).

No momento em que surgem ambiguidades no uso, afastando-se o item de seu lugar prototípico na categoria, há a ocorrência de um contexto atípico (BYBEE, 2010). Se essa ambiguidade é ampliada sintática e semanticamente, consolidando novos usos diversos do contexto típico, surge o contexto crítico, com novos significados gramaticais. Consequentemente, caso esses novos usos sejam convencionalizados semântica e pragmaticamente, com novo par de forma e sentido, o contexto crítico será denominado contexto de isolamento (BYBEE, 2010). Isso acontece com o nosso objeto de estudo, pois a categoria sintática do verbo CAIR é apresentada pela gramática normativa como um verbo intransitivo, ou seja, que não precisa de complemento, porém quando utilizado nos contextos comunicacionais, percebemos que a transitividade desse verbo vai muito além de questões sintáticas. Esse verbo adquiri novos significados na língua, pois o falante o utiliza de modos diversos. Ao analisar o verbo como verbo-suporte, percebemos que a amplitude de significação é de fato muito superior, e reduzir o verbo apenas a sua função sintática é pensarmos na língua engessada, é justamente isso que pretendemos demonstrar, que a língua em uso, tanto falada quanto escrita demanda muito mais de contextos pragmáticos e sintagmáticos.

Na abordagem cognitivo-funcional, podemos analisar o conhecimento compartilhado utilizado em uma situação similar. A expressão “por favor”, por exemplo, constitui uma estratégia de polidez usada quando a obtenção de um item desejado é facilitada. Em outra ocasião em que o indivíduo desejar um novo item, é possível que ele recorra ao “por favor” novamente ou a uma forma similar para formular o enunciado.

Essa noção é reafirmada por Martelotta (2011), quando defende que todas as relações cognitivas são perceptíveis na interação. Reconhecer que a língua se adapta às necessidades do falante é entender que, dentro dos diferentes contextos, é possível adaptar as regras gerais da língua para organizar seu discurso, de forma a atender as necessidades comunicacionais. Assim, o indivíduo pode fazer usos diversos de termos que talvez nunca tenham sido mencionados e trazer para o discurso uma nova forma e função que começará a ser usada e integralizará esse discurso. É a partir de um número suficiente de experiências semelhantes armazenadas que o indivíduo

consegue reelaborar padrões e gerar novos usos para formas existentes (BYBEE, 2015; GOLDBERG, 2006).

Desse modo, não apenas as escolhas linguísticas, sintáticas e lexicais fazem-se presentes, como também o conhecimento da cultura armazenado e compartilhado pelos indivíduos, advindo de uma habilidade da mente de guardar e acessar experiências. Essas experiências são responsáveis pelo modo como o indivíduo constrói os significados que emprega linguisticamente (LANGACKER, 2013).

Barros (2016), sob a plêiade da perspectiva cognitivo-funcional, aponta que os fatores cognitivos, sociocomunicativos e linguísticos motivam a língua, uma vez que as habilidades cognitivas gerais motivam o componente cognitivo da linguagem. Essas habilidades cognitivas são responsáveis por organizar, estruturar e realizar as mudanças na língua, operando com outras categorias de orientação funcional-cognitiva que têm a responsabilidade de gerir aspectos internos e externos da língua: categorização, prototipicidade, iconicidade, perspectiva, informatividade, analogia e memória rica. Na próxima subseção, discutiremos essas categorias.

Em suma, a abordagem cognitivo-funcional da língua consiste na exploração de fenômenos cognitivos, socioculturais e históricos, além dos aspectos formais e funcionais inerentes à organização e processabilidade comunicativa.

1.2.1 Categorização e prototipicidade

A categorização é uma habilidade cognitiva que o ser humano possui de formar categorias e está relacionada à organização e ao armazenamento das informações conceptualizadas do mundo.

Nos estudos de Aristóteles, podemos observar a preocupação com o processo de nomear, definir e categorizar. A ciência cognitiva mudou a maneira de ver como o cérebro humano categoriza as coisas no mundo. Assim, a categorização, que antes era vista como um processo cognitivo individual, torna-se parte imanente do processo cultural e social de construção da realidade, a partir do qual se organizam os conceitos.

Dessa maneira, a informação perceptiva é de suma importância para a definição das extensões de uma categoria, pois a categorização considera as informações empíricas do mundo. Nela, o reconhecimento das similaridades e das diferenças possibilita a criação de um conhecimento novo (LIMA, 2007 *apud* COSTA, 2007).

Rosch (1975) foi uma das precursoras na transformação da categorização em objeto de pesquisa. Ela formulou o modelo de protótipo baseado na tese de que, se no modelo clássico as categorias são definidas tão somente pelas propriedades que todos os membros da classe possuem, então nenhum membro pode exemplificar a categoria do outro (ROSCH, 1975). Esse modelo sustenta que as categorias são protótipos centrais. Um item é considerado membro de uma categoria não por possuir determinado atributo ou não, mas se as suas dimensões se aproximam das dimensões ideais de sua classe.

De acordo com o modelo de protótipo, os conceitos são representados por um grupo de características, não por suas definições. Um novo membro é categorizado como um tipo de conceito se for similar ao seu protótipo. O agrupamento desses protótipos em uma dada categoria dar-se-ia não pela alternância dos traços binários, mas pela semelhança com o protótipo, em que o membro condensasse os traços mais característicos da categoria (LIMA, 2007).

Givón (2002) considera quatro propriedades básicas para os padrões de relações prototípicas:

1. A primeira diria respeito aos itens que apresentam propriedades múltiplas – os itens não são determinados por apenas um critério, mas por várias características (centrais, periféricas ou compartilhadas com diferentes categorias) que os tornam facilmente reconhecidos como representantes de uma categoria;
2. A segunda estaria ligada aos que são prototipicamente selecionados, ou seja, os itens com o maior número de características que os consagram em uma categoria, muito embora haja a possibilidade de que, em uma mesma categoria, outros itens com menos características possam ser enquadrados;

3. A terceira já está relacionada aos que possuem uma forte associação das características – normalmente os itens de uma mesma categoria natural que tendem a compartilhar características semelhantes, existindo uma grande possibilidade de que apresentem diversas outras características daquela mesma categoria;
4. A quarta e última refere-se ao agrupamento por meio da média categorial, como consequência lógica da terceira propriedade, isto é, a formação de uma categoria tende a girar em torno de um item que possua diversas características, o item prototípico; os itens periféricos, com características ambíguas e/ou isoladas, normalmente aparecem em uma quantidade menor na categoria.

Existe também uma aproximação conceptual e funcional entre os parâmetros da prototipicidade e os critérios de marcação. A frequência textual de um membro categórico satisfaz a definição de protótipo, que corresponde ao critério de frequência de marcação. Em uma categoria, a marca zero dos membros centrais faz evocar o critério estrutural de marcação (entidades mais recorrentes são menos marcadas formalmente). A combinação de valores que define o protótipo é não marcada, e qualquer outra combinação de valores é marcada para um maior ou menor grau, dependendo de quão aberta é a combinação para uma série prototípica de valores. Em muitos casos, há mais de uma combinação não marcada de valores (CROFT, 1990).

O uso da língua cria as categorias e unidades linguísticas, estruturas sequenciais tais como construções e constituintes. Consequentemente, como o cérebro lida com semelhanças e diferenças entre as ocorrências e como a repetição de ocorrências afeta as representações, as construções são *chunks* (encadeamentos) em que sequências de unidades se unem e assumem outro sentido ao formarem unidades mais complexas.

A esquematicidade é uma propriedade de categorização que envolve abstração dos esquemas linguísticos. O grau de esquematicidade diz respeito aos níveis de generalização ou de especificação e até que ponto as partes do sistema são ricas em detalhes (LANGACKER, 2009).

De acordo com Traugott e Trousdale (2013, p. 13), a esquematicidade “é uma propriedade da categorização que envolve fundamentalmente abstração. Um esquema é uma generalização taxionômica de categorias, sejam

linguísticas ou não”. Esses autores defendem que “esquemas linguísticos são abstratos, grupos de construções semanticamente gerais, tanto procedurais quanto contedísticas”.

Goldberg (2006) sugere a hipótese de que os falantes não têm somente “conhecimento de itens específicos” sobre determinadas expressões, mas também “conhecimento generalizado ou esquemático” sobre elas. Para Bybee (2010), a dimensão da esquematicidade é uma condição para que haja uma construção. Irmanada a essa assertiva, Barros (2016) afirma que a construção deve ter, no mínimo, uma categoria esquemática. É importante observarmos, portanto, que a representação de uma categoria está ligada à noção de prototipicidade.

Por esse motivo, é importante observar como a dinamicidade nos permite entender que um mesmo item pode ser empregado de formas diversas para melhor atender às necessidades do falante, mas essas mudanças não ocorrem de modo aleatório.

1.2.2 Iconicidade

A iconicidade está relacionada à articulação dos planos da expressão e do conteúdo dentro dos paradigmas funcionais (VIEIRA, 2016). Ela é uma tentativa de representar, na língua, os acontecimentos do mundo. Esse princípio é definido como a correlação natural e motivada entre a forma e a função, ou mesmo entre o código linguístico que seria a expressão e seu significado, o conteúdo.

A motivação da gramática universal para a aproximação funcionalista é também biológica, porém centrada no conceito evolutivo de adaptação ao meio. A iconicidade da linguagem é apresentada como um fenômeno motivador funcional de muitas estruturas e como elementos de validação psicológica, já que está relacionada à habilidade cognitiva do tipo geral.

Pelo fato de a linguagem ser uma faculdade humana, a estrutura linguística revela o funcionamento da mente, do mesmo modo que as propriedades da conceptualização do mundo. Bolinger (1977) define iconicidade como uma relação isomórfica, de um para um, entre forma e conteúdo. Isso significa dizer que, para cada forma de dizer algo, existe uma

outra forma de significação. Todavia, a definição desse autor demonstra que, em um processo de mudança e de variação, encontramos duas ou mais formas alternativas de dizer a mesma coisa, seja ela na modalidade escrita ou falada.

A língua é heterogênea e está sujeita a variações e mudanças no espaço e no tempo. Nesse sentido, o sistema linguístico não é homogêneo, pois é constituído de regras variáveis, que atuam em todos os níveis linguísticos: fonológico, morfológico, sintático, lexical e discursivo. Essas regras variáveis são passíveis de sistematização. Assim, a língua é constituída de variedades linguísticas, também chamadas de dialetos.

Constata-se que a língua que utilizamos muda, de alguma maneira, para adaptar-se ao interlocutor e ao contexto de situação. A mudança, portanto, é inerente à fala e à própria comunidade de fala e está relacionada aos diferentes papéis sociais exercidos por cada um dos participantes.

Cunha (2016) apresenta um exemplo bem simples a respeito dessa mudança de forma e significado, em que o item, “entretanto”, hoje, tem um valor opositivo que justifica sua classificação como conjunção adversativa (“Estudou muito, entretanto não passou”). O uso desse item, portanto, é totalmente distinto do de advérbio temporal no português arcaico, cujo significado correspondia às locuções adverbiais “enquanto isso” e “ao mesmo tempo”.

Desse modo, o princípio da iconicidade é dividido em três subprincípios, que se relacionam com a quantidade de informação, o grau de integração entre os constituintes da expressão e do conteúdo e a ordenação sequencial dos segmentos. De acordo com o subprincípio da quantidade, quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma, demonstrando que a estrutura de uma construção gramatical indica a estrutura do conceito que ela expressa. Já o subprincípio da integração revela que os conteúdos que estão mais próximos também estarão mais integrados. Tudo o que está mais próximo mentalmente se torna mais próximo sintaticamente. O subprincípio da ordenação sequencial aborda uma temática um tanto distinta dos dois primeiros, na medida em que a ordenação das orações tende a espelhar a sequência temporal em que os fatos acontecem, o que significa dizer que a alteração dessa descrição acarretaria uma mudança real dos fatos.

Assim, estes três subprincípios reafirmam a ideia de que a língua é um reflexo de como nos relacionamos com o mundo. Como os tipos de construções estão associadas aos princípios cognitivos de como concebemos o mundo, quanto mais complexo o acontecimento vivenciado, mais complexa será sua representação linguística.

1.2.3 Perspectiva

A perspectiva consiste em uma capacidade cognitiva de mostrar que falar implica sempre uma escolha. Por exemplo, para designar “estrela”, o falante pode escolher diferentes modos de expressar essa palavra – ele pode dizer que é um ponto de luz ou uma constelação. Ao designar o mesmo fenômeno, o falante pode utilizar expressões semanticamente diferentes que refletem diferentes conceptualizações.

A capacidade de perspectivação conceptual é muito explorada por Langacker (2008) e Talmy (2000). Esses autores têm evidenciado a função central da gramática, conduzindo a uma reinterpretação das categorias gramaticais, que passam a ser estudadas a partir do seu significado.

Langacker (2008) desenvolve o que chama de gramática cognitiva. O autor defende que todo significado é conceptualizado e que as categorias gramaticais impõem determinada perspectiva ao conteúdo conceptual que designam. Assim, a gramática é um inventário estruturado de unidades simbólicas, e cada unidade pode ser definida em termos esquemáticos e prototípicos, do mesmo modo que entre sintaxe e léxico não há fronteiras, mas sim um *continuum*. Talmy (2000), por sua vez, tem estudado os tipos específicos de perspectivação conceptual que são normalmente expressos pelo subsistema gramatical (no sentido mais restrito da sintaxe e da morfologia) e dificilmente pelo subsistema lexical.

A capacidade de perspectivação conceptual é um fenômeno multifacetado e multidimensional. Langacker (2008) e Talmy (2000) propõem classificações das operações de perspectivação conceptual. Uma das operações mais conhecidas é o alinhamento assimétrico figura/fundo.

Para Langacker (1987), os domínios do espaço e do tempo são determinantes para a distinção entre nomes e verbos. O autor considera essa

distinção não como uma categoria esquemática autônoma, mas como uma instanciação da organização figura/fundo. Os nomes exprimem coisas e são perspectivados em termos de agrupamento, enquanto os verbos exprimem processos e são construídos em termos de escaneamento sequencial de uma relação temporalmente manifestada.

O significado de um item lexical designa ou perfila uma subestrutura em uma estrutura mais ampla, e o conhecimento da sua base faz parte do significado desse item. O mesmo ocorre com uma construção sintática, em que determinada construção impõe um perfil à interpretação de uma situação (LANGACKER, 1987, 1991).

A perspectivação conceptual consiste no fato de entidades e situações poderem ser conceptualizadas em diferentes níveis de esquematicidade/especificidade. Por exemplo, pode-se dizer que uma árvore que dá pinhões comestíveis é um pinheiro manso, um pinheiro ou simplesmente uma árvore.

Outro tipo de perspectivação conceptual consiste em conceptualizar algo em relação a outra coisa. Por exemplo, o tempo gramatical é determinado por relação com o agora do ato de fala, sendo, por isso, uma categoria dêitica, assim como os pronomes pessoais e os advérbios de lugar e de tempo. Do mesmo modo, existe uma forma de conceptualizar em relação a algo, a exemplo da metáfora, da metonímia ou do contraste. Essas e outras operações de perspectivação conceptual têm sido objeto de sistematização e classificação (LANGACKER, 2008).

Assim, a cognição relaciona-se com o ato de fala e tem a ver com o conhecimento do evento descrito pelo locutor e as inferências deste quanto à capacidade de o interlocutor identificar o que está a ser descrito. Intenção, vontade, objetivo, desejo etc. são exemplos desta categoria.

1.2.4 Informatividade

Para Cunha (2016), o princípio de informatividade relaciona-se ao conhecimento que os interlocutores compartilham ou, no mínimo, supõem que compartilham durante a interação verbal. Já para Barros (2016), a informatividade envolve os interlocutores no ato comunicativo, que são livres

para expor seu ponto de vista sobre determinado acontecimento. É claro que os eventos são selecionados para informar apenas o que é conveniente para o interlocutor.

Por esse motivo, a informatividade une a estrutura às funções pragmáticas e discursivo-funcionais, determinadas por García (1996) como *figura e fundo*. García (1996) entende figura como parte central do enunciado, a que recebe mais enfoque, ao passo que o fundo possui vários elementos que estão a serviço da figura e configura-se como a parte opcional do enunciado. Destaca-se que, se um dos elementos que fazem parte do fundo receber destaque, ele pode deixar de ser fundo e passar a ser figura. Dependendo do que o falante quer informar, algumas partes do enunciado podem se tornar mais importantes; caso isso ocorra, esse elemento precisa ser, de alguma forma, marcado.

1.2.5 Analogia

O processamento analógico é a base da capacidade humana para criar enunciados. Diante disso, a fala e a escrita constituem-se de sequências de palavras pré-fabricadas, ou seja, construções. Notamos, portanto, que as construções são formadas por *chunks* (sequências linguísticas convencionalmente usadas juntas que têm significados especiais ou outras propriedades), mas seus constituintes não são invariáveis: construções contam com posições esquemáticas que compreendem conjuntos de itens estocados em categorias (BYBEE, 2016).

Nessa perspectiva, Bybee (2016) aponta a analogia como mecanismo de processamento e de regularização morfológica e como mecanismo primário de criatividade morfossintática, assim como mecanismo menor de mudança fonológica. A natureza do processamento analógico e a evidência para a extensão de construções são frequentemente pensadas como o mecanismo por trás da regularização morfológica.

A maioria dos pesquisadores usam o termo “analogia” para se referir ao uso de um novo item em um padrão existente, com base em exemplares específicos armazenados. A analogia opõe-se à produtividade regida por regras porque se fundamenta na similaridade entre itens existentes, não em

regras simbólicas mais gerais: A analogia “se refere ao processo pelo qual o usuário passa a usar um novo item numa construção” (BYBEE, 2016, p. 99).

Bybee e Eddington (2006) discutem a analogia na mudança linguística. Segundo eles, na história linguística o termo “analogia” e seus processos associados eram frequentemente invocados para descrever mudanças morfofonêmicas em paradigmas morfológicos. Em se tratando de mudança existem dois tipos: nivelamento analógico, o qual indica a perda de uma alternância no paradigma, e extensão analógica, pela qual uma alternância é introduzida em um paradigma que não a continha antes.

Destarte, é de suma importância lembrar que o processo de mudança não é descrito como perda de uma alternância, pois o que acontece é a criação de uma forma nova. Não se perde a forma antiga, ela simplesmente passa a existir juntamente com a forma nova. Com o nosso objeto de estudo, isso não é diferente: há várias formas disponíveis, cabendo ao falante definir qual forma usar em determinada situação sociocomunicativa, pois foram criadas categorias para o verbo CAIR, mas a categoria de pleno não deixou de existir nem de ser usada.

1.2.6 Memória rica

Os processos de categorização, assim como os de analogia, envolvem o acesso a itens que estão armazenados na memória. É a partir das interações que o ser humano estabelece com o mundo que as informações são armazenadas na memória para, em determinado momento, ser acionadas em uma situação comunicativa.

A memória rica é uma atividade cognitiva básica que compila informações a partir de experiências de mundo. Quando se refere à língua, envolve os sons que combinam entre si para a formação de palavras, as palavras em si e seus diferentes significados, bem como as situações de interação e o contexto que possibilitam que essas palavras assumam diferentes significados. Segundo Goldberg (2006), o indivíduo também compila mentalmente estruturas, padrões linguísticos completos e construções. Isso significa que as experiências, todas elas, sejam linguísticas ou não, afetam a

forma como conceptualizamos e descrevemos o mundo, pois elas estruturam as representações cognitivas e impactam a estrutura neurológica.

Ao abordar a relação entre memória rica e língua, Bybee (2010) defende que é graças à memória rica e à capacidade de formar generalizações que conseguimos lidar com a forma complexa e sistemática da comunicação.

Nesse sentido, a memória rica é responsável por armazenar informações complexas (por exemplo, como determinadas expressões assumem diferentes significados dependendo de seu contexto de uso). Do mesmo modo, a generalização é responsável por armazenar abstrações da língua que permitem gerar um esquema funcional para formular categorias. Vale lembrar que, sem esses processos, não seria possível armazenar todos os elementos necessários à comunicação e à interação humana.

Com isso, podemos afirmar que todos os processos de domínio cognitivo básico estão interligados, a saber: a formação de categorias a partir de um membro prototípico; a frequência com que os itens e/ou as estruturas são acionados na memória e se tornam favoráveis ou resistentes ao processo de analogia; a maneira em que organizamos nosso enunciado para interagir com o outro. Todos esses processos estão associados a representações de situações similares armazenadas na memória.

Assim, os fatores cognitivos e interativos comprovam que a gramática confere sustentação ao uso, mas é o uso que molda a gramática. Tais diretrizes também estão presentes na gramática de construções, teoria adotada na análise deste trabalho e desenvolvida na próxima subseção.

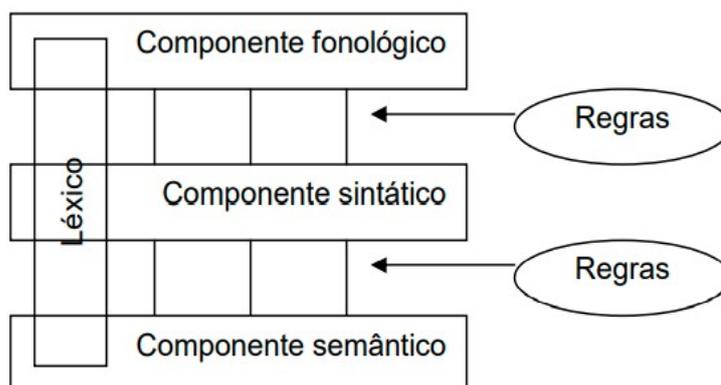
1.3 Gramática de construções

De acordo com Croft e Cruse (2004), a abordagem construcionista da linguagem surgiu como uma alternativa ao postulado da gramática gerativa. Para eles, o conhecimento gramatical é organizado em módulos, componentes da linguagem que governariam apenas um único tipo de propriedade da sentença (seja no campo fonológico, sintático ou semântico), e estariam ligados por meios de regras. Além desses três campos, existiria o léxico, formado pelas unidades básicas das combinações sintáticas e que,

diferentemente dos demais componentes, forneceria a cada palavra sua estrutura sonora, sua função e seu significado.

Dessa forma, os três primeiros componentes, por fornecer apenas um tipo de informação, estariam no chamado eixo “horizontal”, enquanto o léxico, por angariar informações dos três tipos, seria enquadrado em um eixo “vertical”:

Figura 2 - Organização do conhecimento gramatical



Fonte: CROFT; CRUSE (2004, p. 227).

Desse modo, a noção de construção, mesmo que tomada no sentido mais tradicional da palavra, aconteceria pela soma de suas partes. As expressões sintáticas, independentes de seu grau de esquematicidade/idiomaticidade, têm em si regras de interpretação semântica (CROFT; CRUSE, 2004, p. 253), o que permite estabelecer um *continuum* entre sintaxe e semântica. O mesmo pode ser dito em relação à morfologia e ao léxico, uma vez que morfologia e sintaxe se diferenciam por uma questão estrutural: enquanto os morfemas estão limitados à palavra, palavras são morfologicamente livres na frase.

Os modelos de gramática propostos pela abordagem cognitivo-funcional compartilham a perspectiva não modular da linguagem, caracterizada pelo estabelecimento de um *continuum* sintaxe-léxico e pela concepção simbólica da estrutura linguística. As contribuições da abordagem cognitivo-funcional fundamentam um conjunto substancial de análises gramaticais de várias outras línguas.

A gramática de construções apresenta basicamente três: a) a gramática cognitiva, de Langacker (1987, 1991); b) a gramática radical, de Croft (1999, 2001) e c) a gramática de construções, de Goldberg (1995, 2006). Esses

modelos não caracterizam necessariamente uma oposição, mas sim áreas complementares de investigação do fenômeno linguístico.

O termo *gramática cognitiva*, cunhado por Langacker (1987), designa um modelo descritivo-explicativo que concebe a gramática como inventário estruturado de unidades simbólicas. Essa acepção do termo “gramática” assume que toda expressão linguística é um símbolo, formado pela associação de forma e sentido.

Na visão de Croft (1999, 2001), as construções são primitivas da análise linguística, na medida em que categorias lexicais e sintáticas são definidas a partir delas. Tais construções são entidades gramaticais independentes e existem na mente como conjuntos integrados maiores que a soma das suas categorias e relações constitutivas. Do mesmo modo, são unidades simbólicas, complexas de forma e função, e possuem morfologia, sintaxe e semântica distintas. Existem vários graus de esquematicidade, assim como há um *continuum* entre expressões idiomáticas preenchidas lexicalmente e esquemas altamente abstratos, tais como SUJ V OB1 OB2.

O paradigma da gramática de construções, cujas principais referências são Fillmore (1968) e Goldberg (1995, 2006), parte da noção de pareamento forma–significado para discutir a ideia de composicionalidade, recorrente na literatura semântica. As construções gramaticais passam a ser caracterizadas como estruturas formais cujas características semânticas não são previsíveis a partir de suas partes componentes, nem a partir de outras construções previamente estabelecidas. Além disso, o paradigma estabelece uma distinção entre significado lexical e significado construcional, propondo parâmetros de correspondência entre verbo e construção.

A gramática de construções leva em consideração a relação entre sintaxe, semântica e pragmática. A relação entre sintaxe e semântica manifesta-se na relação forma–significado das construções, e a importância da pragmática é evidenciada pelo fato de a gramática de construções privilegiar o uso da língua, levando em conta o conhecimento geral do mundo e as preferências cognitivas dos falantes para a análise das construções.

Tomando-se como base os princípios da gramática de construções, com ênfase na abordagem construcional, de Goldberg (1995; 2006), buscaremos analisar o comportamento do verbo-suporte CAIR nas diferentes construções

em que o verbo pode ocorrer, estabelecendo, com isso, um levantamento de seus padrões sintáticos e semânticos. A gramática de uma língua natural é composta de construções. Estas são unidades linguísticas básicas, definidas por Goldberg (1995, 2006) e Croft (2001) como um pareamento de forma e de significado, que representa a unidade básica da língua. A construção é qualquer elemento formal, independente de tamanho, que esteja associado a um significado, a uma função pragmática ou a uma estrutura informacional. Essa definição de construção cobre uma variedade de unidades linguísticas: morfemas simples; palavras multimorfêmicas; expressões idiomáticas; sintagmas fixos com significado composicional e padrões sintáticos abstratos.

Para Goldberg (1995), as construções carregam significado, independentemente das palavras presentes na sentença. Já Bagno e Casseb-Galvão (2017, p. 30) “consideram qualquer pareamento de forma e significado como uma construção e definem a língua como um conjunto, uma rede de construções”. Seguindo-se essa perspectiva, percebe-se que, em uma construção, a forma e o significado estão imbricados e não existe primazia de um sobre o outro. O vínculo simbólico entre ambos é essencial para se compreender as relações de representação e significação nas línguas e presume uma correlação dos traços sintáticos e semântico-discursivos. A construção é instanciada no momento de uso efetivo da língua. Portanto, é abstrata, um padrão de uso (BARROS, 2016).

Goldberg (1995) distingue as construções de acordo com o nível de complexidade interna, definindo-as como *construções lexicais* e *construções sintáticas*. Nesse sentido, não há dúvida de que uma grande quantidade de informação é constituída por itens lexicais individuais. Isso também é perceptível quando verificamos estruturas semânticas particulares, juntamente com sua expressão formal associada, que devem ser reconhecidas como construções independentes dos itens lexicais que as instanciam.

As estruturas sintáticas de uma língua não podem ser descritas somente segundo critérios sintáticos ou morfossintáticos, muito menos se se levar em conta as propriedades sintáticas e semânticas dos verbos que as integram. As construções sintáticas, na verdade, possuem estruturas semânticas próprias. Assim, o significado da construção não corresponde à soma dos significados das unidades lexicais que possui.

Dessa maneira, tanto as construções gramaticais quanto as unidades lexicais são combinações de forma e significado, um *continuum* léxico-sintático. Infere-se que as gramáticas das línguas são compostas por pares de esquemas conceptuais e padrões gramaticais que se inter-relacionam, ou seja, os esquemas associados às formas sintáticas representam a experiência humana e são ferramentas imprescindíveis para a compreensão dos eventos no mundo.

Goldberg e Jackendoff (2004, p. 532-533), ao tratar da gramática de construções, afirmam:

Na visão construcional: a. Há um *cline* dos fenômenos gramaticais desde o mais geral ao mais idiossincrático; b. Tudo neste *cline* está estabelecido num formato comum, desde o mais particular (como palavras individuais), até o mais geral (como as posições dos verbos), com várias sub-regularidades entre os princípios. Dessa maneira, não se determina divisão entre léxico e regras; c. No nível da sintaxe da frase, as partes ligadas aos seus sentidos de forma convencional e parcialmente idiossincráticas são construções.

Por consequência, a língua é estudada em *cline*, desde as análises de uma palavra até os esquemas mais abstratos, o que indica que as construções podem existir em níveis mais específicos e mais gerais. Segundo Silva (2017, p. 39-40), Croft entende que

[a]s construções são unidades fundamentalmente simbólicas, ou seja, são unidades porque são constituídas por um entrincheiramento de forma e significado e simbólicas por serem uma representação cognitiva. Nessa concepção, “significado” traz os aspectos convencionalizados, incluindo: os componentes semânticos da situação descrita pelo enunciado; o conteúdo; os papéis semânticos; as propriedades do discurso em que os enunciados se constituem por meio dos elementos que contribuem para a progressão temática do texto, além de trazer relações que refletem aspectos conceituais, representacionais e informacionais. “Significado” abarca também os componentes pragmáticos, relativos aos interlocutores, que irão transmitir a intersubjetividade, subjetividade, objetividade, entre outros aspectos.

Para Silva (2017), a construção é um padrão para o uso, instanciado no uso da língua. As diversas construções existentes na língua são armazenadas cognitivamente e utilizadas pelos usuários conforme as necessidades

comunicativas, estando associadas aos contextos de uso. Assim, a partir da fusão entre forma e sentido, os significados são construídos no uso.

1.3.1 A mudança linguística sob a perspectiva construcionista

Atualmente, os estudos sobre a gramática de construções indicam que as mudanças linguísticas têm como parâmetros as construções. Amparados nesse apontamento, Bagno e Casseb-Galvão (2017) buscam compreender como as mudanças na língua estão instanciadas e discutem os mecanismos que motivam essas mudanças. Eles concluem:

O fator cognitivo “pensamento analógico” está relacionado à correspondência conceitual entre uma fonte original e determinada construção existente na língua com o qual mantém alguma similaridade em algum de seus aspectos. Essa similaridade se constitui um atrativo para se produzirem novos usos na língua. (BAGNO; CASSEB-GALVÃO, 2017, p. 30).

Segundo Barros (2016, p. 36), “a mudança é algo inerente à língua devido ao seu caráter dinâmico, e reconhecer esse dinamismo não significa necessariamente negar a existência de padrões regulares que orientam o uso linguístico”. Entre o regular e o dinâmico, a língua estabiliza-se.

Para abordar as mudanças linguísticas sob a perspectiva construcional, Traugott e Trousdale (2013) definem três passos: 1) inovação: um ouvinte interpreta determinado uso efetivo da língua (construto) de modo diferente do que o falante emitiu, e este reutiliza esse construto com um novo sentido estabelecido por ele; 2) convencionalização: outro ouvinte ouve o construto e passa a usá-lo em contextos específicos; 3) mudança: pode ocorrer uma *mudança construcional* (quando uma das interfaces muda) ou *construcionalização* (quando ocorre mudança de forma e sentido).

A inovação ocorre em um contexto mais particular, mas passa a ser coletivo quando se torna produtivo, migrando de um conhecimento específico para tornar-se um conhecimento generalizado (GOLDBERG, 2006). É lenta e gradativa, pois as mudanças processam-se em uma sequência de microsspassos. A mudança gramatical não é repentina, mas sim produzida por

alterações subjetivas e abstratas, movidas por questões cognitivas e contextuais.

Traugott e Trousdale (2013) explicam como a mudança no sistema linguístico se transforma com o uso, bem como desenvolvem formas de pensar a criação e a natureza das mudanças nas construções. Especificam os principais tipos de mudança, tanto os que afetam características de uma construção existente, quanto os de criação de um pareamento entre uma nova forma e um novo sentido. Os autores visam demonstrar como uma perspectiva construcional pode ser usada para repensar e incorporar aspectos de estudos sobre gramaticalização e lexicalização, buscando desenvolver um sistema que será de suma importância para o estudo das construções e mudanças das línguas em geral.

Traugott e Trousdale levantam três hipóteses: a primeira delas é a de que, enquanto certas propriedades da gramática, como os sistemas, as organizações hierárquicas e a herança são universais e compartilhadas como outros sistemas cognitivos, a gramática em si, entendida como o conhecimento de um sistema linguístico, é específica da língua, atada à estrutura da língua individual. A segunda hipótese é a de que a mudança se faz pela mudança no uso. A terceira hipótese é a de que a inovação constitui uma característica de uma mente individual. Para que uma inovação se torne uma mudança na língua, ela deve replicar-se por meio da população de falantes, o que resulta na convencionalização, na integração da inovação a uma tradição de fala e escrita. Inovação e propagação são, segundo Croft (2005, p. 5), “processos em conjunto necessários para a mudança da língua”.

Para que uma inovação se torne uma mudança na língua, ela deve se replicar por meio dos falantes, resultando a convencionalização e integração da inovação na tradição de fala e escrita. Inovação e propagação são, segundo Croft (2005, p. 5), “processos em conjunto necessários para a mudança da língua”.

Um dos questionamentos para a linguística é o modo como os usuários da língua adicionam representações mentais alternativas de uma expressão ao longo do tempo. Tal abordagem refere-se aos “mecanismos” (o “como”) da mudança, em contraste com as “motivações” (o “porquê”) da mudança. De acordo com Bybee e Hopper (2001, p. 190), os “mecanismos de mudança são

processos que ocorrem na medida em que a língua é utilizada, e estes são os processos que originam a língua”. Os autores discutem a neoanálise, (“reanálise”) em que o foco está na diferença da fonte. Quanto à analogização (“analogia”), o termo “analogia” tem focado a compatibilidade da fonte original com alguma construção de extensão considerada semelhante sob determinado aspecto.

1.3.2 Papéis temáticos

Podemos definir os papéis temáticos como as relações que estão diretamente ligadas ao significado dos verbos. Eles também podem ser denominados papéis semânticos, relações temáticas ou “casos semânticos”, esta última proposta por Fillmore (1968). Vale a pena lembrar que, apesar da origem desta noção de “caso” estar relacionada à de caso morfológicamente marcado, tais como o nominativo e o acusativo do latim, elas não são equivalentes. Nessa perspectiva, Cançado (2005, p. 111) define que “os papéis temáticos, quando vistos sob uma ótica semântica, também são assumidos como representações mentais; são noções que dizem respeito à ligação entre um conceito mental e o sentido do verbo”.

De certo modo, esses papéis temáticos fazem parte de uma representação do “significado conceitual” de um verbo – por exemplo, verbos de ação transitiva como “vender” possuem um *agente* e um *paciente*. No entanto, existem verbos que são sintaticamente transitivos, mas não descrevem uma “ação transitiva”: em “Maria adora as flores do Ypê”, Maria não faz nada e muito menos as flores do Ypê sofrem qualquer efeito. Percebemos que Maria é apenas uma experienciadora – experiencia alguma sensação física ou psíquica – e as flores são a origem ou a causa dessa sensação. Isso significa que os papéis temáticos são noções que explicitam o modo como os verbos representam mentalmente diferentes tipos de situações no mundo.

A associação entre papéis temáticos e funções gramaticais, como sujeito, objeto direto e complemento preposicionado, é um aspecto real da representação mental de certos verbos, quando atestamos que a noção de *agente* tem um reflexo sistemático na realização das funções gramaticais de

um verbo. No caso dos *agentes*, são sistematicamente realizados como o sujeito na voz ativa – isto é, na forma flexional mais simples do verbo.

Na gramática, um verbo de “ação transitiva” tem um *agente*, um *paciente* e, possivelmente, um *instrumento*, e esses argumentos correspondem ao sujeito, ao objeto direto e ao oblíquo, como no exemplo “João cortou o bolo com uma faca”. Por isso, falar de uma lista de papéis temáticos permite caracterizar aspectos do significado do verbo que são importantes para a realização de termos dependentes dele.

Os primeiros estudiosos a apresentar a noção de papéis temáticos foram Gruber (1965) em sua tese de doutorado, tendo sido popularizada por Fillmore (1968, 1971, 1977) e Jackendoff (1972). O estudo que colocou os papéis temáticos no centro da discussão gramatical contemporânea é o clássico “The case for case”, de Fillmore (1968). Nele, o autor discute um dos exemplos prototípicos das diferentes possibilidades de realização argumental, a chamada alternância causativa/incoativa:

- (a) João abriu a porta (com a chave).
- (b) A chave abriu a porta.
- (c) A porta abriu.

Podemos verificar que na oração (a) existem três argumentos do verbo “abrir”, aos quais Fillmore atribuiu três papéis temáticos assim classificados: como *agente* (João), objetivo (a porta) e instrumento (a chave). Notamos que as três frases permitem que alguns desses argumentos sejam omitidos. Elas estão relacionadas semanticamente, representando modos diferentes de conceber uma “situação” de abrir do mesmo evento. Se pensarmos em outras possibilidades, constataremos que os argumentos possuem exatamente os mesmos papéis temáticos, embora possam ter funções gramaticais diferentes. Assim, a chave é o instrumento em (a) e (b), embora seja um oblíquo na primeira e o sujeito da segunda; a porta é o *paciente* nas três, embora seja o objeto direto de (a) e (b) e o sujeito de (c). Do mesmo modo que os argumentos podem ser tomados pelo verbo, somente o *paciente* é obrigatório, o que sugere que abrir é inerentemente completado por algo que possa ficar aberto, mas não necessariamente por um “abridor”.

Com isso, as três frases representam eventos de abrir, um focalizando apenas seu *paciente* como na frase (c) ou o *paciente* e o instrumento utilizado em (b), ou ainda o *paciente* e o *agente* (com ou sem instrumento), como em (a). Os papéis temáticos permitem descrever as relações semânticas entre diferentes usos de um mesmo verbo.

Embora a gramática tradicional enfatize que o *agente* é o sujeito, o *paciente* é o objeto direto e os *instrumentos* são “adjuntos adverbiais”, os exemplos apresentados mostram que instrumentos e *pacientes* também podem ser sujeitos. Na perspectiva de Givón (2001), a oração apresenta, no mínimo, dois participantes: um *agente* e um *paciente*. O *agente* é representado sintaticamente como sujeito, pois é o responsável pela ação, e o *paciente* é representado como objeto direto, tendo como característica receber a ação verbal.

Isso significa dizer que, se uma oração pode ter dois ou mais participantes, só pode haver transferência com mais de um participante. Do mesmo modo, entendemos que as ações podem ser transferidas, mas os estados dessa oração não – quando isso ocorre, são chamadas de cineses. Da mesma maneira, se verificarmos as ações concluídas, elas revelam que a transferência foi mais efetivamente realizada do que as ações que não foram concluídas, e a esse modelo chamamos de aspecto. Assim como ações com um fim imediato têm efeito mais marcante em relação às contínuas, que pode causar um efeito maior no afetamento do objeto, aqui definida como intencionalidade

Há também as orações afirmativas que mostram a possibilidade de transferência, o que não acontece com orações negativas – as denominadas orações de polaridade; ações que correspondem a eventos reais, e não hipotéticos, são mais efetivas, sendo classificadas como orações de modalidade; participantes agentivos podem efetuar uma ação de modo que participantes não agentivos não podem (agentividade); uma ação é transferida em termos de gradualidade, assim, quanto mais afetado o *paciente*, mais alta a transitividade (afetamento); um *paciente* individuado pode ser mais afetado em relação a outro menos individuado (indivuação).

Givón (1984, 2001) explica que esses parâmetros podem ser sintetizados, de maneira que o evento transitivo prototípico seja definido a partir

de três critérios principais: agentividade, assinalando um *agente* intencional ativo; afetamento, em que há um *paciente* concreto afetado pela ação do *agente*; perfectividade, na medida em que envolve um evento concluído e pontual.

Os critérios de agentividade, afetamento e perfectividade são graduais e o objeto pode ser afetado parcial ou totalmente. Seguindo essa proposta, Furtado da Cunha e Souza (2011) explicam que o afetamento do objeto pode ocorrer de diversos modos:

Quadro 1 - Afetamento do objeto

Grau de afetamento	Exemplos
Ação	Ele construiu uma casa.
Mudança no objeto	Ela fatiou o salame.
Mudança de lugar	Ele empurrou o carrinho de mão.
Mudança superficial	Ela lavou a camisa dele.
Mudança interna	Eles resfriaram a carne.
Mudança com um instrumento	Ela martelou o prego.
Mudança com modo implicado	Ela espatifou a xícara (quebrar com intenção).

Fonte: Elaboração própria.

Todos esses casos representam um certo grau de afetamento do objeto, sendo um fator variável e que influencia a transitividade da oração. Como explicam Furtado da Cunha e Souza (2011, p. 36), “a transitividade prototípica reflete o afetamento total do objeto. Os verbos cujo significado não implicam mudança de estado ou localização do objeto se afastam do padrão prototípico e, conseqüentemente, exibem menor grau de transitividade”.

Fillmore (1968) apresenta noções que podem descrever tanto aspectos comuns na semântica dos vários usos de um mesmo verbo como aspectos comuns na semântica de verbos diferentes. Um dos primeiros autores a procurar sistematizar uma teoria geral dos tipos semânticos de argumentos, Fillmore expõe uma lista de “casos universais”, com um conjunto universal de conceitos que podem identificar alguns tipos de julgamentos que as pessoas são capazes de fazer sobre determinados eventos no mundo.

Desse modo, os casos que parecem ser necessários incluem:

Agente (A), tipicamente o caso do ser animado percebido como instigador da ação; *Instrumento* (I), o caso da força inanimada ou do objeto causador envolvidos na ação ou no estado; *Dativo* (D), o caso dos animados sendo afetados por estados ou ações [o que inclui o “experenciador”]; *Factivo* (F), o caso do objeto que é resultado da ação ou do estado ou que é entendido como parte do significado do verbo; *Locativo* (L), o caso que identifica o lugar ou a orientação espacial do estado ou ação; *Objetivo* (O), o caso semanticamente mais neutro, de qualquer coisa representável por um nome e cujo papel só pode ser identificado pela interpretação do verbo; conservadoramente o conceito pode ser limitado a coisas que são afetadas pela ação ou que se apresentam no estado denotado pelo verbo. (FILLMORE, 1968, p. 24, grifo nosso).

De fato, uma lista não estruturada permitiria, em princípio, um número infinito de tipos semânticos de argumentos. Com isso, Jackendoff (1972) propõe algumas caracterizações que podem ser feitas para fornecer alguns limites para os papéis possíveis: a) o tipo de constituinte conceitual que serve como *tema*; b) o tipo de constituinte que serve como objeto de referência; c) um esquema de interpretação da noção de “tema estando em uma locação” para qualquer outra noção relacional central para este campo.

Com essa abordagem, os papéis temáticos passam a ser entendidos a partir de uma mudança espacial ou de um estado de localização. O campo da possessão, por exemplo, parece ser derivado do campo locacional. Estendendo-se a ideia de possuidor a um local em que está o tema nos pares de sentenças “O carro pertence a João. / O João possui o carro.” e “O doce está no pote. / O pote contém o doce.”, percebemos que a alternância de expressão sintática é condizente em ambos os campos semânticos. Na primeira oração de cada par, o tema (o argumento que está sendo localizado/possuído) aparece como sujeito e sua locação (ou possuidor), como complemento oblíquo. Na segunda oração de cada par, a locação (ou possuidor) aparece como sujeito, enquanto o tema aparece como objeto direto.

Dessa maneira, notamos que há uma certa uniformidade de expressão sintática entre os dois campos, uma vez que compartilham os mesmos papéis temáticos, quando entendemos o campo da possessão como derivado do campo locacional via metáfora. Os papéis temáticos parecem ser, então, relevantes para a expressão sintática dos verbos de possessão e possibilitam uma uniformidade de análise entre esse campo e o campo da locação propriamente dita.

1.3.3 As construções de estrutura argumental

Goldberg (1995) considera as construções de estrutura argumental como uma subclasse especial de construções que fornece os meios básicos de expressão de oração em uma língua. Ela analisa as seguintes construções de estrutura argumental:

Quadro 2 - Construção de estrutura argumental

Construção	Sentido
Transitiva	X AGE SOBRE Y
Bitransitiva	X CAUSA Y A RECEBER Z
Movimento Causado	X CAUSA Y A MOVER PARA Z
Resultativa	X CAUSA Y A TORNAR Z

Fonte: Elaboração própria.

Para a autora, as construções de estrutura argumental são por si sós portadoras de sentido, o que justifica o motivo pelo qual um mesmo verbo pode ocorrer em contextos diferentes, acompanhado de um número distinto de complementos.

A construção transitiva é composta por uma estrutura unitária, com uma semântica que consiste em dois protopapéis. Apresenta uma família como uma cena transitiva prototípica de sentido central, e nela há um *agente* volitivo afetando um *paciente* em um evento causativo. Para Goldberg (1995), a construção transitiva é interpretada como aquela em que ocorrem dois tipos de macropapéis: os de *protoagente* e *protopaciente*. Esses papéis possuem atributos que se associam sintaticamente com o sujeito e com o objeto direto, respectivamente, os quais são sintetizados no Quadro 3.

Quadro 3 - Atributos de protoagente e protopaciente

Atributos de protoagente	Atributos de protopaciente
Envolvimento volicional no evento ou estado	Sofre mudança de estado
Senciência e/ou percepção	Tema incrementado

Causa um evento ou mudança de estado em outro participante	Causalmente afetado por outro participante
Movimento (relativo à posição de outro participante)	Estaticidade (relativa ao movimento do outro participante)
Existe independentemente do evento nomeado pelo verbo	Não existe independentemente do evento, ou não em todos

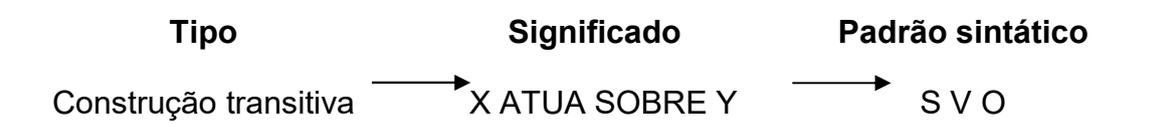
Fonte: Goldberg (1995, p. 116).

Goldberg (1995) explica que cada uma dessas propriedades se delinea em termos de sujeito e objeto direto, o que ela intitula pela seleção do argumento. O argumento que evoca mais atributos de *protoagente* é instanciado como sujeito; já o argumento que abarca mais atributos de *protopaciente* é configurado como objeto direto. Para a autora, esse princípio aplica-se à construção transitiva, pois tais propriedades podem ser relacionadas ao esqueleto da construção, permitindo que outras construções sejam herdadas da construção transitiva e que essa construção instancie vasto arranjo de construtos.

Desse modo, a construção transitiva detém um significado abstrato muito geral, relacionado ao evento transitivo prototípico. A partir disso, diversas extensões de significado básico e prototípico licenciariam um vasto arranjo de instanciações transitivas. Por isso, as línguas diferem em como e por que estendem os significados da construção transitiva para expressar cenas transitivas não prototípicas, como processos e até estados.

Existem dois argumentos em torno de um verbo, cuja representação sintática é [SUJ V OBJ] (Sujeito Verbo Objeto Direto). O falante estende sua moldura sintática para abarcar outros tipos de eventos. Essa construção, por ser polissêmica, permite considerar variações de sentidos subordinados ao sentido central da construção: “X AGE SOBRE Y” (GOLDBERG, 1995). Sendo uma construção esquemática que possui alto grau de abstração, como, por exemplo, “Luna caiu de sono”, nota-se o padrão de uma construção transitiva, em que há um sujeito (Luna), um verbo (CAIR) e um objeto indireto (de sono). Podemos representar sua estrutura no seguinte esquema:

Figura 3 - Estrutura argumental da construção transitiva



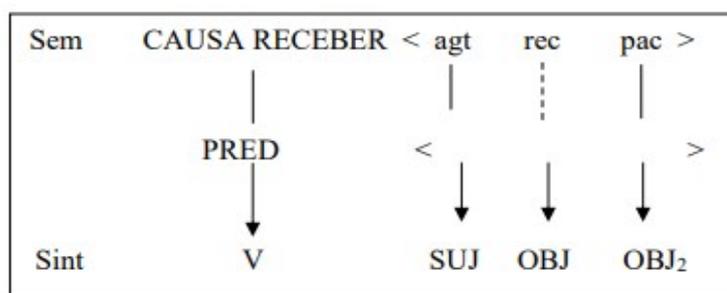
Fonte: Elaboração própria.

A construção bitransitiva diz respeito à ideia de transferência. Nesse tipo de construção, um *agente* pretende causar a transferência de um *paciente* a um recipiente (GOLDBERG, 1995, p. 141). Pode ser também denominada construção de duplo objeto, por ter em sua configuração a representação sintática [SUJ [V OBJ OBJ2]], em que ambos os objetos são sintagmas nominais. Esse padrão sintático está associado ao seguinte esquema básico de transferência: “X CAUSA Y A RECEBER Z”. Podemos verificar esse padrão na construção “João quebrou o vaso”, em que semanticamente o *agente* causa o *paciente* a receber algo.

Jackendoff (1987) distingue com muito cuidado *paciente* e *tema*. *Tema* tem traço em comum com o *paciente* e participa de uma relação que envolve os seguintes acarretamentos: ser afetado por um processo e ser um objeto movido no espaço/tempo. Portanto, deriva-se destes acarretamentos a propriedade de [afetação] que é associada ao *tema* e ao *paciente*.

Seguindo a tipologia de Goldberg (1995), as informações sintáticas e semânticas podem ser representadas como na Figura 4.

Figura 4 - Construção bitransitiva



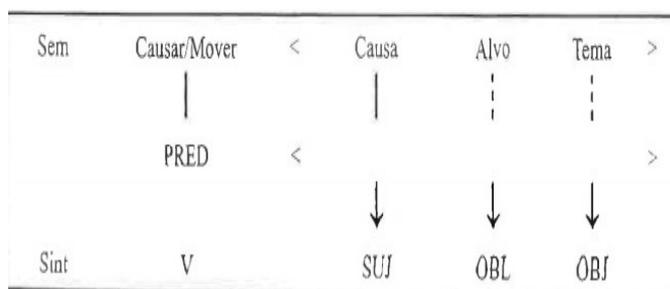
Fonte: GOLDBERG (1995, p. 50).

A construção de movimento causado possui o padrão sintático [SUJ [V OBJ OBL]], em que OBL é a abreviatura de objeto oblíquo que denota um sintagma preposicional direcional. As construções desse tipo de estrutura são formadas por um sujeito, um verbo, um objeto direto e um objeto oblíquo que deve ser entendido como um sintagma direcional. O sentido de uma construção de movimento causado pode ser assim representado: “X CAUSA Y A MOVER PARA Z”, isto é, o argumento *agente* faz com que o tema se mova

por um caminho designado pelo sintagma direcional (GOLDBERG, 1995, p. 152). Essa construção sinaliza uma mudança de lugar, tal como no exemplo “Ele atirou a bola dentro da cesta”.

O sentido de movimento causado não é expresso por qualquer dos itens lexicais individualmente. O sentido de cada sentença não é uma computação combinatória dos sentidos de suas partes. As construções são normalmente representadas por matrizes retangulares, como ilustra a Figura 5.

Figura 5 - Construção de movimento causado

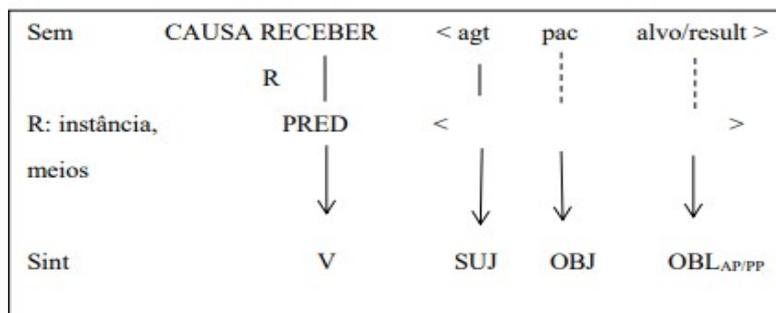


Fonte: GOLDBERG (1995, p. 52).

A construção resultativa possui o padrão sintático [SUJ [OBJ OBL]] e a leitura semântica “X CAUSA Y A TORNAR-SE Z”. Essa construção tem como principal característica um argumento que sofre uma mudança de estado potencial, o que significa que essa mudança não precisa realmente se concretizar. A construção aponta uma mudança de estado, como no exemplo “Eles fizeram as tulipas ficarem achatadas agitando-as”. O argumento que sofre a mudança de estado é caracterizado como um *paciente*. O argumento sujeito é denominado como *agente*, pois sua volitividade não é obrigatória. Como consequência dessa mudança de estado, temos o terceiro argumento, que corresponde ao *resultado* ou *objetivo alcançado*.

Seguindo a tipologia de Goldberg (1995), as informações sintáticas e semânticas podem ser representadas como na Figura 6.

Figura 6 - Construção resultativa



Fonte: GOLDBERG (1995, p. 189).

Seguindo essa perspectiva, percebe-se que ela apresenta uma solução para a formulação de sentidos implausíveis para sentenças como: (a) *She baked him a cake* [. Ela assou um bolo para ele] (GOLDBERG, 1995, p. 9).

Em abordagens centradas no comportamento do verbo e de seus complementos, seria necessário formular que o verbo *bake* (“assar”), que normalmente exige dois argumentos (*agente* e *paciente*), teria uma ocorrência especial, em que pode vir acompanhado de um argumento recipiente. Na abordagem construcional, não é necessário postular um sentido especial para esses verbos. No caso da sentença com *bake*, o fato de o verbo possuir três argumentos estaria explicado na própria estrutura argumental da construção, que nesse caso corresponde à construção bitransitiva (“X CAUSA Y A RECEBER Z”). Assim, o sentido global de transferência intencional poderia ser considerado uma contribuição da própria construção.

Goldberg ilustra como o sentido global de uma construção pode ser uma contribuição da construção a partir do verbo *kick* (“chutar”), o que pode ocorrer em oito estruturas construcionais diferentes:

- (1) *Pat kicked the wall.* [Pat chutou a parede.]
- (2) *Pat kicked Bob black and blue.* [Pat chutou Bob, que ficou com hematomas.]
- (3) *Pat kicked at the football.* [Pat chutou a bola de futebol.]
- (4) *Pat kicked the football into the stadium.* [Pat chutou a bola de futebol no estádio.]
- (5) *Pat kicked his foot against the chair.* [Pat chutou o pé contra a cadeira.]
- (6) *Pat kicked Bob the football.* [Pat chutou a bola de futebol no Bob.]
- (7) *The horse kicks.* [O cavalo chuta.]
- (8) *Pat kicked his way out of the operating room.* [Pat chutou para fora da sala de cirurgia.] (GOLDBERG, 1995, p. 11).

Em abordagens baseadas no número de complementos do verbo, entende-se que o verbo *kick* é um verbo transitivo que exige dois argumentos, um *agente* e um *paciente*, como em (1). Entretanto, seguindo essa abordagem, seria necessário estabelecer uma série de exceções, entre as quais se pode citar o fato de o verbo, em alguns casos, vir acompanhado de três argumentos, como em (6), em que, além de um *agente* e de um *paciente*, verificasse a existência de um argumento recipiente (GOLDBERG, 1995, p. 11).

Além disso, seria preciso postular que a relação ternária argumental é passível de variação, já que na sentença (4) os argumentos não são os mesmos de (6), mas sim um *agente*, um *tema* e um *alvo*. Segundo a perspectiva da gramática de construções, não seria necessário postular um sentido novo para cada uma das configurações sintáticas em que o verbo pode ocorrer.

Assim sendo, os argumentos presentes em (4) e (6) seriam considerados contribuições das construções de estrutura argumental. Embora o verbo e seus possíveis complementos não sejam considerados a única e principal fonte de contribuição para o sentido global de uma sentença, a abordagem de Goldberg (1995) não exclui a importância do verbo para a composição do significado, pois ele está associado a sentidos básicos que devem ser integrados à construção (GOLDBERG, 1995, p. 11).

Goldberg e Jackendoff (2004, p. 34), por sua vez, reconhecem a dificuldade de sistematizar a produtividade das resultativas e destacam o fato de que aspectos semânticos próprios do verbo são imprescindíveis para determinar se ele poderá ou não vir acompanhado de um sintagma resultativo: “Assim não é suficiente simplesmente rotular adjetivos no léxico como possíveis sintagmas resultativos. Deve haver uma referência cruzada entre verbo e sintagma resultativo”.

Nesse sentido, as construções resultativas consistem em um verbo capaz de ligar o sintagma resultativo ao sujeito *paciente*. O sintagma resultativo não expressa a consequência do verbo da cláusula, mas o resultado a que se chegou o sujeito da oração após sofrer ação anterior, observada apenas se se levar em conta o contexto discursivo em que está

inserido. Talvez isso aconteça porque, no português do Brasil, existe uma tendência para o uso constante de perífrases.

2. O VERBO E SUAS PARTICULARIDADES

Neste capítulo, apresentaremos uma discussão sobre o verbo. Em um primeiro momento, discutiremos sua definição, abordando os conceitos de transitividade e de valência verbal, bem como as categorias do verbo: verbo pleno, estendido, suporte e expressão cristalizada. Em um segundo momento, discorreremos sobre a origem do verbo CAIR.

2.1 A definição de verbo

A palavra “verbo” origina-se da palavra latina *verbum*, que significa “palavra”. No dicionário @ulete Digital,² “verbo” é uma classe de palavra que expressa ação, estado ou mudança de estado. Ela pertence a um paradigma de formas flexionadas que expressam tempo, modo, pessoa, número, voz e aspecto. Já no Dicio: Dicionário *Online* de Português,³ verbo é a classe de palavras que indica ação, processo, estado ou alteração de um estado, sendo o núcleo do predicado.

Os dois dicionários apresentam definições que ora seguem o que as gramáticas normativas pregam, ora o que alguns estudiosos da língua abordam. O Aulete segue a perspectiva adotada por Cegalla (2008, p. 194): “verbo é uma palavra que exprime ação, estado, fato ou fenômeno”. O Dicio, por sua vez, embora também siga a abordagem de Cegalla (2008), avança em sua definição ao trazer o verbo como o núcleo do predicado, perspectiva esta adotada por Neves (2000, p. 25):

os verbos constituem os predicados das orações. Os predicados designam as propriedades ou relações que estão na base das predicacões que se formam quando eles se constroem com os seus argumentos (os participantes da relação predicativa) e com os demais elementos do enunciado.

Na perspectiva da autora, essa classe de palavras possui subclassificações que constituem predicados:

² Disponível em: <https://www.aulete.com.br>. Acesso em: 20 jul. 2020.

³ Disponível em: <https://www.dicio.com.br>. Acesso em: 20 jul. 2020.

- (a) Subclassificação semântica das predicções, com três classes principais de predicados verbais, dois dinâmicos e um não dinâmico;
- (b) Subclassificação com integração de componentes: a classificação das predicções pode ainda integrar outros componentes além do dinamismo, tais como o aspecto e o componente pragmático controle;
- (c) Subclassificação segundo a transitividade: outra classificação de predicados verbais pode basear-se na transitividade, com especificação do papel dos complementos verbais. Está implicada a valência verbal. Os verbos transitivos cujo objeto é *paciente* de mudança são considerados prototípicos.

No português, o verbo conta com um paradigma de flexões vasto e bem definido, e suas principais funções não se prendem à flexão, mas estendem-se também ao seu significado. É capaz de proporcionar o que poderíamos chamar de *molde* ou *matriz* para a construção de sentença (ILARI; BASSO, 2014). De acordo com Silva (2006, p. 13), o verbo,

por ser dinâmico, apresenta riqueza de exemplos. Se começarmos a ouvir e até mesmo a ler a língua da comunicação com espírito desarmado das impossibilidades ou agramaticalidades, ficaremos surpresos com a prodigalidade dos matizes semânticos que ocorrem com verbos tão nossos conhecidos e tão rotulados como de uso comum e até banal.

Segundo Cunha e Cintra (1985, p. 367), verbo é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo:

O Verbo não tem, sintaticamente, uma função que lhe seja privativa, pois também o Substantivo e o Adjetivo podem ser núcleos do predicado. Individualiza-se, no entanto, pela função obrigatória de predicado, a única que desempenha na estrutura oracional.

A escolha do verbo é determinante para a estrutura sintática e semântica da sentença, que poderá ter estruturas distintas, a depender do verbo. O verbo é uma expressão por natureza incompleta, já que sujeita por isso ele seleciona os argumentos de uma oração e, por isso, determina a quantidade de argumentos e a natureza dos argumentos possíveis para serem utilizados junto

a ele (ILARI; BASSO, 2014). Nessa perspectiva, Bertoque (2014, p. 67) elucida que o predicado é

o termo que tem capacidade predicadora, ou seja, é o termo que “chama” elementos para compor uma base lógico-semântica da sentença. O verbo é, por excelência, uma categoria sintático-semântica e, mais do que outras palavras (substantivos, por exemplo), é o melhor preditor para compor o *background* da sentença e estabelecer seu centro lógico-semântico, conforme sugere Goldberg (2006). Esse centro lógico-semântico equivale ao que Goldberg (2006, p. 104) denomina “significado geral da sentença”, que é a indicação ou identificação de “quem fez o quê a quem”, um nível de generalização que é indiscutivelmente requerida para a compreensão adequada da sentença.

Para Macambira (1982, p. 40), o verbo é “a palavra que exprime ação, fenômeno ou estado, só tem valor se for vista na perspectiva do tempo. Ainda assim, é difícil acreditar que o verbo não exprima outras coisas, tal como qualidade no caso do verbo “azular”: “*Além, muito além daquela serra que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema*” (ALENCAR, 1965, p. 16). Nesse exemplo, percebe-se claramente a significação do verbo com suas outras particularidades, com a função de exprimir uma qualidade. O verbo adquiriu funções semânticas, uma nova configuração. Isso acontece na língua, pois nossas interações sociais, o modo como exprimimos uma oração, o sentido que queremos atribuir às orações fazem com que o verbo, assim como outras classes de palavras, adquira uma nova função.

De acordo com Bechara (1999, p. 209), o verbo é uma “unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical”. Ele combina com outros instrumentos gramaticais (morfemas), como de tempo, modo, pessoa e número, para ter uma significação distinta em cada modo e tempo em que for empregado. É essa particularidade do verbo que nos instiga a estudar essa classe de palavra tão rica em significação. Com isso, se analisarmos as palavras “trabalhar” (verbo no infinitivo) e “trabalho” (substantivo), constatamos que elas possuem diferentes significações e categorias gramaticais. São as relações entre os contextos de uso que farão diferença para sua significação.

Na mesma direção, Cunha e Cintra (2001) apresentam três tipos de verbos quanto à função: verbo principal, de significação plena (núcleo da

oração); verbo de ligação, que estabelece a união entre duas palavras ou expressões de caráter nominal, ou seja, um elo entre o sujeito e o predicativo; verbo auxiliar, considerado desprovido total ou parcialmente da acepção própria. Tais verbos juntam-se a formas nominais de um verbo principal, formando com elas locuções que apresentam matizes especiais. Os autores também definem o verbo como “uma palavra variável que exprime um acontecimento representado no tempo” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 367).

É próprio do verbo atribuir ou não as ações que descrevem uma estrutura e são constituídas de momentos. Ao analisarmos o verbo, já pensamos nas conjugações, pois a apresentação de paradigmas completos de conjugação foi, por mais de um século, um dos lugares-comuns do ensino do verbo em escolas. Contudo, esse paradigma das formas verbais, tal como é apresentado pelas gramáticas tradicionais, não coincide necessariamente com os usos do português do Brasil (ILARI; BASSO, 2014).

O verbo pode ser caracterizado pelas funções exercidas em uma oração. Uma das funções seria referente ao molde (*frame*) que o verbo aciona quando construímos uma sentença. Isso significa dizer que, na construção de uma oração completa, é necessário que todos os espaços acionados pelo verbo sejam preenchidos e consigam representar um acontecimento no mundo. A função do verbo, nessa perspectiva, estaria relacionada à perspectiva construída a partir da semântica do verbo em si (ILARI; BASSO, 2014).

Ilari e Basso (2014) apresentam as funções do verbo, demonstrando sua associação às marcas do tempo que podem ser encontradas na desinência. A desinência de tempo comunica ao falante se determinado acontecimento no mundo ocorre anterior, concomitante ou posteriormente ao momento da fala. Eles afirmam que a noção de passado recente e passado remoto se faz pelo conhecimento de mundo dos indivíduos envolvidos na enunciação, não apenas pelo uso de desinências. Vinculam também essas funções do verbo ao seu sentido e à sua relação com os complementos, que podem codificar momentos distintos. Algumas funções do verbo transmitem a ideia de uma ação pontual, enquanto outras denotam um fim previsível.

Quanto à descrição gramatical do verbo, Ilari e Basso (2014) consideram a categoria gramatical de pessoa. Esta, por sua vez, é uma categoria dêitica, pois tem a tarefa de identificar os participantes referidos na sentença com base

nos papéis que eles assumem na enunciação em curso. O português distingue três possibilidades, conhecidas tradicionalmente como primeira, segunda e terceira pessoa.

Benveniste (1988) não concorda com a classificação herdada da gramática grega que discrimina três pessoas para o quadro da flexão verbal, relacionada ao conjunto das posições presentes nas formas verbais. Para o autor, o “ele” pode indicar qualquer sujeito ou não comportar nenhum, mas nunca está apto à proposição como pessoa, pois não compartilha das propriedades inerentes às pessoas que participam do ato de conversão da língua em discurso.

Benveniste (1988) utiliza a enunciação como critério para classificar as pessoas do discurso. O autor postula a existência de duas redes de correlação opositiva na organização da categoria de pessoa: a primeira está relacionada à pessoalidade, que opõe “eu” e “tu”, pessoas efetivas, a “ele”, não pessoa; a segunda refere-se à subjetividade, que distingue “eu”, pessoa subjetiva, de “tu”, pessoa não subjetiva; a terceira é desprovida da noção de pessoalidade e não se refere a uma pessoa que participa propriamente do ato de fala, comportando apenas uma indicação de enunciado sobre alguém ou sobre alguma coisa. Por esse motivo, a terceira pessoa é, na verdade, a “não pessoa” (BENVENISTE, 1988, p. 250-251). Para o autor, a terceira pessoa seria aquela que não dispõe de condições para tomar a palavra ou mesmo assumir posição de destinatário da enunciação.

Desse modo, é por meio da não pessoa que “eu” e “tu” podem fazer remissão a assuntos diversos, trocar experiências, dinamizar o conteúdo do diálogo, podendo ser rotulada como o “objeto da enunciação”. A não pessoa apresenta-se como elemento essencial para a definição e instituição da categoria de pessoa, justamente por provocar a clivagem necessária ao estabelecimento da oposição correlacional entre a pessoa e aquilo que ela não é.

A expressão da categoria de pessoa também pode ser feita a partir da classe dos pronomes, itens linguísticos responsáveis pela formalização dos índices subjacentes ao emprego da língua. Os índices pronominais trazem à tona toda realidade ensaiada pelo sujeito no ato enunciativo.

Na enunciação dos pronomes, a passagem da língua ao discurso veicula e abriga relações entre instâncias que só adquirem sentido na oposição que as liga. Para dizer “eu”, por exemplo, o locutor precisa se reconhecer no contraste essencial que o separa de “tu” e “ele”. Esse contraste é dado, de início, pela comunicação intersubjetiva e pelas esferas que a tornam possível, a linguagem e a intersubjetividade. Ambas só existem no quadro das oposições contidas no exercício enunciativo da língua, e é nesse quadro que o sujeito localiza suas determinações a partir do reconhecimento do lugar que ocupa na instância do discurso.

Para Benveniste (1988), a língua dispõe de formas vazias em termos de referencialidade, das quais o locutor se apropria para definir a si mesmo como “eu” e, ao mesmo tempo, para instalar na instância do discurso o seu interlocutor, o “tu”. O autor fala das formas linguísticas vazias de referência que são denominadas de “indicadores”. Esses indicadores estariam ligados ao ato enunciativo, que tem por base o ponto de vista do sujeito que enuncia. Nesses indicadores de subjetividade estariam contempladas as categorias que indicam pessoalidade, temporalidade e espacialidade. Tais categorias estariam ligadas ao eixo referencial criado e sustentado pela instância discursiva que as emprega.

A categoria de pessoa é expressa na língua em um sistema de referências pessoais do qual cada locutor se apropria ao se enunciar e que, em cada instância de seu emprego, torna-se único. Já a categoria de tempo está ligada ao exercício da fala, na medida em que se define e se organiza como função do discurso. A categoria de espaço está relacionada a um ponto central, que é (Eu), e serve para localizar todo objeto em qualquer campo que seja, uma vez que aquele que o organiza está, ele próprio, designado como centro e ponto de referência (FLORES, 2013, p. 123).

Segundo Cegalla (2008, p. 194), “dentre as classes de palavras, o verbo é a mais rica em flexões”. Isso porque o verbo é indispensável na organização de um período – é ele quem indica a pessoa do discurso, o número, o tempo, o modo e a voz. O verbo marca presença na interação linguística efetiva, contribuindo para as diferentes funções da linguagem com seu sentido básico e sua estrutura argumental; para a ancoragem na situação concreta de

enunciação, contribui com as flexões de tempo e pessoa, que o habilitam a exercer a macrofunção interpessoal (ILARI; BASSO, 2014).

Percebemos que, de todas as classes gramaticais, a que mais se apresenta passível de flexões é a representada pelos verbos. A primeira delas diz respeito à pessoa, que indica as três pessoas relacionadas ao discurso: primeira pessoa (quem fala: eu e nós); segunda pessoa (com quem se fala: tu e vós); terceira pessoa (de quem se fala: ele e eles).

A segunda flexão estaria ligada aos participantes no acontecimento comunicado, adquirindo a capacidade quantificadora singular e plural. As pessoas do discurso são a base para a conjugação verbal, o resultado da junção da flexão em número e em pessoa: eu – primeira pessoa do singular; tu – segunda pessoa do singular; ele – terceira pessoa do singular; nós – primeira pessoa do plural; vós – segunda pessoa do plural; eles – terceira pessoa do plural.

A terceira flexão está relacionada ao modo, que revela a circunstância em que o fato verbal ocorre. O modo indicativo exprime um fato certo, concreto; o modo subjuntivo exprime um fato hipotético, duvidoso; o modo imperativo exprime uma ordem, expressa um pedido. Esses modos subdividem-se por tempos verbais: o indicativo:⁴ presente, pretérito imperfeito, pretérito perfeito, pretérito perfeito composto, pretérito mais-que-perfeito, pretérito mais-que-perfeito composto, futuro do presente, futuro do presente composto, futuro do pretérito e futuro do pretérito composto; o subjuntivo: presente, pretérito imperfeito, pretérito perfeito composto, pretérito mais-que-perfeito composto, futuro e futuro composto; o imperativo: afirmativo (“cai”) e negativo (“não caia”). As formas nominais incluem o particípio (“caído”), o gerúndio (“caindo”), o gerúndio composto (“tendo caído”), o infinitivo pessoal (“cair”), o infinitivo impessoal (“cair”), o infinitivo pessoal composto (“vai cair”) e o infinitivo impessoal composto (“ter caído”).

A quarta flexão refere-se ao tempo e ao aspecto. Cunha e Cintra (2008, p. 395) definem tempo como “a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo”. Os três tempos naturais são o presente, o pretérito (ou passado) e o futuro, que designam, respectivamente, um fato ocorrido

⁴ A conjugação para os três modos verbais (indicativo, subjuntivo e imperativo) serão apresentadas mais adiante.

quando se fala, antes do momento em que se fala e após o momento em que se fala.

Para Bechara (2004), as categorias de Tempo e Aspecto são combinadas, sejam elas formas simples ou formas perifrásticas. A definição temporal e o tempo referem-se à posição da ação verbal no percurso, enquanto a determinação aspectual refere-se à posição da ação verbal no tempo. Assim, o autor apresenta as seguintes subcategorias:

- (a) Nível de tempo: há uma estrutura temporal dupla no verbo, um plano que coincide com a linha do tempo, mediante o nível atual (presente), e outra, paralela, em que se situam as ações que não dizem respeito a essa linha do tempo, a saber, o nível não atual (imperfeito); contudo, o verbo nem sempre é atual com relação ao presente, pois pode ser interpretado como pertencente ao passado, como nas expressões de polidez;
- (b) Perspectiva primária: refere-se à posição do falante em relação à ação verbal. Pode ser paralela, retrospectiva ou prospectiva, segundo os espaços de tempo;
- (c) Perspectiva secundária: cada espaço temporal delimitado pela perspectiva primária pode ser disposto outra vez segundo o mesmo princípio;
- (d) Duração – a ação pode ser durativa, momentânea ou intermitente;
- (e) Repetição – é, em português, uma categoria sem forma de expressão própria. Só a repetição única dispõe de perífrases, como “volto a dizer”, ou procedimentos de formação de palavras, como “redizer”;
- (f) Conclusão: uma ação pode ser considerada conclusa, inconclusa ou sem traço de conclusão.

A última flexão do verbo associa-se à voz. Percebemos que ela tem uma atuação paralela a uma série de mecanismos sintáticos para os quais a gramática do português vem dando atenção nas últimas décadas, sob as perspectivas interacionista e textual: várias formas de tropicalização, clivagem, elipse, escolha de anafóricos etc. (ILARI; BASSO, 2014). A voz verbal indica se o sujeito gramatical é *agente* ou *paciente* da ação expressa pelo verbo. Existem três vozes do verbo ou vozes verbais no português: a voz ativa, a voz

passiva e a voz reflexiva. A voz ativa ocorre quando o sujeito gramatical é o *agente* da ação, ou seja, quando o sujeito gramatical pratica a ação verbal. A voz passiva ocorre quando o sujeito gramatical é o *paciente* da ação, ou seja, quando o sujeito gramatical sofre a ação verbal praticada pelo *agente* da passiva. Já a voz reflexiva o sujeito gramatical pratica e sofre a ação verbal, o sujeito gramatical é ao mesmo tempo o *agente* e o *paciente* da ação. (BECHARA, 2009).

Essas categorias possuem caráter subjetivo e, conseqüentemente, estão submetidas a dimensões intersubjetivas da linguagem. São essas dimensões que determinam o funcionamento em conjunto das categorias e as considerações dos aspectos correlacionais que as revestem, pois, a enunciação de cada categoria implica a mobilização das outras duas e juntas formam as chamadas categorias enunciativas da linguagem, que são necessárias à constituição e instituição do sujeito no discurso.

As categorias enunciativas implicam um funcionamento conjunto e integrado, pois não se pode pensar a estruturação de uma sem considerar a relação que mantém com as demais. Essas categorias enunciativas constituem uma rede de elementos discretos mutuamente constituídos e dialeticamente relacionados.

Jakobson (2008) propõe um sistema geral das categorias verbais, que distingue os atos de fala relacionando-os com as funções verbais:

- (a) (F) o ato de fala em si mesmo;
- (b) (C) o conteúdo do ato de fala, isto é, o comunicado;
- (c) (A) o acontecimento, isto é, tanto o ato de fala quanto o comunicado;
- (d) (P) os participantes neste acontecimento.

A partir desta relação extraem-se quatro conceitos fundamentais: um acontecimento comunicado (AC), o próprio acontecimento do falar (AF), os participantes no acontecimento comunicado (PC) e os participantes no acontecimento da fala (PF). Se as categorias verbais afetarem um só elemento, seriam denominadas caracterizadoras (as de gênero são as qualificadoras e as de número são as quantificadoras), mas se afetarem mais de um elemento são denominados determinantes de relação (BECHARA, 2009).

Desse modo, a categoria de número é classificada como caracterizadora por representar a forma pela qual o verbo se refere a pessoas gramaticais, porque afeta de maneira exclusiva o número de participantes em um acontecimento comunicado. As outras, por sua vez, são determinantes de relação “conectoras”, por se tratar de uma relação entre o acontecimento comunicado e os participantes – por exemplo, “sou escutado” encerra a relação entre minha pessoa e o acontecimento de escutar.

As categorias também podem estar determinadas linguisticamente ou discursivamente. Por exemplo, o plural que se refere a uma categoria determinada pela língua pode ser definido sem nenhuma relação com um ato momentâneo da fala, ao passo que não podemos definir do mesmo modo o “eu”, porque é sempre a pessoa que fala uma categoria definida pelo discurso. Assim, os verbos formam sentenças cuja estrutura sintática é determinada pela natureza de seus argumentos, de acordo com uma hierarquia temática apropriada (ILARI; BASSO, 2014).

Os modos verbais indicam as várias formas de um fato se realizar (CEGALLA, 2008). Os verbos podem ser utilizados de diferentes maneiras, conforme a significação que se quer transmitir. Para Bechara (2009, p. 213), o modo dos verbos assinala a posição do falante:

com respeito à relação entre a ação verbal e seu agente ou fim, isto é, o que o falante pensa dessa relação. O falante pode considerar a ação como algo feito, como verossímil – como um fato incerto –, como condicionada, como desejada pelo agente, como um ato que se exige do agente, etc., e assim se originam os modos: indicativo, subjuntivo, condicional, optativo, imperativo.

O modo indicativo é usado para indicar a realidade, e os verbos conjugados expressam ações de forma clara e precisa. Os tempos dos verbos situam o fato ou ação verbal em determinado momento, seja durante o ato da comunicação, antes ou depois dele. São três os tempos verbais: presente, pretérito (imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito) e futuro (do presente e do pretérito). Quanto à forma, os tempos podem ser simples, quando se apresentam sob formas simples (“caio”, “caia”, “caiu”) e compostas (“tenho caído”, “tinham caído”) (CEGALLA, 2008).

Podemos observar essa organização no Quadro 4.

Quadro 4 - Modo indicativo do verbo CAIR

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito⁵	Pretérito perfeito composto	Pretérito mais-que-perfeito
eu caio tu caís ele cai nós caímos vós caís eles caem	eu caía tu caías ele caía nós caíamos vós caíeis eles caíam	eu caí tu caíste ele caiu nós caímos vós caístes eles caíram	eu tenho caído tu tens caído ele tem caído nós temos caído vós tendes caído eles têm caído	eu caíra tu caíras ele caíra nós caíramos vós caíreis eles caíram
Pretérito mais-que-perfeito composto	Futuro do presente	Futuro do presente composto	Futuro do pretérito	Futuro do pretérito composto
eu tinha caído tu tinhas caído ele tinha caído nós tínhamos caído vós tínheis caído eles tinham caído	eu cairei tu cairás ele cairá nós cairemos vós caireis eles cairão	eu terei caído tu terás caído ele terá caído nós teremos caído vós tereis caído eles terão caído	eu cairia tu cairias ele cairia nós cairíamos vós cairíeis eles cairiam	eu teria caído tu terias caído ele teria caído nós teríamos caído vós teríeis caído eles teriam caído

Fonte: Elaboração própria.

O modo subjuntivo é usado para indicar possibilidade, e os verbos conjugados expressam ações de forma incerta, duvidosa e hipotética. Estão organizados nos tempos verbais (presente, passado e futuro), conforme mostra o Quadro 5.

Quadro 5 - Modo subjuntivo do verbo CAIR

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito composto
que eu caia que tu caias que ele caia que nós caíamos que vós caiais que eles caiam	se eu caísse se tu caísse se ele caísse se nós caíssemos se vós caísseis se eles caíssem	que eu tenha caído que tu tenhas caído que ele tenha caído que nós tenhamos caído que vós tenhais caído que eles tenham caído
Pretérito mais-que-perfeito composto	Futuro	Futuro composto

⁵ Optamos em analisar e descrever o verbo CAIR conjugado na terceira pessoa do singular, no pretérito perfeito do indicativo, com ênfase em seu uso como verbo-suporte (cf. DAVIES, [2016]).

se eu tivesse caído	quando eu cair	quando eu tiver caído
se tu tivesses caído	quando tu caíres	quando tu tiveres caído
se ele tivesse caído	quando ele cair	quando ele tiver caído
se nós tivéssemos caído	quando nós cairmos	quando nós tivermos caído
se vós tivésseis caído	quando vós cairdes	quando vós tiverdes caído
se eles tivessem caído	quando eles caírem	quando eles tiverem caído

Fonte: Elaboração própria.

O modo imperativo transmite uma ordem, um pedido, uma exortação ou um conselho. O falante exige algo, exprimindo o que quer que outra pessoa faça. Para formar o imperativo afirmativo, “a 2ª pessoa do singular (tu) e a 2ª do plural (vós) derivam das pessoas correspondentes do presente do indicativo, suprimindo-se o **s** final; as demais pessoas (você, nós, vocês) são tomadas do presente do subjuntivo, sem qualquer alteração” (CEGALLA, 2008, p. 199). Cegalla (2008) esclarece que as formas do imperativo negativo são iguais às do presente do subjuntivo.

Outra abordagem a respeito de como formar o imperativo é apresentada por Bechara (2009, p. 237):

O imperativo em português só tem formas próprias para as segundas pessoas; as pessoas que faltam são suprimidas pelos correspondentes do presente do subjuntivo. Não se usa o imperativo de 1ª pessoa do singular como tal, mas com valor optativo. Por isto, estará assinalada nos paradigmas das formas imperativas. As terceiras pessoas do imperativo se referem a *você* (s), e não a *e/e* (s).

Desse modo, não se usa o imperativo nas orações negativas, mas sim as formas correspondentes ao presente do subjuntivo:

Quadro 6 - Modo imperativo do verbo CAIR

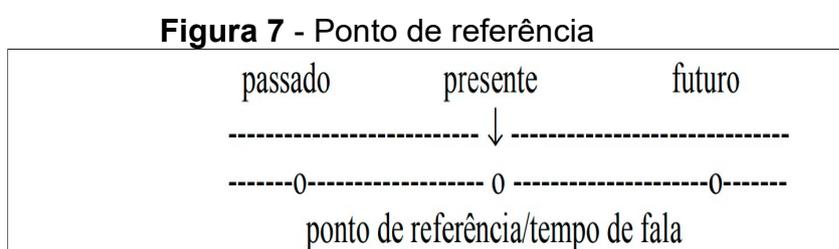
Imperativo afirmativo	Imperativo negativo
-	-
cai tu	não caias tu
caia você	não caia você
caiamos nós	não caiamos nós
caí vós	não caiais vós
caiam vocês	não caiam vocês

Fonte: Elaboração própria.

Para explicar como a língua organiza as referências temporais, Ilari e Basso (2014) analisam o tempo gramatical e aspecto verbal a partir das

definições convencionais dos parâmetros temporais, dadas por Reichenbach (1948) – Momento de fala (MF): momento em que a enunciação ocorre. Momento do evento (ME): momento na linha do tempo em que o evento se realiza e Momento de referência (MR): um ponto ou intervalo temporal mais longo, dado na sentença ou no contexto –, mais uma localização temporal (LT). Ao tratar de tempo, deve-se levar em conta o momento (e as circunstâncias) em que se fala.

Para Givón (1993), por mais que os pontos de referência no passado ou no futuro sirvam à interpretação de determinada situação, o ponto de referência mais comum nas línguas é o tempo de fala, conforme indicado na Figura 7.



Fonte: GIVÓN (1993).

Na perspectiva de Givón (1993), o tempo verbal faz parte de um *frame* (modelo/cenário/plano) dêitico de referência temporal que gramaticaliza a relação entre o tempo da situação e o ponto zero temporal do contexto dêitico (momento de fala). Algumas situações no passado, no presente e no futuro, vinculadas ao tempo de fala, tomam esse tempo como ponto de referência. Mas é possível que uma situação que tenha como ponto de referência o tempo de fala possa constituir-se, ela mesma, em ponto de referência para outra situação que lhe é anterior ou posterior.

Fleischman (1982) e Mattos (1996) defendem uma caracterização mais pragmática de referência, observando que a referência pode não estar explicitada no discurso, embora possa ser reconstituída. O ponto de referência é, então, uma situação de ordem semântica ou pragmática à qual outra situação está vinculada.

Ilari e Basso (2014) apresentam um conceito bem amplo de modo verbal. É perceptível que o verbo, na interação linguística efetiva, contribui para

as diferentes funções da linguagem: para aquilo que alguns autores chamam de função ideacional ou representação da experiência. Para que, em uma situação concreta de enunciação, o verbo contribua com as flexões de tempo e pessoa, as flexões de modo habilitam-no a exercer a macro função interpessoal. Ilari e Basso (2014) analisam a acionalidade⁶ do verbo, isto é, se o acontecimento é durativo ou não, se ele tem ou não um ponto final predeterminado (telicidade), se ele é ou não estativo. Para estabelecer as classes acionais, foram feitos testes de compatibilidade com adjuntos temporais. A intenção era estabelecer uma relação de regularidade e observar as diferentes ocorrências de acontecimentos no mundo e, por esse motivo, há a classificação geral de modos de ação.

A classificação dos tipos de ação liga-se diretamente à funcionalidade do verbo. Todavia, este é apenas um dos fatores contextuais do processamento pelos quais são identificadas classes acionais, justamente porque esse processamento é sensível a outros fatores, como os que têm relação com os argumentos internos do verbo e do sujeito.

Percebe-se; pois, que o estudo do verbo é bem amplo, uma vez que este constitui uma das classes mais fundamentais da língua, da ação que ele proporciona. De fato, as flexões do verbo ainda são uma das maiores particularidades no estudo dessa classe gramatical. Precisamos observar outras características, quando analisamos as mudanças pelas quais um verbo pode passar, tais como a transitividade e a valência do verbo, que discutiremos nas próximas subseções.

2.1.1 Transitividade verbal

Para a gramática normativa, o estudo da língua é independente do estudo da situação comunicativa, pois não se leva em consideração o contexto discursivo, ou seja, as condições de uso das formas linguísticas. Podemos observar essas considerações ao falarmos sobre transitividade verbal, pois o verbo é classificado como transitivo e intransitivo. Este se refere a um verbo

⁶ Acionalidade condiz com aspecto verbal, o modo particular em que o verbo pressupõe e envolve a noção de tempo.

que não precisa de complemento, enquanto aquele se trata de um verbo que obrigatoriamente necessita de complemento.

Constata-se, então, que a gramática normativa apresenta uma abordagem em que a transitividade verbal nada mais é que uma propriedade do verbo (BECHARA, 2009; CUNHA; CINTRA, 2011). Esses autores classificam os verbos transitivos em indiretos e diretos – nestes, os complementos não são introduzidos por preposição, ao passo que naqueles, sim. Desse modo, temos uma definição binária para o verbo: ou ele é transitivo ou intransitivo, dependendo da presença ou da ausência de um complemento. Vale lembrar que a perspectiva da gramática normativa apresenta os verbos com os seus usos mais prototípicos, plenos, e não leva em consideração a criatividade do falante e os múltiplos usos que ele pode conferir ao verbo.

Furtado da Cunha e Souza (2007) afirmam que não é possível dizer que um verbo é intransitivo, pois, desde a sua origem, a palavra latina *transitivus* já implica movimento, algo que transita. Ao dizer que um verbo é intransitivo, estamos dizendo que o significado do verbo não se estende para outros elementos que compõem a oração.

Diante das abordagens apresentadas por Hopper e Thompson (1980) para analisar os casos de transitividade, percebemos que não existem verbos completamente intransitivos, pois até mesmo verbos que denotam fenômenos da natureza podem ser empregados em situações nas quais complementos são necessários. Vejamos o verbo CAIR, ao dizermos “Caiu uma baita chuva”. Trata-se de um verbo intransitivo que adquiriu uma nova função; o verbo, nesse sentido, passa a ser transitivo, pois pede um complemento (objeto direto: “uma baita chuva”). O verbo CAIR, ao pedir um complemento, intensifica a proporção da quantidade de chuva, pois, ao se dizer “baita chuva”, entende-se não uma chuva fina e tranquila, mas uma chuva bem forte e intensa.

Nessa perspectiva, a partir da análise de alguns exemplos prototípicos, é possível ponderar sobre a mudança da transitividade do verbo CAIR em um *continuum* como verbo-suporte. As construções com verbos-suporte podem revelar um processo em que os papéis semânticos e sintáticos dos verbos e os sintagmas nominais são alterados. Esses verbos podem indicar uma intenção comunicativa de provocar um efeito no discurso que atenda melhor às necessidades da comunicação. Assim, o emprego de uma construção com

verbo-suporte em detrimento de um verbo pleno acarreta efeitos discursivos, e as modificações morfossintáticas observadas por essas construções contribuem para a elaboração de novos sentidos.

As ocorrências com verbos-suporte são bastante produtivas, podendo manifestar-se de forma variada e revelar um fenômeno de contato e integração entre os elementos de natureza semântica diversa. Os verbos-suporte apresentam significado mais esvaziado ou leve que forma, com a expressão nominal, um significado global, geralmente correspondente ao significado de um verbo pleno, como “dar um grito” (= “gritar”), “fazer um aceno” (= “acenar”) e “tomar banho” (= “banhar-se”).

A maneira como um verbo se configura depende de fatores discursivo-pragmáticos, ou seja, da maneira como o usuário da língua interpreta e comunica o acontecimento. Isso pode ser evidenciado na escolha entre uma oração ativa ou passiva: a perspectiva do acontecimento pode ser comunicada a partir do ponto de vista do *agente* (voz ativa), como em “O menino quebrou a vidraça”, ou do *paciente* (voz passiva), como em “A vidraça foi quebrada pelo menino” (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2011).

De acordo com Hopper e Thompson (1980, p. 251), “a transitividade consiste num conjunto de dez parâmetros semânticos” (Quadro 7). Para os autores, transitividade “é uma característica da sentença e não da palavra, tal que uma atividade é transferida do *agente* para o *paciente*”, e envolve um número de componentes, em que um deles é a presença do objeto do verbo (p. 251).

Quadro 7 - Parâmetros semânticos da transitividade

Traços	Alta transitividade	Baixa transitividade
A. Participantes	dois ou mais um	um
B. Cinese	Ação	não ação
C. Aspecto do verbo	Perfectivo	não perfectivo
D. Pontualidade	Pontual	não pontual
E. Intencionalidade do sujeito	Intencional	não intencional
F. Polaridade da oração	Afirmativa	negativa
G. Modalidade da oração	modo realis	modo irrealis
H. Agentividade do sujeito	Agentivo	não agentivo
I. Afetamento do objeto	Afetado	não afetado
J. Individuação do objeto	Individuado	não individuado

Fonte: HOPPER; THOMPSON (1980, p. 251).

Cada parâmetro do Quadro 7 revela o modo como a transferência da ação de um participante para outro acontece: uma oração ter dois ou mais participantes é um indício de transitividade alta, pois só pode haver transferência com mais de um participante; do mesmo modo, ações podem ser transferidas, mas estados não (cinese); ações concluídas revelam que a transferência foi mais efetivamente realizada do que ações que não foram concluídas (aspecto); ações com um fim imediato têm efeito mais marcante em relação àquelas contínuas (pontualidade); a intenção do sujeito pode causar um efeito maior no afetamento do objeto (intencionalidade); orações afirmativas mostram que pode haver transferência, o que não acontece com orações negativas (polaridade); ações que correspondem a eventos reais, e não hipotéticos, são mais efetivas (modalidade); participantes agentivos podem efetuar uma ação de modo que participantes não agentivos não o possam (agentividade); uma ação é transferida em termos de gradualidade, assim, quanto mais afetado o *paciente*, mais alta a transitividade (afetamento); um *paciente* individuado pode ser mais afetado em relação a outro menos individuado (individuação) (HOPPER; THOMPSON, 1980).

Esses dez parâmetros semânticos de transitividade permitem mostrar, de forma clara, que os componentes de transitividade na sentença envolvem diferentes perspectivas de eficácia e de intensidade com as quais a ação é transferida de um *participante* para o outro, e tais componentes variam de língua para língua.

No âmbito do modelo linguístico conhecido como gramática de construções (GOLDBERG, 1995), a transitividade não está no verbo, como o concebe a gramática normativa. Ela é uma propriedade da construção. Nesse sentido, construções são entendidas como unidades simbólicas convencionalizadas, organizadas em redes e tomadas basicamente como esquemas cognitivos do mesmo tipo dos que existem em outros domínios da cognição (GOLDBERG, 2006; LANGACKER, 2008). Essas construções são virtuais, isto é, são abstrações que “se instanciam no uso linguístico por meio de ocorrências específicas, os construtos. Logo, uma construção é uma generalização com base em construtos do mesmo tipo” (FURTADO DA CUNHA; LACERDA, 2017, p. 20).

Para a gramática de construções (GOLDBERG, 1995, 2006), a transitividade verbal é discutida a partir das construções de estrutura argumental, conforme foi discutido na subseção 1.3.3. Essas construções correspondem a orações simples e são essenciais para a descrição da língua, uma vez que estão diretamente associadas às molduras semânticas que refletem cenas básicas da experiência humana (tais como movimento, transferência, causação, posse, estado ou mudança de estado).

Na próxima subseção discutiremos a valência verbal, em que o verbo é considerado o centro da oração.

2.1.2 Valência verbal

O primeiro estudo a respeito da teoria da valência é proposto por Tesnière (1959), que considera a frase como um conjunto organizado formado por palavras e pelas conexões que se estabelecem entre elas. De acordo com esse autor, a conexão é indispensável à expressão do pensamento. Sem ela, não saberíamos expressar nenhum pensamento contínuo e poderíamos enunciar uma sucessão de imagens e de ideias isoladas umas das outras, sem ligação entre elas.

Para Borba (1996, p. 20), a valência possui uma conceituação mais genérica, sendo a “propriedade que tem uma classe de elementos, de poder ligar-se com classes específicas de outros elementos, sendo que esta mesma propriedade faz que esta classe se distingue de outras de mesmo nível sintagmático”. Dessa maneira, Borba amplia o conceito de valência, abrangendo o regime dos nomes, dos adjetivos e de alguns advérbios. A valência constitui-se, então, no número de casas vazias (ou argumentos) implicadas pelo significado de um item lexical.

A valência verbal seria a “capacidade que o verbo tem de abrir casas a sua volta para serem preenchidas no processo de constituição oracional” (CASSEB-GALVÃO; LIMA-HERNANDES, 2012, p. 4). Ela deve prever um espaço que potencialmente pode ser preenchido pelo constituinte em pauta, e cabe a ela determinar quais elementos a frase deve conter. Diferentemente da regência, a valência verbal precisa de um complemento de lugar, além do sujeito. O preenchimento de lacunas abertas pelo predicado no processo de

escolha lexical é feita segundo intenções pragmáticas relevantes para determinada situação comunicativa. Assim, a escolha de um ou de outro verbo para representar uma experiência cognitiva irá ocasionar diferentes configurações valenciais pragmaticamente relevantes para cada ato enunciativo.

Podemos observar uma distinção entre a valência sintática e a semântica. Esta corresponde ao estudo das funções semânticas (ou papéis temáticos) preenchidos por essas classes, ao passo que aquela abrange os níveis das relações de dependência (propriedade e/ou função sintática ou morfossintática) e o tipo de condicionamento que identifica as condições de ocorrência no preenchimento das casas vazias por determinadas classes morfológicas.

A tipologia dos verbos parte da semântica, resultando da combinação de elementos predicativos que expressam estados ou eventos (verbos), com elementos nominais. Essas categorias são definidas com os valores semânticos tanto do verbo quanto dos argumentos que o acompanham (CHAFE, 1979). No exemplo “João ama Maria”, o verbo “amar” indica estado, não porque durante o período em que é verdade não haja mudança interna, mas porque o argumento 1 da oração (João) é semanticamente especificado como *paciente*. Do mesmo modo, se observarmos o verbo “caminhar” no exemplo “João caminhou até o parque”, o verbo “caminhar” indica atividade ou ação, porque o argumento 1 da oração é especificado como *agente*.

Chafe (1979) também apresenta mais dois tipos verbais, com ideia de causa e mudança de estado: *processo* e *ação-processo*. Um verbo é especificado como processo se existir um nome, relacionado a esse verbo, que muda de estado e permanece como *paciente* do verbo. Verbos de ação-processo relacionam-se na mesma oração com um nome *agente* e um nome *paciente* que é afetado pelo *agente*.

Borba (1991), seguindo a perspectiva de Chafe (1979), especifica um dos sentidos do verbo “estragar” como *ação-processo*: “A costureira estragou o pano”. Nesse exemplo, o argumento 1 do verbo é um *agente* (costureira) e o argumento 2 é um *afetado* (pano). Outro exemplo, “A porta fechou-se”, mostra o processo e a *ação-processo* com perfeição, pois temos um verbo (fechar) relacionado a um nome *paciente* (porta) que muda de estado (de aberta para

fechada), portanto, um *processo*. Na frase “João fechou a porta”, temos um nome *agente* (João) que atua sobre outro nome *paciente* (porta) em função do *agente* ou *paciente/afetado* que muda de estado. Portanto, a tipologia dos verbos é definida pela combinação do predicador e seus argumentos (estados, ação, ação-processo e processo).

Os substantivos predicativos apresentam argumentos, sendo por meio deles que outros elementos da frase são estabelecidos. Eles selecionam o número e o tipo de seus argumentos e impõem restrições de preenchimento lexical das posições argumentais. Para Borba (1996), os substantivos predicativos são, na maior parte dos casos, deverbais ou deadjetivais, e, por esse motivo, compartilham a mesma matriz de traços sintático-semânticos dos verbos ou adjetivos – por exemplo, “comprar” e “compra” (+ ação, + humana).

Azeredo (2000, p. 175-183) propõe uma distinção entre predicado verbal e predicado nominal. O autor define como predicador “o constituinte do predicado que controla a espécie de sujeito” (p. 176) e como argumentos (do predicador) os constituintes que preenchem as posições estruturais abertas pelo predicador. Assim, assume como valencial o princípio explicativo das diversas estruturas do predicado e da oração. Azeredo define como verbos predicadores intransitivos os que recusam complementação e verbos predicadores transitivos os que se constroem obrigatoriamente na presença de um objeto.

A valência de um verbo decorre naturalmente de seu significado. Em verbos que admitem várias interpretações, tais diferenças estão relacionadas à valência do verbo. É ela que o caracteriza como unidade lexical e que estabelece o número de argumentos que estão presentes no núcleo das sentenças que ele forma. A significação do verbo não se prende ao número, mas estende-se à natureza dos argumentos que ele exige.

De acordo com Bagno (2012) e Ilari e Basso (2014), existe uma relação entre os verbos e seus argumentos. O verbo seleciona os argumentos de uma oração e, por isso, determina a quantidade e a natureza dos argumentos possíveis para serem utilizados com ele. A valência verbal está, assim, associada à quantidade de argumentos passíveis de serem utilizados com o verbo para descrever um acontecimento no mundo.

Borba (1996) utiliza o termo valência em três níveis:

(a) Valência quantitativa, que diz respeito ao número de argumentos que um predicado pode ter – um item lexical pode ser classificado como monovalente, divalente, trivalente e tetravalente.

(b) Valência sintática ou morfossintática, relacionada às características morfossintáticas dos elementos que constituem os argumentos; por exemplo, o verbo “comprar” prevê um SN1 (sujeito) e um SN2 (objeto). Esta é a valência “tradicional” – isto é, idealizada por Tesnière (1959) –, que indica quantos complementos (actantes⁷) o verbo exige na superfície e qual é a forma desses complementos (objeto direto, objeto indireto com determinada preposição, adjunto – ou complemento – adverbial de lugar, complemento oracional etc.). Ela é essencial ao usuário da língua para que este possa expressar-se corretamente (não necessariamente conforme os ditames das gramáticas tradicionais, mas sim conforme a norma).

Neste estudo, adotamos o termo “argumento” em lugar de “actante”, utilizada na gramática de valência. A nomenclatura justifica-se pelos lugares vazios correspondentes às propriedades morfossintáticas e semânticas determinadas pelo verbo. Essas propriedades têm sido estudadas como transitividade (verbos que pedem ou não complemento: objeto direto, objeto indireto).

(c) Valência semântica deduzida da observação das regularidades ou compatibilidades das unidades que operam nas sequências. Das propriedades semânticas dos verbos decorrem os papéis semânticos e traços que caracterizam os argumentos. Para Borba (1996, p. 49), a valência semântica “diz respeito, em primeiro lugar, às propriedades semânticas dos verbos, ou seja, sua subcategorização em traços”. Ela abrange as características categoriais (traços que compõem cada uma das categorias: N + anim; + hum; + cont etc.), as funções temáticas (= papéis), tais como *agente*, *causativo*, *beneficiário*, *experimentador* etc., e as restrições seletivas que determinam quais classes/subclasses de itens preenchem os argumentos.

⁷ *Actantes*: na terminologia de Busse e Vilela (1986) são os elementos frásicos que se relacionam com o verbo em uma atuação sintático-semântica.

A sintaxe, a semântica e a pragmática são relacionadas e interdependentes. De acordo com Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2003, p. 29):

[...] ao lado da descrição sintática, cabe investigar as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas linguísticas e seus contextos específicos de uso. Segundo a hipótese funcionalista, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é motivada pela situação comunicativa. Nesse sentido, a estrutura é uma variável dependente, pois os usos da língua, ao longo do tempo, é que dão forma ao sistema. A necessidade de investigar a sintaxe nos termos da semântica e da pragmática é comum a todas as abordagens funcionalistas atuais.

Outro tipo de valência, a pragmática, trata dos diferentes modos em que essencialmente a mesma informação, ou o mesmo conteúdo semântico, pode ser estruturado de maneiras diferentes a fim de refletir o fluxo de informação velha ou nova (COMRIE, 1981). Assim, a determinação valencial é operada pela situação comunicativa. A perspectivização de estados de coisas depende da satisfação de necessidades e das intenções comunicativas dos usuários da língua.

Portanto, os verbos e suas estruturas argumentais, como outros elementos na gramática, são multifuncionais, isto é, capazes de servir simultaneamente a funções sintáticas, semânticas e pragmáticas. O modo como o falante organiza seu texto é determinado, em parte, por seus objetivos comunicativos e, em parte, por sua percepção acerca das necessidades do seu interlocutor. Nesse sentido, o texto apresenta uma distinção entre o que é central e o que é periférico.

A valência é fundamental para a discussão sobre a estrutura argumental. Croft (1991, p. 99) considera-a como “relacionalmente inerente”, pois seria responsável pelo número de argumentos presente em qualquer oração. No que se refere ao número de argumentos (valência quantitativa ou sintática) que o verbo "comer" pode ter em “A criança já comeu”, o verbo tem apenas um argumento: a pessoa que come (PAYNE, 1997).

Dessa forma, esta pesquisa busca relacionar o verbo CAIR com ênfase no seu uso como verbo-suporte. Os verbos-suporte são contemplados pela teoria da valência, visto que se referem à manutenção das propriedades

sintáticas (nome-argumento que se solidariza com o verbo, complementando um lugar vazio) e semânticas (sem restrições do ponto de vista significativo), ganhando no plano do discurso configurações frásicas por força da valência.

Na próxima subseção discutiremos as categorias do verbo, como as de verbo pleno, estendido, suporte e expressão cristalizada.

2.1.3 Categorias do verbo

Quando se trata de um verbo como CAIR, que possui diferentes padrões de construção tanto em suas relações gramaticais/sintáticas quanto lexicais/semânticas, vale adotar a perspectiva de Goldberg (1995, 2006) para analisar a forma de superfície e o perfilamento dos papéis semânticos que possibilitam o enquadramento do verbo estudado em diferentes categorias: pleno, estendido, suporte e como parte de uma expressão cristalizada.

2.1.3.1 Verbo pleno

Os verbos considerados plenos são, segundo Ilari e Basso (2014), aqueles que apresentam um sentido lexical completo. Assim, por mais que troquemos os argumentos, sua acepção básica não será alterada. Já para Castilho (2016), verbos plenos são o núcleo de uma predicação, que selecionam os argumentos que estruturam o predicado e atribuem-lhes seus papéis temáticos. Desse modo, podemos considerar como verbos plenos aqueles com o comportamento de uma palavra lexical: estabelecem a função de formar a predicação, uma vez que é a partir do verbo que sabemos de quantos argumentos a predicação necessita e quais papéis temáticos serão atribuídos a eles.

Jesus (2014) define verbo pleno como um verbo cujo sentido seja semelhante aos seus primeiros usos, isto é, antes de adentrar um processo de gramaticalização, por meio do qual adquire propriedades gramaticais. Os verbos plenos são aqueles possuidores de duas características bem prototípicas pela sua categorização, a saber, possuem significação lexical e

representam semanticamente o núcleo do predicado em um sintagma verbal (BORBA, 1976).

Nessa mesma perspectiva, Duarte (2003) caracteriza os verbos plenos como núcleos semânticos da oração, os quais constituem núcleos lexicais plenos, caracterizados por determinadas propriedades de seleção semântica (número de argumentos e respectivo papel temático) e sintática (categoria de cada argumento e relação gramatical que assume na oração). Do mesmo modo, os verbos plenos são aqueles que “funcionam como núcleos sentenciais, selecionando argumentos e atribuindo-lhes papéis temáticos” (CASTILHO, 2010, p. 397). O autor considera esses verbos como o núcleo de uma predicação por selecionarem os argumentos que estruturam o predicado e atribuírem-lhes seus papéis temáticos.

Com isso, consideramos como verbos plenos aqueles que apresentam comportamento de uma palavra lexical ao estabelecer a função de formar a predicação, já que é a partir do verbo que sabemos de quantos argumentos a predicação necessita e quais papéis temáticos serão atribuídos a eles. Observe-se:

(a) Ele **CAIU** da lateral de um prédio e foi resgatado pelo Corpo de Bombeiros. (*Corpus* do Português)

(b) Não sabemos o horário que a ponte **CAIU**, não tinha nenhuma sinalização, ficou parecendo uma arapuca. (*Corpus* do Português).

(c) Então não deu mais para ler, né, o livro **CAIU** no chão. (*Corpus* do Português)

Constatamos que o verbo CAIR funciona, nesses exemplos, com uma alta carga semântica e tem um complemento ou sintagma nominal que lhe serve como referencial. O verbo apresenta sua acepção etimológica, ou seja, o processo físico.

2.1.3.2 Verbo estendido

O verbo estendido assume uma acepção diferente daquela apresentada em sua forma plena, mas conserva pelo menos um traço semântico do verbo pleno. Verbos considerados estendidos são os que, a partir de um grupo

específico de argumentos, passam a assumir uma acepção diferente da de origem. Perdem parte de sua autonomia e começam a depender de um grupo de sintagmas nominais para assumir uma acepção específica (OLIVEIRA, 2018). Para que os verbos apresentem uma acepção diferente, é necessário que sejam utilizados com um sintagma nominal pertencente a um grupo específico. Esse processo mostra um ganho em esquematicidade e os verbos tornam-se composicionais, uma vez que existem restrições semânticas de seleção de argumentos para que assumam uma acepção específica.

Esse processo pode ser considerado o início de uma gramaticalização, o que podemos observar nos seguintes parâmetros: dessemantização ou desbotamento; extensão; decategorização; redução fonética (HEINE, 1993). A dessemantização ou desbotamento semântico ocorre quando há perda ou redução das propriedades semânticas de um item linguístico. O item perde parte de suas propriedades semânticas ao ser utilizado em um contexto diferente do seu contexto prototípico e pode apresentar perda de parte de suas funções:

- (a) A gente **CAIU** na internet por total ausência de espaço. (*Corpus* do Português)
- (b) O candidato **CAIU** de paraquedas nessa eleição. (*Corpus* do Português)
- (c) O estudante **CAIU** de cabeça nos estudos nesse ano. (*Corpus* do Português)

A extensão é fruto da pragmática, pois o item linguístico adquire novas características, muito embora mantenha parte de sua acepção original a partir do seu uso em contextos não prototípicos. Sobre as características do processo de decategorização, é importante entender que ele ocorre quando a forma fonte-base perde parte de suas funções morfossintáticas de categorias maiores, como a dos substantivos e a dos verbos plenos, e passa a ter características de classes menores, como a dos verbos auxiliares, perdendo, com isso, sua independência. Ao passar por esse processo, o item começa a depender do contexto no qual é usado e dos elementos que compõem esse contexto.

A redução fonética acontece quando, a partir do aumento da frequência de uso, ocorre alguma alteração na substância fônica do item, seja por fusão às formas que o acompanham (coalescência), seja pela redução de sua forma fônica (condensação), especialmente a mudança de categoria gramatical (decategorização).

Heine (1993) propõe diferentes estágios nesse processo de gramaticalização, o que corrobora nossa premissa de que as mudanças ocorrem em um *continuum*.

2.1.3.3 Verbo-suporte

Estudiosos como Borba (1996), Neves (2000, 2002), Silva (2006, 2016) e Vilela (1995) não chegaram a um consenso a respeito de uma definição para o verbo-suporte, cada um apresentando uma perspectiva bem própria. De certo modo, essa variedade de definições ajuda-nos a decidir se os verbos-suporte são, de fato, semanticamente vazios.

Sob a perspectiva funcionalista, as construções de verbo-suporte colocam o seguinte problema: por que a língua manteria, lado a lado, formas como “fazer uma viagem” e “viajar”, “dar um chute” e “chutar” e assim por diante? Com isso, surgem vários questionamentos a respeito do uso desse tipo de verbo; obviamente, na visão funcionalista, o uso de expressões com verbo-suporte permite alcançar maior adequação comunicativa. A possibilidade de expressar ideias por meio de verbos-suporte com maior precisão acontece justamente porque o sintagma nominal presente na expressão de verbo-suporte pode ser qualificado e determinado de várias maneiras.

Para Borba (1996, p. 78), os verbos-suporte são verbos que,

tornando-se vazios de sua significação léxica, compõem sintagmas verbais complexos introduzindo predicados cujo núcleo é um nome/adjetivo. Chamam-se verbalizadores por apontarem para a função verbal (=predicativa) do nome/adjetivo que introduzem e verbo-suporte por suportarem ou expressarem categorias verbais como tempo, modo, número e pessoa.

O que nos chama atenção é o aspecto da dessemantização dos verbos-suporte: os verbalizadores apontam para a função verbal, e os verbos-suporte abarcam as noções verbais de tempo, modo, número e pessoa.

Autores como Neves (2000) e Duarte (2003) consideram que a construção prototípica de verbo-suporte é constituída de verbo-suporte + substantivo (objeto direto do verbo). Esses verbos dão suporte ao substantivo predicado na construção do significado de construções do tipo verbo + sintagma nominal.

Desse modo, as construções com verbo-suporte estão relacionadas às necessidades funcionais, e sua escolha evidencia a busca por sentidos particulares (NEVES, 2002). Assim, a opção de um falante pelo uso de uma construção com verbo-suporte, em vez de uma construção com um verbo pleno, pode justificar-se pela necessidade ou por ganhos funcionais. Segundo Neves (2000, p. 53), os verbos-suporte “são bastante esvaziados do ponto de vista semântico e formam com o seu complemento (objeto direto) um significado global, geralmente correspondente ao que tem um outro verbo pleno da língua”. As construções com verbo-suporte têm como complemento um nome não referencial, uma coincidência de estrutura argumental entre nome objeto e conjunto de verbo-suporte + nome objeto e correspondem, com o apagamento do verbo-suporte, a uma nominalização com estrutura argumental preenchida (NEVES, 2002).

A explanação de Fortunato (2009) sobre a configuração desse tipo de verbo demonstra que ele aparece em construções nas quais o verbo é utilizado com um sintagma nominal e passa por esvaziamento semântico. Essa semântica da construção passa a ser altamente dependente do sintagma nominal utilizado. Assim, por mais que fique a cargo do verbo a representação de modo, tempo, número, pessoa e aspecto, em construções com verbos-suporte, o centro da significação não é o verbo em si, mas o sintagma nominal, mesmo que alguma propriedade semântica do verbo possa ser reconhecida na construção.

São atribuídas ao verbo-suporte características de verbo auxiliar, não como as previstas nas gramáticas normativas, mas como auxiliar de nome que pode ser substituído por outro verbo cujo radical tomaria como base o nome. A gramática normativa não reconhece nesses tipos de verbo esvaziamento

sintático nem semântico, o que os torna suporte ou auxiliar (pois tendem a manter uma característica de complemento no nome) e os faz assumir uma característica de abstração, como em “dar um brinquedo” e “dar um susto”, duas sentenças que se diferenciam quanto ao significado que postulam. Na primeira, o verbo age sobre o objeto, ao passo que na segunda o nome abstrato absorve o significado verbal (SILVA, 2016). A autora enxerga o verbo-suporte como um *continuum* diversificado, funcionando como uma fórmula de significado unitário.

Para Silva (2006, p. 166, grifo da autora), o verbo-suporte

nem sempre permite substituição pelo nome que “aparentemente” tem *status* de carga semântica superior à do verbo, por exemplo, **fazer parte** é uma forma encontrada na rotina textual do falante: “Fiz parte da comissão”, “Isto faz parte”; no entanto, se no primeiro exemplo podemos substituir a expressão por “Participei da comissão” (verbo-suporte); no segundo, não há uma forma verbal correspondente, pois o que ocorre é uma dispersão semântica e seu significado está ligado a um determinado contexto auto-explicativo.

O verbo-suporte sofre um esvaziamento semântico (em processo de gramaticalização) em relação ao nome que lhe serve de complemento. O conjunto formado por verbo + nome passa a ter a significação desviada para o nome e pode ser substituído por outro verbo cuja raiz tem a base nominal ou outro verbo afim, como nos exemplos a seguir:

(a) A menina **CAIU** no sono. /adormeceu. (*Corpus* do Português)

(b) O australiano **CAIU** em desgraça. /desgraçou-se. (*Corpus* do Português)

(c) Ribeira Grande **CAIU** em declínio. /declinou-se. (*Corpus* do Português)

De acordo com Vilela (1995, p. 70), os verbos servem de suporte verbal para um nome, geralmente deverbal, ou uma expressão equivalente:

Os verbos-suporte resultam da deslexicalização e correspondente gramaticalização (ou reforço do componente gramatical) de verbos plenos. Estes verbos transportam diversos valores relativamente aos verbos correspondentes ao nome (se existirem), como os valores aspectuais (curso,

modo ou intensificação da ação), pontualizando ou perfectizando o processo, como fotografar vs. tirar fotografias, considerar vs. ter consideração, pressionar vs. fazer pressão sobre etc.

Percebemos que a própria acepção dos verbos-suporte é esvaziada e, juntamente com seu complemento, passa a formar um bloco significativo que normalmente pode ser substituído, de acordo com Neves (2011), por outro verbo que denote o mesmo sentido da perífrase verbal. A autora já postulava, em 2002, algumas ideias a respeito da distinção entre uma construção com verbo-suporte e uma que forma uma expressão cristalizada. Para ela, a construção com verbo-suporte acontece pela junção da propriedade semântica dos dois componentes (NEVES, 2002).

Assim, entendemos que o papel de cada componente em uma expressão cristalizada não é tão bem definido, pois existe uma ligação tão forte entre os dois elementos que eles não podem ser vistos separadamente. É mais complexo perceber as propriedades semânticas de cada um dos componentes, e, dessa forma, o complemento do verbo em uma expressão cristalizada não pode ser considerado um sintagma nominal. Além disso, diferentemente de uma expressão cristalizada, Neves (2002) diz ser possível que o verbo-suporte seja utilizado com a mesma equivalência semântica de um verbo simples.

O verbo CAIR, assim como outros verbos do (PB) apresentam ocorrências que caracterizam sua multifuncionalidade no discurso. A significação do verbo não é apenas *ir ao chão*.

Se observarmos a oração “*João caiu de amores por Maria*”, na construção *caiu de amores*, o verbo pode até ser reconhecido como verbo-suporte se considerássemos a carga semântica pragmática discursiva, poderíamos substituir por um verbo pleno *enamorar-se*, porém não é um verbo correspondente ideal, logo ele não seria um verbo-suporte.

Essa construção se cristaliza no discurso dos falantes do (PB), bem como *cair a linha*, *cair de moda*, *cair de maduro*, *cair do cavalo*, entre outras, que configuram um bloco cristalizado com significado global único, de acordo com Neves (1996).

2.1.3.4 Expressão cristalizada

As expressões cristalizadas são altamente composicionais e não podemos trocar o seu complemento sem prejuízo da significação. Desse modo, é possível inferir que uma expressão cristalizada apresenta duas características particulares: primeiro, possui mais de um componente lexical, mas assume a ideia de unidade semântica, sendo o significado construído a partir da junção dos elementos que a compõem; segundo, a não analisabilidade das partes para chegar ao significado do todo é consequência do entrincheiramento e da forte dependência entre componentes.

Entende-se por expressão cristalizada uma expressão que passa a ter um significado diferente do significado dos seus constituintes e cuja forma linguística foi convencionalizada. A concepção de cristalização ocorre a partir do momento em que os significados das palavras não podem ser entendidos “ao pé da letra” (NEVES, 1999, 2002; VALE, 2001).

Uma expressão cristalizada não pode ser interpretada por relações de significados, visto que a soma dos elementos que a compõem é constituída por uma combinação lexical metafórica. O exemplo a seguir mostra o uso do verbo CAIR como parte de expressão cristalizada:

(a) **CAIU** na rede é peixe. (*Corpus* do Português)

(b) **CAIU** a linha, é obrigação da operadora ligar para você, tentar te achar para concluir o processo. (*Corpus* do Português).

No exemplo (a) *caiu na rede*, significa que a pessoa sem querer se viu em uma situação em que não tem como sair. O verbo cria com o sintagma nominal uma expressão de caráter significativo global e só é reconhecido por quem conhece esse contexto de uso.

Isso ocorre do mesmo modo com o exemplo (b) em que o falante utiliza a expressão *caiu na linha* para enfatizar que a ligação foi interrompida sem a intenção do falante. Não podemos dizer que o verbo pleno desloca seu significado para o complemento, tornando-se um verbo leve, mas nota-se que o verbo cria com o sintagma nominal uma expressão significativa.

Assim, em uma expressão cristalizada, o verbo assume significações que são motivadas pelo contexto e pode ser substituído por outro sem que ocorra alteração semântica. Há uma ligação muito forte entre dois elementos que não podem ser vistos separadamente, sendo possível perceber as propriedades semânticas de cada um deles – dessa maneira, o complemento do verbo em uma expressão cristalizada não pode ser considerado um sintagma nominal (NEVES, 2002). A autora faz uma distinção entre verbo-suporte e expressão cristalizada e pontua que o verbo-suporte pode ser utilizado em uma mesma equivalência semântica de um verbo simples, o que não acontece na expressão cristalizada.

Desse modo, o verbo de uma expressão cristalizada não precisa de sujeito e objeto, pois não possui força predicativa. Talvez por esse motivo, a expressão cristalizada apresente um menor grau de transitividade.

2.2 Origem do verbo CAIR

Os dicionários especializados de (CAMARA JR, 2011; DUBOIS, 1973) não apresentam a definição para o verbo CAIR. O Dicionário Michaelis *On-line* (2021b) apresenta 46 definições para o verbo CAIR, dentre as quais “tombar”, “fazer descer”, “jogar-se”, “declinar” e decair. Isso demonstra que, na maior parte dos casos, o verbo surge em sua forma plena, mas, quando é usado em outros contextos, pode aparecer como estendido, verbo-suporte e expressão cristalizada.

Em termos etimológicos, a palavra vem do latim *cadere*, que corresponde a:

1. Descer no espaço, em virtude, quando libertado da suspensão ou suporte; ir de cima para baixo; ser levado de cima para baixo pelo próprio peso; tombar.
2. Incidir em; precipitar-se sobre a superfície terrestre.
3. Fazer descer, abaixar.
4. Chegar até um nível mais baixo a partir de um mais alto; pender.
5. Baixar uma coisa relativamente a outra; descer.
6. Pender livremente; descer.
7. Soltar-se de onde estava preso; desprender-se.
8. Perder a força ou a intensidade; fraquejar.
9. Entrar em decadência; decair; declinar, descambar.
10. Perder a vida; morrer; sucumbir.
11. Lançar-se rapidamente; atirar-se; jogar-se.
12. Efetuar um ataque; atacar, investir.
13. Perder o valor ou a validade (em se tratando de legislação).
14. Ser enganado ou logrado.
15. Ser escolhido,

indicado ou eleito. 16. Ser sorteado; caber por sorte ou acaso. 17. Deixar de estar na moda. 18. Entrar em decadência (moral, social ou econômica); prostituir-se; vilipendiar-se. 19. Tornar-se pior; mudar para pior; piorar. 20. Baixar de nível ou valor; sofrer redução. 21. Não obter êxito; desagradar, fracassar. 22. Caber como responsabilidade, direito ou dever; recair. 23. Sofrer redução de preço no mercado; desvalorizar-se (moeda, título etc.). 24. Ter caimento; ajustar-se, combinar. 25. Ser deposto ou destituído de um cargo ou função. 26. Passar ao controle de. 27. Capitular ou deixar-se vencer, incorrer em erro, render-se a. 28. Deixar-se surpreender ou colher. 29. Ceder a um sentimento intenso; ser dominado, prostrar-se. 30. Encontrar por acaso; topa com dar com. 31. Chegar a; alcançar, atingir. 32. Pôr-se repentinamente; começar de repente. 33. Sentir atração por; encantar-se, apaixonar-se. 34. Tornar-se brando; abrandar. 35. Ser bem aceito; descer bem (referindo-se, especialmente, a bebidas e alimentos). 36. Ser cortado ou interrompido; sair do ar (referindo-se a comunicações telefônicas, sistemas de computação etc.). 37. Acusar veementemente; condenar, criticar. 38. Envolver-se em; participar, perder-se no meio de integrar-se. 39. Escapar de algum perigo; safar-se, fugir. 40. Desabar ou vir ao chão; ruir. 41. Coincidir com; acontecer, ocorrer, recair. 42. Tornar-se; ficar, virar. 43. Aparecer surgir de forma repentina e inesperada. 44. Tomar uma direção; movimentar-se em campo. 45. Movimentar-se (a embarcação) sem estar com as máquinas ou os motores em funcionamento. 46. Perder pressão; ato ou efeito de cair; queda. (CAIR, 2021b).

No Dicionário Dicio (2021a) encontramos 39 definições para o verbo CAIR, divididos em verbo intransitivo (dezessete definições), verbo transitivo indireto (sete definições), verbo intransitivo (nove definições) e expressão cristalizada (seis definições):

Verbo intransitivo – Perder o equilíbrio, levar uma queda: ele quis correr e caiu. Lançar de cima para baixo; precipitar: a chuva caiu. Colocar num nível inferior: a bolsa de valores caiu. Estar decadente; apresentar um declínio; decair: o ditador caiu. Lançar com rapidez; atirar-se: cair aos pés de alguém. Deixar de existir; sucumbir: caiu no campo de honra. Ser arrastado, para baixo, pelo próprio peso: a cadeira caiu. Ficar pendente: os cabelos caem-lhe sobre os ombros.

Verbo transitivo indireto – [informal] estar envolvido em; ter participação; participar: caiu na bandidagem. [Figurado] condenar com veemência; criticar: caiu sobre o réu com acusações. [Informal] estar encantado, apaixonado por; apaixonar: cair de amor.

Verbo intransitivo – [figurado] Estar a ponto de terminar; declinar: cai o dia. Destacar-se do que se estava ligado; soltar-se: as folhas caem. Ter como acontecimento; chegar: esta festa cai numa quinta-feira. Mudar de estado, de condição; tornar-se (como verbo de ligação): cair doente.

Expressão – Cair bem. Assentar bem, vir a propósito: o vestido lhe cai bem. Cair em desgraça. Perder o apoio, a proteção, a simpatia. Cair no esquecimento. Ser completamente esquecido. Cair em ruínas. Desmorrionar-se lentamente. (CAIR, 2021a).

No dicionário @ulete Digital ([2021]), localizamos 39 definições para o verbo CAIR:

1. Ir ao chão de sua própria altura, por ação do próprio peso; estatelar-se, por ter perdido o equilíbrio; TOMBAR [ta.: Escorregou e caiu na calçada.] [int.: Cuidado para não cair.]
2. Ir de lugar mais alto para lugar mais baixo por ação da gravidade; DESPENCAR; PRECIPITAR-SE [int.: A bucha apagou e o balão caiu.] [tr. + de: Aquela pedra caiu de uma altura de 50m.] [ta.: O trapezista errou o salto e caiu na rede de proteção]
3. Ir ou estender-se de lugar mais alto a lugar mais baixo, devido ao próprio peso; ARRIAR; BAIXAR; DESCER [int.: No fim do primeiro ato, caem as cortinas]
4. Acontecer, ocorrer, coincidir com. [ta.: A Páscoa cai este ano em abril.]
5. Pender, descair; inclinar-se, curvar-se. [ta.: Os longos cabelos caíam-lhe sobre os ombros.] [int.: “O nariz aquilino e bem formado caindo com graça.” (Rebello da Silva)]
6. Soltar-se do lugar onde estava preso, ligado, ou do ponto de inserção, da raiz etc. [int.: No outono as folhas caem: O umbigo daquele recém-nascido ainda não caiu.]
7. Baixar sobre a terra, de modo suave ou violento. [int.: A chuva caía mansamente.] [ta.: Caiu um temporal sobre a cidade.]
8. Sobrepor-se uma circunstância (temporal, emocional etc.) a outra [int.: No inverno a noite cai mais cedo.] [ta.: Com a notícia, um grande abatimento caiu sobre todos.]
9. Ter ou não cabimento, ser ou não adequado ao contexto, àquilo a que está ligado ou ao que acompanha; COMBINAR; CONDIZER [tr. + com: Este vinho cai muito bem com peixe.] [int.: A metáfora que ele usou foi inoportuna, caiu mal.]
10. Ser (ou não) aceito pelo organismo, descer (bem ou mal) [int.: Este vinho caiu muito bem/mal.]
11. Ter (roupa, tecido etc.) certo caimento [int.: A toga não caiu bem: O tecido armava, caía mal]
12. Perder a validade; tornar-se nulo. [int.: Por decisão da Justiça, a lei caiu.]
13. Sofrer redução em quantidade, intensidade, valor etc. [int.: A previsão é que a temperatura cairá: A cotação do dólar deve cair no próximo mês.: O dólar caiu de quase R\$4 para menos de R\$2.: O vento estava forte, mas agora caiu.]
14. Perder a função ou o cargo; ser destituído. [int.: O ministro e seus assessores caíram.]
15. Ser vencido ante ataque, ser dominado (por antagonista), ficar submetido (a inimigo) etc.; SUCUMBIR [ta.: As fortificações caíram nas mãos do inimigo.] [int.: Após semanas de assédio, a fortaleza caiu.]

16. Morrer. [int.: Muitos caíram em defesa da liberdade.]
17. Ficar enamorado, sentir paixão, ficar caidinho; APAIXONAR-SE; ENAMORAR-SE [tr. + por: Ele caiu pela nova colega.]
18. Ser sorteado (ponto, matéria) em prova ou exame, ou ser o tema destes. [int.: Que vai cair na prova de história?]
19. Tocar por sorte, direito ou obrigação; competir a. [ti. + a, para: Caiu-lhe ser o primeiro a votar.]
20. Sofrer interrupção, deixar de funcionar ou funcionar mal, por falha técnica ou de comunicação, falta de fornecimento de energia etc. [int.: A conexão com a internet caiu.]
21. Descer de nível, de patamar, de qualidade etc. [int.: O serviço deste hotel caiu muito.]
22. Tornar-se, ficar. [tp.: “Você caiu doente com a minha chegada?” (Aluísio Azevedo, O cortiço)]
23. Inclinar-se para; ir em direção a. [ta.: A bola sempre caía para o centro do ataque: As vistas de todos caem sobre mim]
24. Ser logrado, enganado. [int.: “Anuí ao seu desejo, fui leviano, caí!” (Antônio Feliciano de Castilho)] [tr. + em: Caiu no conto do vigário.]
25. Lançar-se, mergulhar, atirar-se (tb. Fig.), dedicar-se com intensidade (a algo, atividade etc.) [ta.: Caiu na piscina de roupa e tudo: Chorosa, caiu nos braços do marido.: “Pois caiu na cama e não tirou nem o sapato.” (Ary Barroso, *Camisa amarela*)] [tr. + em: Caiu no samba até de madrugada]
26. Sumir, desaparecer. [ta.: Caiu no mundo, e nunca mais o vi.]
27. Chegar, ir parar [ta.: Como essas fotos caíram nas mãos dela?]
28. Dar-se, ocorrer (em certo lugar); INCIDIR; RECAIR [ta.: Em qual sílaba cairá o acento?]
29. Ser dominado, deixar-se levar ou surpreender, entrar em certo estado, incorrer em (inclusive algo que se deveria evitar) [tr. + em: cair em pecado: cair no sono: Nessa eu não caio: “Caiu na simplicidade de citar os refratários.” (Rebello da Silva)]
30. Atacar inesperadamente e/ou de modo violento (tb. Fig.). [tr. + sobre: A oposição caiu sobre o governo: Ao anoitecer cairiam sobre os inimigos.]
31. Apoderar-se de envolver. [tr. + sobre: Um sentimento de revolta caiu sobre o povo.]
32. Fut. Deslocar-se ger. do centro para um dos lados, ou de um lado para outro do campo. [ta.: O meia caiu pela esquerda para fugir da marcação.]
33. Perder a força ou intensidade, fraquejar. [int.: A voz da cantora caiu no trecho mais difícil.]
34. Estar em lugar elevado de onde se avista outro abaixo. [ta.: A varanda cai para/sobre a piscina.]
35. Chegar de modo imprevisto. [ta.: Uma visita caiu em casa logo cedo.]
36. Ficar fora de moda [int.: Com o inverno as estampas caíram.]
37. Entregar-se a práticas ou atividades que, para determinados padrões éticos ou sociais, representam degradação moral ou comportamental [tr. + em: cair na

prostituição: Assim que nomeados, caíram em desenfreada corrupção.]

38. Deixar de constar (em lista, programação etc.) [int.: Essas matérias caíram, não estão mais no currículo.]

39. Ação, resultado ou circunstância de cair: ao cair da noite: Admirava o cair das folhas de outono. (CAIR, [2021]).

O verbo possui algumas nomenclaturas específicas:

(a) de ação, quando a atividade expressa por ele se realiza pelo sujeito *agente*, isto é, um fazer por parte do sujeito.

(b) de ação-processo, em que uma ação é realizada por um sujeito *agente* e/ou de causação e levada a efeito por um sujeito causativo, que afeta um comportamento. A ação-processo atinge um complemento que expressa uma mudança de estado, de condição ou de posição, ou algo que passa a existir.

(c) de processo, quando um evento ou sucessão de eventos afetam um sujeito *paciente*, experimentador ou beneficiário. Um verbo de processo traduz sempre um acontecer ou um experimentar ou um receber, isto é, algo que se passa com o sujeito ou que ele experimenta ou recebe.

(d) de estado, em que há a expressão de uma propriedade, condição ou situação localizadas no sujeito.

(e) verbalizador ou verbo-suporte, quando o verbo em uma construção complexa é mero suporte de categorias e indica que o verdadeiro verbo (= núcleo do predicado) está no radical de seu complemento.

Nas definições apresentadas pelos três dicionários, o verbo CAIR mostra-se produtivo em todas as classificações, como as de ação, ação-processo, processo e estado. O verbo CAIR configura-se como um verbo descritivo, pois serve para descrever os vários tipos de processos que envolvem apenas um elemento, o sujeito, ou que, envolvendo dois elementos, normalmente só vêm com o sujeito expresso, já que o complemento é por demais óbvio (salvo em usos muito específicos).

Outra particularidade do verbo CAIR é que ele se classifica como irregular e, ao ser conjugado, sofre algumas alterações em suas terminações (CEGALLA, 2008). Ele pertence à terceira conjugação, uma vez que termina em -ir e apresenta duas distinções: a vogal (i) é acentuada quando tônica (eu

caí, ele caía) e é mantida em alguns tempos e pessoas verbais (eu caio, que ele caia). Em relação à transitividade, o verbo é intransitivo na gramática tradicional, pois encerra um significado completo (CEGALLA, 2008). No entanto, percebemos que ele pode ser classificado como transitivo, em outros contextos no discurso, necessitando de complementos verbais. Assim, a classificação deverá ser feita mediante o contexto frásico.

No exemplo que se segue, o verbo CAIR apresenta-se como intransitivo, pois não pede complemento:

(a) O garoto deu uma espiada para trás – o soldado o observava – e deixou a tigela de sopa **CAIR**. (*Corpus do Português*)

No exemplo a seguir, o verbo CAIR pode ser classificado como transitivo indireto, porque pede um completo acompanhado de preposição:

(b) O futebol que estamos jogando em os credenciou a ser olhado de uma maneira diferente. Não podemos **CAIR** em uma armadilha. Temos que trabalhar como trabalhamos para o jogo com o Flamengo, Cruzeiro. (*Corpus do Português*)

Segundo Bechara (1999), o verbo CAIR não aparece em qualquer consideração quanto à noção de verbo, ao expor as categorias verbais como regulares, irregulares, anômalos, defectivos e abundantes. O leitor, tendo em vista as definições de categorias tratadas no livro, consideram-no “irregular” quanto à flexão e “verbo” (pleno) em construções com o verbo + SN (por exemplo em “Por favor, não me deixe cair”). Nessa expressão, o verbo apresenta-se com sua função prototípica, etimológica, a de não deixar a pessoa cair no chão ou em qualquer outro lugar que signifique queda direta. Nesse exemplo, o verbo CAIR surge em sua forma plena, ou seja, a de um processo físico. O verbo também aparece em expressões como “cair bem”, “cair de quatro”, “cair doente”, “cair em si”, “cair fora” e “cair mal”, expressões estas que já foram dicionarizadas e que fazem parte da fala da maioria dos usuários (SILVA, 2006).

Assim como os verbos, *dar*, *ficar*, *fazer*, *levar*, *ter* e *tomar*, o verbo CAIR apresenta ocorrências que caracterizam sua multifuncionalidade no discurso de textos jornalísticos e literários e no uso cotidiano, seja ele formal ou informal.

Revela também uma diversidade de significações, autonomia verbal e comportamento lexical na estruturação semântica e sintática da predicação. Se analisarmos o seu significado, não há uma simples substituição por outro verbo ou outra expressão, pois tais trocas poderiam comprometer sua semântica (SILVA, 2006)

3. METODOLOGIA

Este capítulo apresenta os caminhos metodológicos da pesquisa. No primeiro momento, discutiremos o tipo da pesquisa. Logo depois, apresentaremos o *corpus* desta pesquisa. Em seguida, discorreremos sobre como foi realizada a seleção dos dados. Por fim, será apresentado os procedimentos adotados para análise de dados.

3.1 Tipo da pesquisa

A pesquisa qualitativa é definida por Flick (2007) como um modo de compreender, descrever e, algumas vezes, explicar fenômenos sociais, a partir de seu interior, de diferentes formas. Essas formas estariam ligadas às análises de experiências individuais ou coletivas, de interações e de documentos diversos (como textos, imagens, filmes e música, dentre outros).

Para Van Maanen (1979), a pesquisa qualitativa objetiva traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social, além de reduzir a distância entre indicador e indicado, teoria e dados e contexto e ação. Portanto, nossa análise é feita a partir de textos disponíveis no *Corpus* do Português que apresentam as construções com o verbo CAIR, construções estas selecionadas e relacionadas de acordo com a proposta de nosso estudo.

Esta pesquisa objetiva descrever o verbo CAIR com ênfase no seu uso como verbo-suporte. Os dados foram extraídos do *Corpus* do Português (DAVIES, 2016). Trata-se de uma pesquisa secundária, pois se utiliza de um banco de dados já disponível. Esse tipo de pesquisa pode gerar “*insights* criativos e produtivos sobre um tópico”, de acordo com Brown (1988, p. 1).

Apresentamos uma abordagem qualitativa, pois propomos descrever e analisar um fenômeno social, a língua, bem como verificar como ela é utilizada e quais mudanças ela sofre com o passar dos anos. Sabemos que a língua é própria de cada um, mas as interações entre os indivíduos contribuem para realizar novas formas de dizer a mesma coisa. É bastante comum depararmos com construções que têm aparência de verbo-suporte, mas cuja essência atende a situações específicas de uso. São apenas formas que se

cristalizaram, perderam seu significado original e passaram a ser empregadas com uma nova significação.

Para esta análise, utilizamos como método e procedimento a pesquisa bibliográfica, baseada na teoria fundamentada em dados, pois esta busca estudar um fenômeno e, a partir da análise dos dados, explicar como ele se constitui na língua em uso.

3.2 *Corpus* da pesquisa

Um *corpus* deve ser criado a partir de uma coletânea de textos produzida por pessoas falantes de uma língua e organizado “com critérios linguísticos explícitos a fim de serem usados como uma amostra da linguagem” (SARDINHA, 2004, p. 17). Isso significa que nem todo conjunto de textos pode ser considerado um *corpus*, uma vez que este deve ser organizado segundo critérios linguísticos de seleção. Para Sardinha (2004, p. 18), *corpus* é

um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise.

Segundo essa perspectiva, é possível compreender como dados linguísticos naturais, a saber, o conjunto de textos (autênticos) produzidos por falantes da língua no processo de interação verbal, podem ser utilizados pelo pesquisador como base para a pesquisa linguística. Para essa utilização, é necessário que os dados linguísticos representem a variedade escolhida – o *Corpus* do Português, por exemplo, permite verificar o uso das palavras analisadas em um contexto de uso. Apresenta mais de cinquenta mil textos, de diversas fontes, desde textos acadêmicos e jornalísticos a literários (DAVIES, 2016). Com esse *corpus*, podemos constatar diferenças de uso do verbo-suporte CAIR na língua e verificar a evolução do idioma.

Sardinha (2004, p. 26) propõe uma classificação a partir da quantidade de palavras do *corpus*, conforme mostra o quadro 8.

Quadro 8 - Tamanho do *corpus*

TAMANHO EM PALAVRAS	CLASSIFICAÇÃO
Menos de 80 mil	Pequeno
De 80 a 250 mil	Pequeno-médio
De 250 mil a 1 milhão	Médio
De 1 milhão a 10 milhões	Médio-grande
10 milhões ou mais	Grande

Fonte: Assis (2017, p.102).

Seguindo essa classificação, o *corpus* de nossa pesquisa é médio-grande, uma vez que conta com 1,1 bilhão de palavras. De acordo com Assis (2017, p. 107):

não é só o tamanho que define a representatividade do *corpus*. É possível trabalhar com um *corpus* grande – e nesse sentido a quantidade de palavras é representativa –, podendo, entretanto, apresentar limites. Por exemplo, mesmo que os *corpus* sejam grandes, a análise perde o sentido caso não se afinem aos objetivos da pesquisa.

Por essa razão, foi preciso fazer um recorte no *Corpus* do português para conseguirmos analisar as ocorrências do verbo CAIR com ênfase no seu uso como verbo-suporte. Optamos por trabalhar com o *corpus* porque nos apresenta um leque de possibilidades para a análise.

Esse *corpus* é dividido em diferentes interfaces. Observe a figura 8:

Figura 8 - Interfaces do *corpus*

	Corpus	Tamanho	Criado	Mais informação
1	Gênero / Histórico	45 milhões de palavras	2004-06	Info
2	Web / Dialetos	1 mil milhão de palavras	<u>2015-16</u>	Info
3	NOW (2012 - 2019)	1,1 mil milhão de palavras	2018	Info
4	WordAndPhrase	40.000 palavras principais	2017	Info

Fonte: DAVIES [2016].

Cada interface apresenta suas particularidades:

(1) A interface *Gênero/Histórico* é composta por 45 milhões de palavras e quase 57 mil textos em português de 1200 a 1900, e pode ser usada para verificar a história do português do Brasil e de Portugal. É dividida entre gêneros orais, ficcionais, jornalísticos e acadêmicos, e permite fazer a comparação entre esses gêneros dentro de determinado período. Outra possibilidade é a criação de “*corpora* virtuais”, um conjunto de autores, fontes ou tópicos.

(2) A interface *Web/Dialetos* disponibiliza uma base de dados com cerca de um bilhão de palavras de páginas da internet de quatro países de língua portuguesa (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique). Ela permite fazer uma análise mais recente do português e comparar os diferentes dialetos.

(3) A interface *Now (2012-2019)* é uma adição mais nova ao *corpus*, criada em agosto de 2018. Por ser mais recente e mais atualizada, ela contém mais de 1,1 bilhão de amostras de palavras do Português Brasileiro (PB), do português Europeu (PE), do Português da Angola e de Moçambique, sem contar que o *corpus* é alimentado, todos os meses, com cerca de 35 milhões de palavras de novos artigos, revistas e jornais da internet. A interface pode ser usada para acompanhar as mudanças no português.

(4) A interface *WordAndPhrase* também é uma adição mais recente, datada de 2017, e, por isso, possui suas particularidades. Ela permite que façamos uma pesquisa em quarenta mil palavras principais do português com base na frequência do *corpus* e, para cada palavra, apresenta informações detalhadas, como definição, sinônimos e frequência (tanto por gênero quanto por país e palavras próximas). Disponibiliza também duzentas linhas de concordância de amostra para ver os padrões em que ocorrem todas essas palavras, com *links* úteis de uma palavra para outra. A interface também permite inserir e analisar textos inteiros, como o conteúdo de uma página da internet ou uma composição escrita por um aluno, mostrando as palavras-chave do texto.

Decidimos trabalhar apenas com a interface *Now (2012-2019)*, porque nela podemos verificar as mudanças no português e analisarmos as variações do verbo CAIR.

A escolha pelo verbo conjugado na terceira pessoa do singular do indicativo está relacionada à quantidade de excertos encontrados nessa interface do *corpus*, em um total de 345.920 ocorrências, selecionamos 1547 excertos em que o verbo CAIR estava empregado como verbo-suporte e, após analisarmos essas ocorrências, selecionamos 59 excertos em que o verbo-suporte CAIR se apresentava em diversos sentidos discursivos, pragmáticos e sintagmáticos quando utilizado em contextos distintos de uso.

Além disso, optamos por coletar os dados na interface *Now (2012-2019)* por conta da possibilidade de verificar se houve mudanças e variações na configuração no uso do verbo nesse intervalo de tempo, o que nos permite fazer uma análise sincrônica e comparar o uso do verbo em outros recortes no tempo.

3.3 Seleção dos dados

A análise dos dados fundamentou-se no que é postulado pela gramática cognitiva das construções (GOLDBERG, 1995, 2006), a saber, que a unidade preliminar é a construção gramatical e as estruturas sintáticas de uma língua não podem ser descritas somente segundo critérios sintáticos ou morfossintáticos, nem levando em conta apenas as propriedades sintáticas e semânticas dos verbos que as integram.

Para realizarmos a seleção dos dados, fizemos uma pesquisa no *corpus* do português do verbo CAIR (DAVIES, 2016). Utilizamos a própria ferramenta de busca do *corpus*. Para que a busca fosse efetiva, escrevemos a palavra em sua forma não finita entre colchetes, por exemplo, [cair], [caiu], [caindo], [caído], [caiu]. Assim, todas as formas do verbo seriam identificadas pelo sistema e apresentadas na tela principal.

A partir da consulta à interface *Now (2012-2019)*, foi possível levantar 345.920 do verbo CAIR, conforme mostra o quadro 9:

Quadro 9 - Total de ocorrências do verbo CAIR

	Número de ocorrências
Infinitivo	68.801
Gerúndio	16.115
Particípio	17.389
Modo indicativo	242.182
Modo subjuntivo	181
Modo imperativo	1.252
Total de ocorrências	345.920

Fonte: Elaboração própria.

A obra de Castilho (1968) é o marco das delimitações do conceito de aspecto, pois o autor analisa e caracteriza a importância da questão semântica relacionada ao aspecto; as diferenciações entre tempo e aspecto; as diferenciações entre aspecto e modo de ação e, por fim, a divisão de quatro aspectos principais: imperfectivo, perfectivo, iterativo e indeterminado. O imperfectivo indica a duração, expressa uma temporalidade interna, como um fragmento de tempo que se desenrola; o perfectivo indica uma ação decursa, ou seja, a ação já determinada ou marcada de alguma forma em sua temporalidade; iterativo é intermediário dos dois aspectos anteriores, indica a frequência, portanto a repetição do ato e o indeterminado ou “aspecto zero” indica uma ideia imprecisa e vaga do ato (CASTILHO, 1968, p. 102).

Assim como Castilho, Travaglia (2006, p. 2) também afirma que existem algumas dificuldades em relação ao estudo do aspecto, uma delas é limitar o seu campo de trabalho, pois se trata de uma categoria “localizada” no verbo, porém com influência de diversos elementos presentes na frase. Outra dificuldade está relacionada com o contexto não só linguístico, mas extralinguístico. Com isso, a mesma frase pode ter uma variedade de valores aspectuais, dependendo da situação de seu uso ou do contexto linguístico em que está inserida. É preciso se colocar na posição do falante, e pensar em sua realidade.

O autor levanta pontos importantes sobre o conceito de aspecto como uma “maneira de ser da ação” (1980, p. 34), e destaca que o aspecto envolve o tempo, como um marcador oposições entre término/ não término, início, resultado, dentre outros.

Desse modo, podemos dizer que o aspecto é a compreensão *stricto sensu*, pois se reporta ao falante no desenvolvimento da ação, portanto, àquela realidade de ação, logo é subjetivo. Enquanto o modo de ação refere-se à natureza da ação, ao seu conteúdo semântico e por isso é objetivo. Para que o aspecto e o modo de ação não se confundam, é necessário entender que o modo da ação engloba o aspecto indicando a duração e completamente da ação, no entanto o primeiro se relaciona ao falante ao figurar espacialmente o processo verbal dentro dos recursos oferecidos pela língua sejam eles léxicos, morfológicos ou sintáticos.

No que tange às diferenciações entre os conceitos de tempo e aspecto, a primeira situa o momento de ocorrência da fala como anterior (passado), simultâneo (presente) ou posterior (futuro) a este momento, ou seja, é dêitica. Já a segunda não é uma categoria dêitica, pois se refere à constituição temporal interna da situação (TRAVAGLIA, 2006, p. 36).

Já para Costa (2002, p. 20) a categoria de tempo situa o fato em uma linha de tempo, enquanto a categoria de aspecto trata o fato como passível de conter frações de tempo existentes dentro de seus limites.

Desse modo, as noções semânticas relacionadas à categoria de tempo são, em termos gerais, de localização no momento da enunciação delimitando as noções de passado, presente e futuro e suas subdivisões. Já em relação ao aspecto são as noções de duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim.

Decidimos, então, separar os verbos por tempo. O quadro abaixo apresenta esse mapeamento.

Quadro 10 – Tempo

Tempo		Total de ocorrências
Presente		86.858
Pretérito	Perfeito	116.314
	Imperfeito	4.439
	Mais-que-perfeito	229

Futuro	Do presente	1.685
	Do pretérito	3.218
Total de ocorrências		212.743

Fonte: Elaboração própria.

Depois desse mapeamento, observamos que a 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo era a mais produtiva para analisarmos as construções com o verbo-suporte CAIR, pois nos daria mais possibilidades.

Após realizarmos essa busca e verificarmos essa quantidade de ocorrências (116.314), precisávamos delimitar um pouco mais. Decidimos realizar mais um recorte, para delimitarmos um pouco mais o estudo.

Relacionamos as construções com verbos suporte CAIR dentro do *corpus*, e localizamos 631 ocorrências, conforme apresenta o quadro 11.

Quadro 11 - Construções com verbo-suporte CAIR

Construção verbo-suporte CAIR	Total de ocorrências
Caiu na gargalhada	99
Caiu no sono	23
Caiu em desgraça	297
Caiu na risada	48
Caiu em comoção	1
Caiu no choro	156
Caiu em declínio	7
Total de Ocorrências	631

Fonte: Elaboração própria.

Diante dessa constatação, selecionamos 59 ocorrências dentro das 631 construções em que o verbo CAIR se apresentava como verbo-suporte. Percebemos que a construção mais recorrente dentro do *corpus* é a construção “*caiu em desgraça*” uma vez que ela se repete por 297 vezes.

Por fim, importamos os excertos em que essas ocorrências apareciam para uma planilha do Excel, para, em seguida, analisarmos os aspectos sintáticos e semânticos das construções com o verbo-suporte CAIR intrínsecos à avaliação do seu valor pragmático e discursivo.

3.4 Procedimentos para análise de dados

Os procedimentos adotados para analisar os 59 excertos do *Corpus* do Português (DAVIES, 2016) foi a taxinomia das construções do verbo-suporte CAIR.

Analizamos a quantidade de argumentos presentes em cada construção, bem como a relação que cada componente dentro da oração contribui para o sentido da construção com verbo-suporte em um contexto comunicativo.

4. ANÁLISE DO VERBO CAIR

Neste capítulo, apresentaremos a análise das ocorrências do verbo-suporte CAIR. Essa análise objetiva demonstrar as características sintáticas, semânticas, pragmáticas e discursivas desse verbo com ênfase no seu uso como verbo-suporte. Nas 59 ocorrências, conjugadas na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, encontradas no *corpus* do Português, observa-se que as construções verbo-suporte se constituem a partir da associação do verbo leve semanticamente CAIR com um sintagma nominal preposicionado.

Ressalva-se, portanto, que o verbo e o sintagma nominal entricheiram para constituir um significado global especial, como é o caso das ocorrências *caiu na risada*, *caiu em desgraça*, *caiu na gargalhada*, *caiu no sono*, *caiu em declínio*, *caiu em comoção* e *caiu no choro*, entre outros.

Essas construções, como podemos observar, constituem-se pela combinação de elementos peculiares que transgridem o limite das palavras e seu *status* gramatical padrão para formar um novo sentido. Elas são alternativas aos empregos de um verbo pleno relacionado ao núcleo do sintagma nominal. Nota-se que as construções do verbo CAIR com ênfase no seu uso como verbo-suporte revelam um processo em que as funções semânticas e sintáticas do verbo e do sintagma nominal são alterados, bem como indica uma intenção comunicativa de provocar um efeito no discurso que atenda melhor as necessidades comunicativas.

Nessa perspectiva, nossa investigação analisou os aspectos sintáticos e semânticos das construções com o verbo CAIR intrínsecos à avaliação do seu valor pragmático e discursivo. Além disso, este estudo observou que o uso de uma construção com verbo-suporte acarreta efeitos discursivos em que as modificações morfossintáticas contribuem para elaboração de novos sentidos.

Como já discutido anteriormente, a taxonomia *construções com verbo-suporte*, utilizada nesta dissertação, segue a perspectiva da gramática de construções, de Godberg (1995), por não ser possível analisar forma e significado de modo dicotômico nas construções com verbo CAIR.

Amparado em Goldberg (1995), percebe-se que a integração do verbo-suporte CAIR com a construção é realizada por meio da fusão entre os papéis

participantes do verbo e os papéis argumentais da construção. Esses papéis não são primitivos teóricos. Os papéis argumentais são definidos como *slots* (lugares) na representação semântica das construções, enquanto papéis participantes são definidos como *slots* na representação semântica dos predicados.

Desse modo, os sentidos prototípicos associados às construções são estendidos de várias formas, permitindo ao falante aplicar um padrão já conhecido a novos contextos de maneira sistemática, por meio da compatibilização entre os sentidos dos itens lexicais e da construção.

4.1 Análise do verbo CAIR com ênfase no seu uso como verbo-suporte.

As construções verbo-suporte CAIR referem-se a um esquema cognitivo abstrato. Essas construções estão relacionadas a uma generalização categorizada pelos usuários da língua que buscam a todo momento inovações no nível do predicado para melhor compor suas relações comunicativas e discursivas.

Ao descrevermos essa categoria do verbo, percebemos que não é uma tarefa fácil defini-la, uma vez que há uma diversidade de nomenclaturas e definições referentes ao mesmo fenômeno. Com isso, decidimos adotar, em nossa pesquisa, a perspectiva adotada por Neves (2000) e Vieira (2001), autores que descrevem o verbo-suporte como uma categoria que sofre graus de esvaziamento léxico-semântico. Essa categoria perde parte de sua significação como verbo pleno, mas mantém alguns traços gerais de seu sentido como as noções de ação e processo.

Assim, ao analisarmos as construções com o verbo-suporte CAIR percebemos que essas construções formam com o elemento não verbal uma unidade léxico-semântica, perdendo sua natureza predicante, passando essa função a ser exercida pela construção verbo-suporte + elemento nominal. Percebemos que o verbo CAIR apresenta uma ação transitiva e possui um *agente* e um *paciente*.

Vejamos as ocorrências abaixo:

- (1) Eu a este momento de rebeldia infantil. Para bom entendedor, basta um sinal de exclamação. # Ela, rebelde e ousada, sentou de novo ao lado do – ainda – namorado

e contou o ocorrido na sua casa. O menino, ao saber que seu romance correu tanto risco, mas, mesmo assim sobreviveu, não se conteve: deu um beijo no rosto da namorada. Ela levou um susto tão grande com o rompante, tão afetuoso como inesperado, que caiu da cadeira. **A turma caiu na gargalhada e os dois foram levados para a diretoria.** A menina chorando, pela situação e por ter desobedecido aos pais. O menino sorrindo, por ter expressado o que sentia e porque a rebeldia é do seu feitio. # O diretor os recebeu e deu um longo sermão nos dois: o namoro deles estava proibido! # Mais uma vez o menino é enfático. Outro momento, para ele, grave e decisivo. Talvez o diretor tenha dito o mesmo que os pais (*Corpus* do Português)

- (2) Por volta de a meia-noite, eu e três outros colegas fomos visitar-lo em o hotel. Clovis quase não podia se levantar, mas continuava escrevendo. De repente, chegou Lula com alguns ministros e assessores. E logo questionado por Clovis, Lula começou a relatar detalhes de a reunião com os iranianos envolvendo o acordo nuclear que tinha proposto. # Quando Lula foi se despedir, Clovis disse em tom de brincadeira: "Lula, você é um péssimo presidente, mas um notável ser humano". **O presidente caiu na gargalhada, debruçou-se para beijar a cabeça de Clovis e partiu com sua delegação.** O próprio Clovis contaria depois sua relação com os presidentes que conheceu a o longo de a carreira: cordial, como pessoas físicas. Como pessoas jurídicas, criticou todos, a as vezes impiedosamente, como era o jogo certo entre jornalismo e política, em a sua visão. (*Corpus* do Português)
- (3) E uma história engraçada aconteceu na primeira vez em que meu pai ouviu essa música. Eu disse: 'E aí, gostou?' E ele, meio enciumado e tal, respondeu: 'É, gostei sim, sabe que ela até parece mesmo com sua mãe?'. E eu de novo: 'Mas parece como?' E ele: 'É tipo assim, saltitante...' **E todo mundo caiu na gargalhada.** (*Corpus* do Português)
- (4) O competente Ricardo Feltrin, colunista do UOL, fez uma participação curta, importante e divertidíssima. **Sem sombra de dúvidas, um dos melhores momentos do Tricotando. Trouxe informações exclusivas e caiu na gargalhada ao relatar o caso bizarro de uma subcelebridade britânica.** Ficou menos de cinco minutos no ar. Uma pena. # A sensível Marcia Fernandes, colunista fixa, deu um choque de ânimo e trouxe mais vivacidade a o Tricotando. (*Corpus* do Português)
- (5) No vídeo, a menina mostrou não ter vergonha das câmeras e disse que estava se sentindo "adorável" por estar voltando às aulas. **A jornalista não conseguiu se controlar e caiu na gargalhada.** (*Corpus* do Português)

- (6) Acabei de ligar lá pra casa e a mãe já ia dormir e eu falei: ' não dorme, que eu vou entrar'. Então, mãe, um beijo ". E em seguida disparou, olhando o seu relógio: " Horário tarde, né? ". Mas logo depois se corrigiu: " Tarde não, já perdi muito tempo falando aqui ". # aos risos, após perceber que cometeu uma gafe, Fábio Porchat disparou: " Graças a Deus, em nome do Senhor ". Xuxa **caiu na gargalhada** e constatou com bom humor: " Não vai dar certo eu e você. Eu to despedida amanhã ". Depois de conseguir falar com a telespectadora, Xuxa admitiu que uma falha no som do programa provocou toda a confusão. (*Corpus do Português*)
- (7) 6 Não tem cura. Vou conviver com a doença por muito tempo ". Ela também não pode nunca mais se expor ao sol: o vírus identifica queimaduras como infecção e ataca o corpo. O tratamento inicial provocou queda de cabelo. Decidiu raspar a cabeça. " Não quero novela das oito aqui. Nem ninguém olhando pra mim com cara de tristeza ", avisa. # O filho Gabriel, 4, deu o tom. " Com ele na área, não deu tempo de sofrer. Olhou pra minha cara e **caiu na gargalhada**.' A mamãe tá careca'. Ele só ria ". Astrid avisou o cabeleireiro: " Quero uma prótese capilar colada na cabeça igual à que a nega [Naomi Campbell] usa. Ficou incrível. Ninguém se tocou que era peruca ", conta. Encarar o espelho foi tranquilo. (*Corpus do Português*)
- (8) É impossível pensar só em futebol durante cinco semanas. Veja o Robben, se ele faz um gol ou dá um excelente passe, é porque teve um tempo bom com Bernardine, sua mulher. Talvez ela estivesse brava com ele quatro anos atrás, antes da final ", disse Van Gaal, lembrando o gol perdido pelo atacante do Bayern de Munique na decisão do último Mundial contra a Espanha. O atleta ficou levemente constrangido, mas **caiu na gargalhada** com o comentário do chefe. # Apesar dos pitacos de humor, Van Gaal oscilou para seu lado mais irritadiço com algumas perguntas. Questionado se o acerto com o Manchester United pode prejudicar sua concentração, ele respirou fundo antes de responder de forma sarcástica: " não é hora de falar sobre isso, mas não dá para pensar em futebol o tempo todo. Talvez o United seja uma boa distração ", ironizou. (*Corpus do Português*)
- (9) Na tarde de terça (10), Ticiane Pinheiro, ex-mulher de Roberto, fez uma piadinha após a exibição de uma matéria sobre a final de " Aprendiz: O Retorno " durante o " Programa de a Tarde ". " Vamos ver quem o Roberto vai contratar. Eu já fui demitida por ele ", disparou. Imediatamente, Ana Hickmann não se conteve e **caiu na gargalhada**. (*Corpus do Português*)

- (10) Eu e o marido de esta minha amiga discutíamos nosso ponto de vista sobre o Brasil para o próximo ano e, minha amiga, também quis dar sua opinião, o que era perfeitamente natural já que antes também estávamos todos conversando sobre outro assunto. Quase não pude acreditar quando ela começou a falar e o marido disse: "fulana, fique quieta. Você nunca entendeu nada de economia, não tente fazer isso agora. Pare de me envergonhar!" E, depois de dizer isso, caiu na gargalhada. # Fiquei tão desconcertada com a atitude dele que resolvi sair de fininho dali. Dias depois, encontrei essa amiga, que muito atenta ao ocorrido daquele dia, percebeu que fiquei chateada e veio me pedir desculpas pelo acontecido. Falei que estava tudo bem, mas que fiquei curiosa para saber o que ela achava sobre o futuro de a economia em nosso país. Ela me olhou sem graça e disse: "deixa pra lá! Eu não entendo nada disso mesmo!" (Corpus do Português)
- (11) 10 Manoel estava escondido em uma casa na estrada de acesso a Voadeira onde foi preso pela equipe de Roubos e Furtos (Derf) de Barra de o Garças. Durante apresentação do acusado, Manoel agiu com ironia rindo e debochando dos repórteres durante a entrevista. Ele não parava de ri e quando era perguntado sobre o crime ele perguntava se alguém tinha prova contra ele e caiu na gargalhada. # O delegado Wilyney Borges Santana disse que ele confessou o crime dizendo que colocou uma sacola plástica na cabeça da vítima pra asfixia-lo com ajuda de um comparsa que está sendo procurado pela polícia. "Ele teve ajuda de outro rapaz que segurou a vítima", explica o delegado. # Os dois jovens mataram o idoso e levaram duzentos reais que dividiram e na fuga ainda deixaram quarenta reais cair no chão. "Isso quem fala é o delegado. (Corpus do Português)

Nos exemplos (1 ao 11), percebe-se a relação próxima no que se refere a campo semântico - da construção "CAIU na gargalhada" com o verbo pleno GARGALHAR. Isso porque, como Goldberg propõe as construções têm efeitos de sentido muito mais amplos que o verbo pleno, o que não implica uma substituição simples de um pelo outro.

Nessa construção, nota-se que o verbo assume a função de suporte, ou seja, embora apresente um esvaziamento semântico, ele ainda indica a pessoa, o modo e o tempo. Percebe-se que o uso da construção caiu na gargalhada ao invés de *gargalhou* retrata a busca dos falantes pela intensificação dos sentidos não alcançados pelo verbo pleno (gargalhar). Os

falantes nessas construções, fazem o uso da analogia, pois atribuem e identificam a similaridade entre esse tipo de construção linguística.

Segundo Bybee (2010, p. 08), a “analogia é o processo pelo qual enunciados novos são criados com base em enunciados de experiência prévia”. De acordo com essa perspectiva, no processo analógico, os falantes convencionalizam construções com base em generalizações de padrões linguísticos conceptualizados anteriormente. Esse processo cognitivo não acontece apenas na língua, porém a todo tempo, os falantes estabelecem comparações entre situações e eventos no mundo.

O efeito semântico proposto ao utilizar dessas construções com verbo-suporte, seria a obtenção de maior precisão semântica para configurar um aspecto perfectivo, pois o falante não faz só uma referência ao tempo, mas também ao tempo em que a ação de gargalhar ocorreu em relação ao momento de sua fala, ou seja, é como se o falante nos mostrasse o tempo interno ao fato, ou seja, a tentativa de trazer para a língua os acontecimentos do mundo.

Sob a perspectiva da iconicidade, Givón (1995) defende a ideia de que as línguas são em parte icônicas, ou seja, procura refletir sobre a correspondência entre os arranjos estruturais da língua e suas estruturas semânticas. Com isso, podemos pensar como a iconicidade atua nas escolhas feitas pelo usuário para realizar este tipo de construção na língua.

Desse modo, se analisarmos o exemplo (2) “O presidente caiu na gargalhada”, percebemos que nessa construção há uma mudança de estado, pois o *agente* experencia um novo evento, o de rir muito, é uma emoção social, ou seja, um conjunto de sentimentos mais subjetivos, incluindo emoções como a pena, a vergonha, o embaraço, a culpa, o orgulho, a inveja, a gratidão, a admiração, a indignação e até mesmo o desprezo.

Ao analisarmos os exemplos abaixo (de 12 a 21), observa-se que a construção verbo-suporte caiu no sono possui a acepção de sair da condição de estar desperto à de dormir (adormecer). A mudança de estado ocorre em decorrência da modificação do componente discursivo-pragmático, que estende o significado de elementos de uma construção para novos contextos de uso. Observe:

- (12) Fora a preocupação sobre quando veria novamente sua mãe, Diego não teve medo, porque sempre foi um bom menino. Ele viu o que aconteceu com Adonias, da Guatemala, que lançava socos e objetos pelos ares. Uma pessoa que Diego chamou de "o doutor" deu injeções em Adonias no meio da aula: "Eles deram injeções nele, porque era muito agitado, e então ele **caiu no sono**". # Diego permaneceu calmo, conforme prometido à sua mãe. (*Corpus* do Português)
- (13) Um rapaz causou um prejuízo equivalente a R\$ 1. 5 milhão após dormir ao volante e colidir com três Ferraris, na madrugada do último domingo, no Taiwan. Nesta semana, a notícia percorreu tabloides do mundo inteiro com destaque para o "azar" do motorista Lin Chin-hsiang, de 20 anos. # O taiwanês estava retornando do turno noturno de um restaurante, quando **caiu no sono** e bateu nos três carros de luxo que estavam estacionados. # Conforme o *Mirror*, ninguém ficou ferido, porém o prejuízo foi milionário. (*Corpus* do Português)
- (14) No início do mês, o pesquisador virou notícia porque queria acabar com sua própria vida. Goodall não sofria de nenhuma doença terminal, mas afirmava que sua qualidade de vida havia piorado muito com o passar do tempo. # A morte foi confirmada pela clínica Exit International, instituição que ajuda pacientes a morrer na Suíça, onde o suicídio assistido é legal. Uma nota da empresa informa que o pesquisador escolheu uma injeção letal para morrer e **caiu no sono** segundos depois. O cientista estava acompanhado de netos, familiares e médicos. (*Corpus* do Português)
- (15) Pois bem, voltemos a o primeiro jogo da seleção brasileira na Copa do Mundo. Após festa com os primos, o pequeno David, ou melhor Celso, **caiu no sono** bem na hora da partida contra a Croácia. Passados os 3 a 1, ele acordou e ficou chocado ao saber que o duelo em o Itaquerão tinha acabado. # "Ele abriu o bocão e descambou a chorar. Não conseguiu acreditar que tinha perdido o jogo. Desde então, eu estou tendo dificuldades em fazê-lo acreditar que o David Luiz existe de verdade", diz Celso. (*Corpus* do Português)
- (16) Quando ele tentou insistir que eu voltasse para a minha cabine sob o convés, a fim de ficar protegido de o ar noturno, assumi o papel de velho carrancudo e teimoso, fingindo perder a paciência. Fiz isso com tanta energia que Filipo acabou acreditando em mim e se contentou em descer para buscar cobertores em os quais prometi me envolver. Ele decidiu permanecer no convés para não tirar os olhos de mim, mas logo **caiu no sono** e agora, deitado no convés, com a cabeça escondida entre os braços e aquela comovente e ingênua confiança dos jovens, dorme, certo de que acordará pela manhã. # Agora não consigo

vê-la, mas há pouco tempo, antes que as brumas do crepúsculo se levantassem do mar para envolver o horizonte no Ocidente, tive a impressão de distinguir os contornos de uma mancha mais escura contra o vasto círculo de o mar. (*Corpus do Português*)

- (17) Por volta das 14h, Ginger bateu à porta do banheiro. Como Elvis não respondia, abriu. O cantor estava caído, de bruços, sobre o carpete. Ao seu lado, o livro *A Scientific Search for The Face of Jesus* ("A busca científica por o rosto de Jesus"), de Frank Adams, sobre o Santo Sudário, uma peça de linho com uma imagem de homem que seria Jesus. # Na opinião do médico brasileiro, a posição em que o cantor **caiu no sono** teria impedido a respiração e provocado sua asfixia. "O que mais chama a minha atenção, 40 anos depois, é a precocidade da morte de o Elvis. Ele só tinha 42 anos. Era muito novo", afirma. # Raul Lamim durante o período de residência em o Baptist Memorial Hospital (ao fundo), em Memphis # (*Corpus do Português*)
- (18) Patrícia foi pega pela mãe que vai levá-la para Brasília, onde moram. # "Ela chegou séria no início da noite, querendo alugar uma casa. Eu comecei a ouvi-la e percebi que ela estava confusa. A jovem disse que não tinha dinheiro para alugar e, em seguida, pediu R\$ 10 para viajar pra Brasília. Fiquei ainda mais intrigado porque ela não falava coisa com coisa. Aí demos janta pra ela e ela **caiu no sono**. Ficamos preocupados, até que hoje soubemos do desaparecimento dela e tudo fez sentido", contou a o G1. (*Corpus do Português*)
- (19) De acordo com o jornal peruano *La República*, o caso teria acontecido no último domingo, no distrito de Ancón, no centro do país. Giancarlo Steven Delgado Herrera, de 27 anos, foi visitar o irmão, Alexander Jeferson Delgado Herrera, que foi sentenciado a 16 anos de cadeia por furto qualificado e abuso sexual. Os dois se reuniram e, depois disso, foram para a cela do acusado. Lá, ele teria oferecido uma bebida para o irmão que aceitou e, logo depois, **caiu no sono**. # A polícia desconfia que Alexander colocou sedativos na bebida. Assim que o irmão adormeceu, ele pegou a identidade e as roupas dele e seguiu rumo à saída da penitenciária de segurança máxima. No caminho, o acusado passou por seis portas, vigiadas por agentes penitenciários. Os guardas não se atentaram ao fato de que Alexander não tinha um carimbo no braço — que é aplicado nos visitantes — e o deixaram sair sem maiores problemas. (*Corpus do Português*)
- (20) Durante o amistoso entre Brasil e Inglaterra, realizado no Maracanã, neste domingo (2 de junho), o garoto do Arsenal, Oxlade-Chamberlain marcou o primeiro gol da seleção europeia contra a Seleção Brasileira. Esse feito

seria motivo de orgulho e euforia para qualquer pai, porém, o pai do jogador **caiu no sono** em o momento em que o filho empatava a partida para a Inglaterra. # Em entrevista a BBC, de Londres, o ex-jogador de a seleção inglesa e pai de Oxlade, Mark Chamberlain disse que estava cansado porque precisou acordar cedo para levar sua esposa a o aeroporto e por isso pegou em o sono em o meio de a partida. # "(Corpus do Português)

- (21) Justin Bieber postou foto no Instagram colocando o pequeno Jaxon, de 3 anos, para dormir # Foto: Instagram / Reprodução # " Colocando meu irmão para dormir ontem à noite. Ele **caiu no sono** em meus braços e a as vezes irmãos mais velhos têm que aplicar mata-leão aos caçulas ", escreveu em o Instagram o cantor, em referência a posição que ele o agarrava por o pescoço. # Bieber, 18 anos, tem mais uma irmã, Jazmyn, apenas um ano mais velha que Jaxon, de 3 anos. (Corpus do Português)

O verbo da construção caiu no sono sofre um processo de esvaziamento lexical e reforço do componente gramatical também chamado gramaticalização que permite que o centro semântico da frase se desloque do verbo *caiu* para a expressão nominal que o acompanha.

O processo de mudança, na perspectiva construcional, corresponde à mudança das construções linguísticas. De acordo com Himmelmann (2004), essa perspectiva torna-se viável para entendermos a gramaticalização em termos de mudança nas construções e não apenas no âmbito de itens lexicais.

Desse modo, nas construções com verbo-suporte, o item verbal que compõe a construção sofre gramaticalização pela expansão do uso em contextos gramaticais. O verbo com função suporte perde características lexicais mais específicas e se abstratiza, ou seja, torna-se uma categoria mais esquemática com a função de marcar o modo e o tempo. Por isso, a gramaticalização não pode ser vista apenas na perspectiva do item verbal, pois o processo de mudança tem efeitos na construção como um todo.

Nesse sentido, é perceptível que o verbo CAIR indica o modo e tempo da oração, mas tem uma carga semântica esvaziada, servindo principalmente para apoiar a construção do significado global da construção verbo-suporte que está mais relacionado com o significado do sintagma nominal *no sono*.

Essas construções com o verbo-suporte CAIR, extraídas do *corpus* do Português, revela a instrumentalidade da linguagem em termos de situações

sociais. Os elementos linguísticos (sintáticos e semânticos), utilizados na construção caiu no sono, funcionam como instrumento da atividade pragmática. O verbo CAIR extrapola os aspectos sintáticos e vem para construção entrincheirando, constituindo o significado global do predicado, estabelecendo-se na formação do centro lógico-semântico da sentença. Esse entrincheiramento é um esquema cognitivo abstrato (extensão de significados, semelhante ao que ocorre nas extensões de significado por ocorrência de metáforas e de metonímias, as quais iniciam os processos de gramaticalização.

Analisando o exemplo (12) percebemos que a construção pode ser substituída pelo verbo pleno *adormecer*. Sua análise revela que o seu uso em detrimento de um verbo pleno acarreta efeitos discursivos de intensificação e que também as modificações morfossintáticas, ou seja, mudanças no nível da predicação, contribuem para a elaboração de novos sentidos que não seriam alcançados com a utilização dos sintagmas nominais *dormir* ou *adormecer*. O falante reorganiza o padrão construcional em nível morfossintático para a formação de um predicado mais complexo representado por uma construção com verbo-suporte para representar a sua intenção comunicativa discursiva.

Em (15), por exemplo, temos um *agente* (não identificado) um *paciente* (quem recebe a injeção) e um instrumento (injeção). Perceba que nesta ocorrência o *agente* também é um *experenciador* no evento, pois o motivo está relacionado com a injeção recebida.

Nos exemplos de (22 a 32), a construção com o verbo-suporte, está empregada com uma conotação negativa, o sintagma nominal preposicionado apresenta um estado não apenas momentâneo, mas que se estende em detrimento de um fato. A esquematicidade nas construções com verbo-suporte estabelecem uma forma sintática produtiva do qual o falante se vale para representar esses eventos experienciados na língua.

Desse modo, a esquematicidade consiste na propriedade de construções abstratas. Ela se configura como uma generalização taxionômica de categorias linguísticas (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Uma generalização, de acordo com Casseb-Galvão et al. (2007), representa a perda de traços de significado em decorrência da expansão de contexto e da frequência no uso. A concepção de frequência de uso é fundamental, porque a frequência ocasiona a automação do processamento cognitivo formal das

construções (CEZARIO, 2012), o que pode desencadear a transferência de significado para novos contextos de uso, ou seja, a esquematicidade decorre da capacidade de algumas construções servirem como um modelo abstrato/virtual para outras construções a partir da captura de generalidades nos padrões de uso. Logo, quanto mais esquemática for uma construção, maior será seu nível hierárquico na rede construcional. As construções com verbo-suporte são exemplos de construção esquemática, estabelecida pelas experiências linguísticas, rotinizada na comunidade de fala e cognitivamente entrincheirada pelos falantes. Nesse sentido, essas construções servem como modelo cognitivo para outras instâncias construcionais, ou seja, para os subesquemas de transitividade e tipos de microconstruções, que alcançam sua realização no uso.

Assim, as construções com verbo-suporte, em qualquer campo semântico, seja ele do evento ou do estado, de deslocamento e de locação são um subconjunto das funções que são usadas para a análise de uma locação ou de um deslocamento. A parte nominal não pode ser substituída por um pronome.

A construção tem o sentido de *desgraçar-se*, haja vista que o sentido do verbo foi deslocado para o substantivo abstrato *desgraça* do sintagma nominal. *Cair em desgraça* = *desgraçar-se*.

- (22) Abravanel, sua mulher, estava na plateia e foi focalizada pela câmera no momento em que ele soltou as pérolas, e também se constrangeu com as falas do marido. # " O que aconteceu? Você perdeu o marido, o namorado? Eu nunca tinha te visto de pernas de fora. Alguma coisa certamente aconteceu ", disse Silvio sobre o figurino de Claudia Leitte. " Acho que a gente fica mais segura com o passar do tempo ", falou ela. # O caso foi bastante debatido e Silvio Santos **caiu em desgraça** no gosto de boa parte de sua audiência por conta de seus comentários. Muitos o criticaram, classificaram sua postura como machista e o acusaram de assédio. O Notícias de a TV flagrou o apresentador em os bastidores do Teleton, e ele simplesmente ignorou Claudia durante suas performances musicais. (*Corpus* do Português)
- (23) A barra de ouro, apesar de atingir uma alta de seis anos nesta manhã, subiu apenas 11% no mesmo período. # Parte da razão é a recuperação: o próprio ouro nunca **caiu em desgraça** com os investidores globais na

mesma medida que as empresas de mineração de ouro fizeram nos últimos três anos. Mas, embora o ouro seja um investimento relativamente simples e precificado de maneira bastante justa na política monetária, na demanda de joias e nas políticas de gestão de ativos dos bancos centrais, cada empresa tem seus próprios riscos operacionais e de governança, muitas vezes complicados pelo risco político em as jurisdições em que operam. # (Corpus do Português)

- (24) Em seu primeiro ano no poder, Jair Bolsonaro antecipou os festejos do Dia do Exército, pois a data coincidiu com a Sexta-Feira Santa. Ele participou de duas comemorações, uma em Brasília, na quarta-feira 17, outra em São Paulo, no dia seguinte. O pessoal da farda verde mereceu o mimo. Sem o alto comando do Exército, talvez não estivesse no Palácio do Planalto o homem que um dia **caiu em desgraça** nos quartéis por insubordinação e por um plano de explodir bombas. (Corpus do Português)
- (25) Louis C. K: até sua queda em 2017 era visto como um dos maiores comediantes de sua geração e conhecido por sua visão liberal (Kevin Mazur/Getty Images) # O comediante Louis C. K., cuja carreira **caiu em desgraça** após admitir uma má conduta sexual, voltou a as manchetes depois de a divulgação de um áudio em o qual faz piada com sobreviventes de um tiroteio escolar e com pessoas não-binárias. # O áudio de dois minutos, postado em o Twitter em o domingo (30), marca um duro golpe para C. K., que até sua queda em 2017 era visto como um dos maiores comediantes de sua geração e conhecido por sua visão liberal. (Corpus do Português)
- (26) José Dirceu, ex-chefe de gabinete e ministro mais influente de Lula da Silva, havia sido um agente dos serviços de inteligência cubanos. No exílio em Cuba, ele tivera o rosto cirurgicamente alterado. Ele retornou ao Brasil com uma nova identidade (Carlos Henrique Gouveia de Mello, um comerciante judeu) e ficou nessa função até que a democracia foi restaurada. De mãos dadas com Lula, ele colocou o Brasil entre os principais colaboradores da ditadura cubana. **Ele caiu em desgraça** porque era corrupto, mas nunca recuou um centímetro de suas preferências ideológicas e de sua cumplicidade com Havana. # " Algo semelhante está acontecendo com o professor Marco Aurélio Garcia, atual assessor de política externa de Dilma Rousseff. Ele é um anti-ianque contumaz, pior até de o que Dirceu, porque ele é mais inteligente e foi mais bem treinado. Ele fará tudo o que puder para despistar os Estados Unidos. # "(Corpus do Português)
- (27) O ataque a Alcochete, em maio, mostrou imagens incompreensíveis e inaceitáveis em um Estado de direito:

um bando de encapuzados correndo em passo militar para o confronto (quase) armado! Depois, foi toda a novela Bruno de Carvalho, agora terminada – salvo um estribilho ou um " post " na internet do próprio – com a eleição de Frederico Varandas para o comando de o clube/SAD leoninos. # O Benfica teve Vale e Azevedo, um escroque bem-falante; o Sporting teve " BdC ". Messias de ocasião, Bruno **caiu em desgraça** ao não conseguir o almejado título. A partir daí, tendo chegado aonde chegou, vindo não se sabe bem de onde, não pôde suportar deixar de ser o que era. Bruno de Carvalho é um estudo de caso, e não só no futebol, por exibir todos os tiques de o mais rasteiro populismo que infecta os dias de hoje. (*Corpus do Português*)

- (28) Em breve, entrará em cena a cantora Paula Fernandes, que dará vida a princesa Beatriz, que **caiu em desgraça** depois de engravidar de um plebeu. A mãe da princesa, a rainha da Lúngria (Bia Sion) tentará convencer Amália a autorizar o casamento de Beatriz com Afonso e, assim, impedir que o rei tenha que contrair matrimônio com Catarina para salvar o reino. # (*Corpus do Português*)
- (29) Entre o lirismo vermelho e o fanático do patíbulo, há um evento importante: o PT **caiu em desgraça**. Aquele que estreou no Supremo censurando o tribunal por excesso de dureza nas penas do mensalão —por ele classificadas de " pontos fora da curva " — resolveu ser o braço da Lava Jato no tribunal, disputando a condição, cabeça a cabeça, em sentido robespierriano, com Edson Fachin. (*Corpus do Português*)
- (30) O PT mineiro está irado com Beatriz Cerqueira, presidente da CUT e de o Sind-Ute. Ligada ao petismo e nome potencial para deputada estadual, ela **caiu em desgraça** no partido com a greve iniciada por professores na sexta-feira. O movimento foi visto como " manobra desleal " de Bia para desgastar uma rival direta nas urnas: a ex-secretária de Educação, Macaé Evaristo, também candidata do partido à ALMG. Vai e volta # Dinis e Lacerda cogitaram formar palanque único no primeiro turno, o que ensejaria o surgimento de um novo bloco político, quebrando a polarização entre o governismo liderado pelo PT e a oposição liderada por o PSDB. (*Corpus do Português*)
- (31) Desde a iniciação no mundo do futebol, ainda recém-formado em Direito pela Universidade Católica do Porto, até ao estatuto de braço-direito do presidente do Benfica, Luís Filipe Vieira, houve um longo caminho percorrido por Paulo Gonçalves. A amizade com Alexandre Pinto de a Costa, filho do presidente do FC Porto, abriu-lhe as portas

das Antas, onde esteve envolvido na constituição da SAD do clube, em 1997. Porém, quando Alexandre **caiu em desgraça** junto da estrutura dos "dragões", o mesmo aconteceu com Paulo Gonçalves. # O advogado não foi para longe: mudou-se em 1999 para o Boavista, clube que por essa altura ombreava com os "grandes" do futebol português e participava nas competições europeias. (*Corpus* do Português)

- (32) Diogo Piçarra recebe aval de fãs da Eurovisão # Foi o vencedor absoluto da segunda semifinal do Festival da Canção e firmou-se ainda mais como o favorito para representar Portugal na Eurovisão. # Horas depois **caiu em desgraça** nas redes sociais porque alguém, em um' timing' perfeito, se lembrou de partilhar um hino da IURD de há décadas – que nem era um tema original – para o poder acusar de plágio. # O cenário ideal para estragar as hipóteses de Diogo Piçarra e da sua "Canção do Fim" na grande final, de 4 de março. (*Corpus* do Português)

Observe o fragmento 22 “Silvio Santos caiu em desgraça no gosto de boa parte de sua audiência por conta de seus comentários”. Nessa construção, não é só uma desgraça qualquer e única, a partir do momento que o apresentador fez comentários machistas a respeito da roupa da cantora, na presença de sua esposa, houve consequências, as pessoas ficaram indignadas com tal situação e a imagem carismática que o apresentador tinha, passou por mudanças aos olhos dos fãs. A relação semântica entre os argumentos está no fato do *agente* ser *experenciador* do evento, que ele provocou, ao fazer uso de comentários infelizes.

Nesse contexto, temos uma relação de controle e causa, enquanto no exemplo 29 não temos, observe: “O PT caiu em desgraça”. O verbo CAIR seleciona 01 argumento, PT (*agente*). O sintagma nominal PT é o *experenciador* do evento, pois ele é a entidade afetada psicologicamente, uma vez que ele não possui o controle do acontecimento. Observe que temos o mesmo verbo-suporte nas duas ocorrências, mas com uma carga semântica distinta, veja o exemplo (29), isso também ocorre com os exemplos (30) e (32), pois não há o controle do evento.

Para uma categoria gramatical ser argumento é preciso que ela estabeleça uma relação semântica com o predicador, ela precisa possuir um potencial de referência, isto é, que possa servir para designar entidades, ideias,

etc. ou situações, tais como: eventos, ações etc. do universo discursivo. Essa relação está presente neste exemplo, assim como nos demais que se seguem.

A construção verbo-suporte cair em desgraça ora substituído pelo verbo pleno (desgraçar-se) não atingiria a intenção comunicativa da oração, pois não foi apenas uma desgraça qualquer, foram situações agravadas pela desgraça acometida.

As construções com o verbo-suporte CAIR, nos exemplos de (33 a 59) oferecem suporte ao substantivo predicado na construção do significado de construções do tipo verbo + sintagma nominal preposicionado. Veja:

(33) Filho de Simone divertiu mãe ao compara-la a personagem de o' Chaves' # Nesta semana, a " Coleguinha " **caiu na risada** quando o filho, Henry, falou de uma amiguinha da escola. " Eu disse assim: ' Sou mais bonita que a menina da escola, não é?' (...). E ele respondeu: ' Não é não. (Corpus do Português)

(34) " Eu estava lá no restaurante com uns amigos meus. A gente já tinha tomado uns vinho lá. Aí ela chega com aquela alegria toda e diz que eu estava bonito no ar. Eu peguei e falei' **ô, Hebe Camargo, obrigado, eu fico feliz. Posso te dar um selinho? Você é o faraó da televisão brasileira**'. Falei muito alto, todo mundo **caiu na risada**. " (Corpus do Português)

(35) Tudo começou quando um amigo conhecido como Igor Braga de apenas 13 anos faltou na aula. # Nesse mesmo dia, de acordo com Pierre em áudio, foi servido um grande banquete na escola. O áudio viral teria sido gravado na sexta-feira, 15 de março. Pierre pega o seu aparelho celular e começa a gravar dizendo, que o amigo teria perdido o saboroso banquete. # Ao decorrer de um minuto de gravação, quando se deu conta da brincadeira, **Igor caiu na risada**. Mas hoje confessa que se arrependeu de ter pedido as " conchadas de galinha ". # — Pelo menos teve arroz com galinha na mesma semana — comemora Igor. # Depois de ouvir a mensagem, o menino mostrou a gravação em casa. Seu padrasto, então, pediu para que compartilhasse a mensagem, mas Igor não achou que o áudio iria viraliza em o WhatsApp e em outras redes sociais: # (Corpus do Português)

(36) A gente quer acreditar que os 40 são os novos 30, assim como os 50 são os novos 40 e assim por diante. Mas estou cada vez mais com a Cher, 72, que, perguntada sobre como se sentia ao envelhecer, foi direito ao ponto. " Acho uma merda ", respondeu, durante entrevista à apresentadora Oprah Winfrey, quando tinha 68 anos. #

Oprah ainda tentou fazer a velha conexão entre envelhecimento e sabedoria, mas Cher não deixou por menos. " Foda-se [a sabedoria]. " A plateia **caiu na risada**, inclusive porque é libertador alguém falar honestamente sobre aquela baboseira de " melhor idade ". As pessoas podem viver bem até com 100 anos e não tenho dúvida que haja muito/a coroa se divertindo mais do que a maioria dos jovens de hoje. Mas em alguns aspectos bom mesmo é ter 20 anos. Ok, podemos dizer que 30 é a glória. (*Corpus do Português*)

- (37) Quando o senhor deu aquele berro e disparou aquele carreirão, eu pensei comigo: É o espírito do homem que saiu da sepultura para atacar a gente... " " E então eu só pensei em correr! " " Deus me livre, professor, que susto mais terrível! " Quando eu e o Tenente conseguimos conter a crise de riso que já dava dor de barriga, lhe contamos que tudo não passava de uma morada de marimbondos escondida em uma loca dentro do túmulo. Aí foi ele quem **caiu na risada** e não conseguia mais parar rir! # Foi então que eu concluí: Eh... Esse tal de Capitão Odorico, que metia medo nas pessoas quando vivo, era brabo mesmo, pois ainda depois de morto põe gente para correr e até Tenente de a Polícia Militar! Já pensou? Eu hem! (*Corpus do Português*)

- (38) Giovanna Ewbank posa de bigode Atriz brincou com cílios postiços no buço: ' Como o Charlie Chaplin ' # Giovanna Ewbank se divertiu com seu personal stylist, Renner Souza, na manhã desta sexta-feira (18), enquanto se preparava para dar início a os trabalhos do dia. O cabeleireiro e maquiador colocou cílios postiços no buço da atriz e deixou parecer que ela estava com o bigode igual ao de Charlie Chaplin. # É claro que todo mundo **caiu na risada** com a brincadeira e ela até publicou uma selfie no Instagram para mostrar o " novo visual " nas redes sociais. " Ixii acho que alguém colocou os cílios no lugar errado, né, rennersouza?! (*Corpus do Português*)

- (39) Belo e Gracyanne foram chamados. Xuxa mostrou fotos de eles antes e depois de começarem a malhar muito. As da esposa de Belo comparavam a moça agora e quando ela tinha 17 anos. Meneghel foi elogiar e disse: " Eu gosto de como é agora, porque lembra homem e eu gosto muito de homem, mas antes você também era linda ". Mion " não se aguentou " e **caiu na risada**. # (*Corpus do Português*)

- (40) A gravação do Mega Senha, da RedeTV, que foi ao ar neste sábado (28) precisou ser interrompida em determinado momento. Isso porque Marcelo de Carvalho teve um ataque de risos ao ler nome de uma das

participantes. # O apresentador riu da sonoridade do sobrenome de Rosinete Mérida, que estava no palco pronta para adivinhar as palavras e ir em busca de uma grana boa. # O auditório também **caiu na risada**. Rosinete, um pouco constrangida, sorriu. Foi então que Marcelo foi até ela e disse: Frases da Semana Instagram O Fuxico # É proibido o uso ou publicação deste conteúdo sem a devida autorização. Os infratores ficarão sujeitos a penas previstas por lei. (Corpus do Português)

- (41) " Esse é um espaço feito adequadamente para as crianças brincarem. Aí vem a mãe, vem o pai, vem a avó, todos os adultos. Podem se reunir em um espaço de família e de convívio, fazer academia, passear. Maranguape recebe hoje esse benefício para melhorar a qualidade de vida de as famílias que moram aqui ", explicou o governador Camilo Santana. # Quando a sorridente Fábria Oliveira, correu avidamente em busca de um brinquedo para aproveitar no fim de tarde, sua mãe, a costureira Claudete Oliveira, 45, **caiu em comoção**. A felicidade de ver a filha contemplada com equipamentos de lazer, em um ambiente público seguro e de qualidade. " Antes as crianças não tinham nenhuma área de lazer e os adultos sentiam falta de um lugar aberto para fazer exercícios. Ficou muito boa essa praça. Muitas vezes a gente não pode pagar academia, e agora é só sair de casa pra vir aqui ", contou. As praças em o Estado # No total, serão 32 Praças Mais Infância em todo o Estado (Corpus do Português)
- (42) Sheron Menezes **caiu no choro** ao descobrir que seu primeiro presente de' Dia das Mães' foi destruído por um cachorro da família. A atriz, que é mãe de Benjamin, de 1 ano e 7 meses, se distraiu enquanto dava banho no filho e o seu cão atacou o trabalho escolar. # " Gente estou arrasada. Primeiro estou feliz porque recebi o primeiro presente de Dia das Mães, primeiro trabalhinho da creche. Estava toda emocionada, fiz foto e tudo. Daí o cachorro veio e devorou tudo (Corpus do Português)
- (43) O cantor Wesley Safadão chora no velório de Gabriel DinizAg. News # Wesley Safadão anda reagindo muito mal à trágica morte de Gabriel Diniz. Dia desses Safadão jantava com a família em um restaurante e, após uma moça perguntar se estava tudo bem com ele, o cantor **caiu no choro**. Na última quinta-feira, ele cancelou o lançamento de uma música e vive chorando pelos cantos. Ontem, a equipe de Safadão emitiu um comunicado sobre o adiamento de dois shows, um que faria em Barra do Garças, nessa sexta, e outro que seria hoje em Tangará da Serra. "(Corpus do Português)

- (44) Aos 27 anos, atriz festeja trabalho em trama teen e conta que Regina Casé foi sua grande incentivadora # Jeniffer Dias é uma das revelações do elenco de Malhação - Vidas Brasileiras, trama teen que chega ao fim na segunda-feira (15). A atriz contou que **caiu no choro** após se despedir das gravações como Dandara. " Foi um choro de emoção por lembrar tudo que vivi e também de agradecimento por ter dado conta de essa personagem gigante, que me escolheu ", afirma. (Corpus do Português)
- (45) Marina Ruy Barbosa tem crise de choro em os bastidores da TV Globo # A atriz Marina Ruy Barbosa diante de toda a polêmica que foi envolvida nos últimos dias, na tarde desta quinta-feira (28), acabou não resistindo e **caiu no choro** nos bastidores dos Estúdios Globo. # Segundo informa o jornalista Ricardo Feltrin, de o UOL, ela acabou tendo uma crise de choro depois que tentou gravar cenas de " O Sétimo Guardiã " com o ator José Loreto. Os diretores da trama tentaram interferir no caso para acalmar a jovem. O choro aconteceu no camarim (Corpus do Português)
- (46) Rumo à eleição: campanha mostra foto de Beto chorando; Ratinho ganha mais uma # O choro de Beto A campanha de Beto Richa (PSDB) divulgou nas redes sociais fotos do ex-governador chorando. Foi no evento de desagravo realizado com prefeitos nesta segunda, 48 horas depois dele sair da prisão. Beto estava visivelmente emocionado e **caiu no choro** assim que o primeiro orador começou a falar. # E do filho As fotos publicadas no Facebook mostram também o choro do filho mais velho de Beto, Marcello Richa (PSDB). Candidato a deputado estadual, não há como negar que Marcello passou por um baque nos últimos dias: viu pai, mãe e tio serem presos e sua campanha ir por água abaixo. (Corpus do Português)
- (47) Depois de mais de 23 horas de competição, a dupla Breno e Viegas deixou a décima prova do líder do " BBB18 ". Agora, Jéssica e Kaysar seguem na disputa pela liderança e um carro. O goiano **caiu no choro** e se desculpou com o músico por não aguentar mais. Após análise da produção, eles foram autorizados a deixar o local de prova na noite desta sexta-feira (30). (Corpus do Português)
- (48) Enquanto a morena ficou mais um dia no lugar paradisíaco. Junto com a sua despedida, Marquezine publicou uma foto, tirada pelo fotógrafo Raul Aragão, na qual mostrou um corpo sarado e escultural, de fazer inveja a muita gente. # Neymar e Bruna haviam rompido o namoro em junho de 2017, mas não resistiram ao reencontro. Na despedida do amado, quando ele partiu para o aeroporto, eles foram clicados aos beijos e, na

sequência, Bruna **caiu no choro** por causa do afastamento. (Corpus do Português)

- (49) Quem esteve no Centro Olímpico de Tênis na noite deste domingo, na Barra, presenciou uma zebra histórica. Juan Martín Del Potro surpreendeu o público e o mundo do esporte ao eliminar Novak Djokovic logo na primeira rodada da Olimpíada. Número 1 do ranking da ATP, o sérvio sentiu tanto o golpe que **caiu no choro** enquanto deixava a quadra central. (Corpus do Português)
- (50) Então, minha priminha Harmony fez 9 anos na semana passada. Perguntaram o que ela queria ganhar de aniversário e ela pediu que toda a família aparecesse, mas que comprasse presentes para ela dar para pessoas em situação de rua! Então, ela foi a um abrigo e distribuiu presentes e dinheiro ", escreveu Aris. # De tão emocionado pelo gesto da menina, o homem se curvou e **caiu no choro** - um momento que ficou registrado, foi compartilhado e gerou muita comoção nas redes sociais. # É incrível que o coraçãozinho dela seja tão grande! (Corpus do Português)
- (51) Já o atacante se mostrou muito pouco produtivo e foi substituído no intervalo. Lucas Fernandes: primeiro gol e choro # A cobrança de falta certa a os 21 minutos fez com que o jovem de 18 anos marcasse seu primeiro gol com a camisa do São Paulo. Ele já tinha sido usado em outras oito partidas nesta temporada: duas na Libertadores e seis no Paulista. Assim que balançou as redes, ele não segurou a emoção e **caiu no choro**. Atuação do São Paulo: falta de entrosamento sem titulares # Em um time repleto de reservas e garotos pouco utilizados, que não está acostumado a jogar junto, não dava mesmo esperar o entrosamento ideal. Isso ficou bem claro no São Paulo durante vários momentos da partida. (Corpus do Português)
- (52) Em 2012, nos Jogos de Londres, o sul-americano havia vencido Djokovic na disputa pela medalha de bronze. Quando saía de quadra, Djokovic protagonizou uma cena raríssima e **caiu no choro**. Voltou para o vestiário a os prantos. # Número 1 de o mundo com folga sobre Andy Murray, o segundo colocado em o ranking, Djokovic segue sem conquistar uma medalha de ouro em Olimpíadas. (Corpus do Português)
- (53) O arquiteto lembrou que foi depois do ataque de Cassard que Ribeira Grande **caiu em declínio** e veio a surgir a cidade da Praia como capital de Cabo Verde, em uma mudança de centro do poder, devido aos grandes estragos causados pelo pirata. # Dizendo que foi uma

experiência " muito interessante ", porque também teve de " entrar em a história ", com um enquadramento de a época e as motivações de o pirata, o ator afirmou ainda que o que o chamou mais atenção foi a facilidade de se contar a história. (*Corpus do Português*)

(54) Batemos à porta. Uma mulher explica-nos que o dono da casa, um empresário americano, está fora da cidade. Por isso, se queremos mesmo seguir os passos do criador francês em Marraquexe, o melhor é visitar o Jardim Majorelle 1, um pequeno éden pontuado por enormes palmeiras que recebe cerca de 700 mil pessoas por ano. Criado pelo pintor francês Jacques Majorelle e aberto ao público em 1947, o jardim **caiu em declínio** até ser comprado em 1980 por Saint Laurent e Bergé. O casal transformou o estúdio do pintor no Museu Bereber e recuperou a icónica Villa Oasis, que acolheu em tempos personalidades como Andy Warhol e a família Getty. (*Corpus do Português*)

(55) O início da temporada 2016 também foi bom para a Origen, com a organização ficando, novamente, com o vice-campeonato de uma etapa de a LCS EU, agora após derrota para a G2 Esports. Contudo, depois disso, o clube **caiu em declínio** e terminou aquele ano sendo rebaixado para o torneio de a 2ª divisão, de onde ainda não conseguiu sair. (*Corpus do Português*)

(56) E apesar de estarem tão preocupados com a promoção da diversidade social, não aceitam opiniões diversas. Sou criticado no Reino Unido há tanto tempo (o que não acontece em mais lado nenhum!) que nada que digam sobre mim já me soa a ameaça. Porque, apesar de tudo, continuo aqui ", acrescenta ainda em um texto que tem como título " Porque o Independent detesta independência ". # O artigo do jornal britânico diz que Morrissey já foi " maravilhoso " mas **caiu em declínio**. (*Corpus do Português*)

(57) O setor de construção naval **caiu em declínio**, e na virada do século empregava apenas 2. 000 trabalhadores. # Depois que o esquerdista Lula foi eleito presidente, em 2003, ele imediatamente ordenou que a Petrobras construísse mais e obtivesse mais de suas matérias-primas no país. Alguns anos depois, a Petrobras descobriu vastas reservas de petróleo sob uma profunda camada de sal no leito do oceano Atlântico. Lula proclamou: " Deus é brasileiro ". (*Corpus do Português*)

(58) Amostras de troncos de árvores registam flutuações repentinas entre secas extremas e chuvas torrenciais. E o mapa produzido por o sistema Lidar revela os danos catastróficos que as inundações provocaram. # Sem esse

mecanismo vital de sustentação, Angkor **caiu em declínio** e jamais se recuperou. # em o século XV, os reis Khmer abandonaram a cidade e mudaram-se para a costa. Lá, construíram uma nova cidade, Phnom Penh, actual capital de o Camboja. # Quando Mouhot chegou, encontrou apenas os grandes templos de pedra, muitos, em ruínas. # Praticamente todo o resto - de casas populares a palácios reais, feitos de madeira - havia apodrecido. # (*Corpus* do Português)

- (59) Em impostos referentes ao imóvel são pelo menos US\$ 6 mil. Além disso, a informação de que a casa necessita de " investimento especial " sinaliza de que reformas são necessária para tornar- a habitável. # A urgência do vendedor pode ser explicada pela situação financeira enfrentada pela cidade de Detroit. A ex-capital do automóvel **caiu em declínio** desde que o eixo de o mercado das quatro rodas foi deslocado dos Estados Unidos para países asiáticos. (*Corpus* do Português)

Observe as ocorrências em (33 e 34), a construção verbo-suporte se realiza para obter uma maior versatilidade sintática. Percebemos que há uma relação entre o motivo e a causa do evento, o *agente* é um *experenciador* da situação, há uma mudança de estado em que o *agente* sai de um estágio sério e adquire uma emoção social, ou seja, sentimentos mais subjetivos, incluindo emoções como a pena, a vergonha, o embaraço, a culpa, o orgulho, a inveja, a gratidão, a admiração, a indignação e o desprezo.

Em (34) “Falei muito alto, todo mundo *caiu na risada*”, é o agente quem provoca a sensação e o motivo para o riso, em que o próprio agente experencia algo que ele mesmo causou, enquanto em (33) a situação é provocada por um terceiro.

O verbo CAIR apresenta tempo, modo, pessoa, assim como um verbo auxiliar, mas não se caracteriza como auxiliar neste modelo de construção, pois a construção tem um caráter de entrincheiramento, e apresenta muito mais elementos além do estrutural, ou seja, mais elementos sintático-semânticos e pragmático-discursivos.

Desse modo, por exemplo, CAIR traz a noção de ruptura do que fora esperado, assim como se faz na constituição do humor, em que apresenta intensidade, por esse mesmo fator de ruptura e pela “lembrança”, ou seja, pela relação analógica, associativa do acontecimento CAIR que, por vezes, faz as pessoas rirem ou promove susto.

Assim, a construção “caiu na risada”, por exemplo, CAIR está abstratizado, mas demonstra indícios do sentido pleno; e o sintagma preposicionado (SP) “na risada”, entra como articulador do eixo principal do estado de coisa (EsCo), ou seja, se torna o centro informacional da construção. Se se pensa esse EsCo literalmente, também temos uma relação cômica e intensa. O cérebro faz todas essas relações rapidamente e seleciona a opção adequada, mas nesse processo de seleção, ele “passa” pelo sentido literal e auxilia na construção da intensidade.

Desse modo, percebemos que o verbo estabelece uma combinação especial com o sintagma nominal na posição de objeto, de forma que essa combinação dá margem a um novo significado que não está diretamente relacionado com os significados de seus constituintes.

As construções com verbo-suporte CAIR são prototípicas, uma vez que ela preenche todos os requisitos implícitos em uma construção verbo-suporte. A construção verbo-suporte CAIR sofre esvaziamento semântico, ela perde parte, mas não totalmente seu sentido como verbo pleno, pois ainda apresenta em sua configuração parte dessa significação semântica. O substantivo é deverbal abstrato, em que o verbo em alguns contextos se apresenta como verbo de estado como por exemplo, caiu na gargalhada, o indivíduo sai de um estado sério para um cômico. As construções com o verbo-suporte CAIR se apresentam em um grupo preposicionado.

Observe que, nos exemplos de (1 a 11) e (33 ao 40), as construções caiu na gargalhada e caiu na risada têm um significado geral que, respectivamente, é *gargalhar* e *rir* que difere da associação dos significados caiu + na gargalhada/caiu + na risada. “Ele caiu na risada” é diferente de “Ele riu muito”. A construção tende a trazer mais intensidade pela relação que o verbo CAIR traz, pela informalidade, que traz sensações emocionais e psicológicas mais intensas que o verbo RIR seguido do advérbio de intensidade.

Nos exemplos de (1 a 11), o sintagma nominal preposicionado amplia a significação de apenas rir muito, a extensão significativa toma uma proporção maior ao colocar o verbo CAIR, pois esse verbo mesmo utilizado como verbo-suporte ainda apresenta em sua prototipicidade traços de verbo pleno, o que contribui para a relação semântica e pragmática proporcionada pela construção

verbo-suporte. A abstratização de significação condiz com a extensão dessa gargalhada, é totalmente distinta de rir muito, algo que não seria alcançado por um verbo pleno (gargalhar).

De acordo com Neves (2018, p. 35), “a predicação é o processo básico de constituição do enunciado”. Percebe-se que as construções são melhores preditores que os verbos, pois cada expressão linguística começa com a construção de uma predicação, que, prototipicamente, tem o verbo como o elemento fundamental nesse processo.

Desse modo, a noção de verbo é central na construção da sentença, porque a partir da constituição de um predicado são selecionados argumentos que estruturam a oração básica, do ponto de vista sintático e semântico. Bem como, o processo predicativo que se estabelece a partir da relação do verbo com outros elementos fundamentais para a descrição do estado de coisas, como o tempo, o modo e a concordância.

Assim, o falante faz a opção pelo uso de uma construção com verbo-suporte para obter “efeitos especiais” no ato comunicativo. Quando se fala em variação no âmbito da Gramática de Construções, ocorre o princípio de não-sinonímia (GOLDBERG, 1995), que prevê a potencialidade, na língua, ou de similaridade semântica ou de similaridade pragmática entre construções diferentes como ocorre com os usos de “cair”, ora usado como suporte e pleno. Tais efeitos seriam de quatro naturezas distintas: a obtenção de maior versatilidade sintática, a obtenção de maior adequação comunicativa, a obtenção de maior precisão semântica e a obtenção de efeitos na configuração textual.

Esses efeitos semânticos propostos ao utilizar dessas construções com verbo-suporte, seria a obtenção de maior precisão semântica para configurar um aspecto verbal particular e para obter uma construção de aceção não-idêntica à da construção com verbo pleno, pois quando utilizada uma construção com verbo-suporte é justamente para transmitir um novo significado no discurso comunicativo, obtendo com isso, um novo efeito na configuração textual.

As construções com verbo-suporte CAIR se realizam a partir de um esquema cognitivo abstrato preposicionado. Elas se referem a uma generalização categorizada realizada pelos falantes da língua, que ora a

utilizam para inovar seu discurso comunicativo. Essas construções com verbo-suporte são prototípicas, pois compõe-se de um verbo, com determinada natureza semântica básica e com função de natureza gramatical na construção do predicado, e um sintagma nominal abstrato preposicionado, que compõe com o verbo o sentido da construção como um todo.

Toda essa configuração construcional corresponde a um esquema cognitivo rotinizado na língua como uma unidade lexical complexa. Assim, a frequência de uso na predicação leva ao entrincheiramento cognitivo desses elementos na configuração oracional básica. Enquanto as mudanças no nível da predicação ocorrem gradualmente, possibilitando o surgimento dessas construções com verbo-suporte na língua.

Quando esse padrão se estabelece na língua, a construção-suporte perde composicionalidade e começa a instanciar subesquemas de transitividade, microconstruções e construtos na língua, em razão de seu *status* hierárquico. Essas instâncias herdam do esquema cognitivo da predicação características semânticas e formais.

A composicionalidade se relaciona com o grau de previsibilidade do significado de uma construção a partir do significado dos seus componentes, à proporção de representatividade do sentido dos elementos da construção em seu significado global. Refere-se, portanto, ao grau de transparência da relação entre forma e significado (BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Para Bybee (2010), uma construção composicional pode ser analisável na medida em que o falante reconhece na construção palavras, morfemas e uma estrutura morfossintática individual.

Dessa maneira, a composicionalidade se encontra na capacidade de criação de expressões complexas com base no significado de expressões menores. Essa composição de significado se materializa na elaboração sintática das construções nas convenções simbólicas.

Isso ocorre com as ocorrências de (33 a 40) que evidenciam uma generalização, um padrão construcional diferente do padrão da construção predicativa prototípica, não é apenas *rir*, as construções apresentam diferentes graus de composicionalidade. O verbo e seu argumento são reanalisados e formam um predicado mais complexo. A construção com o verbo-suporte CAIR apresenta funcionalidade na oração em que o propósito comunicativo

pretendido pelo usuário da língua não seria contemplado com o uso de uma construção com verbo pleno ou para atender necessidades comunicativas por falta de léxico para representação dos eventos do mundo. Assim, as construções com verbo-suporte apresentam equivalência semântica com verbos plenos, nesse caso cair na risada = *rir*, porém com uma extensão de significado maior pragmaticamente.

Esse mesmo processo acontece nas construções verbos-suporte dos exemplos (41 e 42). No primeiro caso, "(...) a costureira Claudete Oliveira, 45, caiu em comoção." O verbo CAIR seleciona um *agente* (costureira) e um objeto indireto (em comoção), percebemos que o *agente* experencia um evento que não tem domínio sobre ele, mas sente as causas e os efeitos positivos de vivenciar tal experiência, a emoção de ver a felicidade em seus filhos. Já, em 42 "Sheron Menezzes caiu no choro ao descobrir que seu primeiro presente de 'Dia das Mães' foi destruído por um cachorro da família. ", o efeito discursivo empregado nessa construção trata de um *agente experienciador* sem domínio do evento, mas que sente uma emoção cômica ou de infelicidade sobre a situação.

Assim, podemos perceber que nessas duas construções, caiu em comoção e caiu no choro, representam circunstâncias relativas à emoção pessoal. O falante utiliza essas construções linguísticas construídas com base no esquema cognitivo para representar seus sentimentos. Essas emoções de sentimentos são sensações físicas que geralmente são provocadas por algum estímulo.

No exemplo 41 houve um acontecimento em um espaço físico de entretenimento, em que os sentimentos de emoção da mãe se afluíram, mas isso é muito pessoal, pois outra pessoa não poderia vivenciar esta experiência do mesmo modo. A utilização de um verbo suporte é justamente para demarcar a extensão dessa emoção vivida por um sujeito *experienciador*.

Assim se analisarmos o exemplo 42, em que os sentimentos demarcados evidenciam outro tipo de emoção pessoal, tristeza ao ver o presente destruído pelo cachorro. Como são sentimentos pessoais, cada um reage de um modo a cada situação, o que poderia ser visto em uma outra concepção por outro indivíduo como graça, e rir da situação, ora criada pelo animal.

Percebemos que o usuário da língua utilizou expressões linguísticas construídas com base no esquema cognitivo verbo-suporte CAIR, para representar circunstâncias relativas à saúde pessoal. Pelo fato de o verbo-suporte CAIR conservar parte de sua forma plena, contribuiu para a significação maior pragmaticamente para o contexto em que foi utilizado.

As construções com o verbo-suporte operam numa seleção diferente na estrutura do predicado, pois não se trata tão somente de verbos predicadores exigindo complementos na estrutura do predicado da oração. A construção vem acompanhada de um sintagma preposicionado. O elemento não verbal, nas construções com verbo-suporte, passa a ser o centro da predicação, responsável pela abertura de espaços vazios a serem preenchidos pelos argumentos da construção inteira.

Agora observe, a ocorrência 53 “Ribeira Grande caiu em declínio.”, que a relação de movimento, não temos um *agente experienciador*, a relação pragmática discursiva ora empregada nesse evento está relacionada à mudança de estado.

A construção caiu em declínio se estabelece no âmbito de domínios cognitivos, os quais, por sua vez, representam determinados conteúdos conceituais. Segundo Langacker (2008, p. 43), “De maneira geral, um significado consiste em conteúdo conceitual e em uma maneira específica de interpretar esse conteúdo”. Tal movimento consiste no deslocamento ou mudança de posição em um espaço.

Nesse exemplo, houve uma mudança prototípica, uma vez que foi preciso que uma cidade se desfizesse para que uma nova surgisse. E é com base nesse conceito que o falante usa uma construção com verbo-suporte para formular padrões construcionais na língua. Esses padrões atendem aos subesquemas de transitividade de orações transitivas indiretas e de orações intransitivas.

A conceptualização está no plano cognitivo, suas bases se encontram nas experiências com o mundo, com os eventos que os falantes vivenciam e que relacionam às expressões linguísticas na elaboração do discurso em seus atos comunicativos.

Percebe-se a amplitude de significação nessas construções ao utilizar o verbo-suporte CAIR, pois pragmaticamente evidenciam a proporção do

problema, algo que o verbo pleno nesse ato comunicativo não conseguira representar cognitivamente para o usuário da língua.

Assim, sabemos que as construções com verbo-suporte atendem propósitos comunicativos específicos no que tange à necessidade expressiva do falante. Em decorrência da frequência de uso, as construções são utilizadas com sentidos mais idiomáticos, isto é, menos composicionais e menos analisáveis do ponto de vista construcional (ALONSO; SANTOS, 2020).

Esses significados dependem do contexto pragmático-discursivo que pode estar codificado linguisticamente em expressões metafóricas. Assim, o falante, ao elaborar seu discurso, utiliza da analogia de conceitos de domínios cognitivos distintos para representar um evento no mundo, com intuito de retratar de modo mais fidedigno sua concepção dos eventos e entidades envolvidas em sua representação mental do acontecimento. O usuário da língua, utiliza de diversas possibilidades linguísticas que atenda da melhor forma suas necessidades expressivas.

Por esse motivo, as construções com verbo-suporte são convencionalizados no discurso, por retratar da melhor maneira os acontecimentos no mundo ou por não ter correspondência no léxico.

Em síntese, percebe-se que as construções com verbo-suporte ampliam os contextos de uso da língua e o verbo CAIR não perde totalmente sua prototipicidade, uma vez que, em todos os casos, ele demarca a mudança de estado. Além disso, nota-se que o núcleo do sintagma nominal funciona como centro informacional da construção. A partir da sua convencionalização, a construção-suporte é generalizada em um esquema abstrato rotinizado na mente dos falantes, com uma posição hierárquica superior na rede de relações construcionais, haja vista que promove a instanciação de outras construções na língua.

Desse modo, as construções com o verbo-suporte CAIR estabelecem uma ligação verbo nominal para obter um único significado. Além disso, nessas construções, há um verbo que dá origem ao substantivo que a compõe, chamado de verbo-base. Normalmente, esse verbo é um sinônimo da construção, e a diferença entre eles é a valência sintática e semântica – os complementos atribuídos pelo verbo e seus respectivos papéis temáticos que se relacionam com aspecto verbal.

Nesse sentido, o uso das construções verbos-suporte CAIR revela muito mais do que uma alternativa de paráfrase ou de versatilidade sintática. Essas construções têm um forte componente discursivo e pragmático, revelando intenções comunicativas. Sob a plêiade de Neves (2000), é possível perceber que o verbo CAIR se revela como instrumento morfológico e sintático na construção do predicado e que os sintagmas nominais aglutinam com o verbo para configurar o sentido da construção.

Percebemos que o usuário da língua utilizou expressões linguísticas construídas com base no esquema cognitivo verbo-suporte CAIR, para representar circunstâncias relativas à saúde pessoal. Pelo fato de o verbo-suporte CAIR conservar parte de sua forma plena, contribuiu para a significação maior pragmaticamente para o contexto em que foi utilizado.

As construções com o verbo-suporte operam numa seleção diferente na estrutura do predicado, pois não se trata tão somente de verbos predicadores exigindo complementos na estrutura do predicado da oração. A construção vem acompanhada de um sintagma preposicionado. O elemento não verbal, nas construções com verbo-suporte, passa a ser o centro da predicação, responsável pela abertura de espaços vazios a serem preenchidos pelos argumentos da construção inteira.

Portanto, à medida que a construção com verbo-suporte vai se tornando mais fixa, o sintagma nominal deixa de ser argumento do verbo, passando a parte inerente deste e seus complementos serão complementos da estrutura inteira (Cf. FORTUNATO, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente dissertação, procuramos encontrar padrões recorrentes de uso do verbo-suporte CAIR. Para tanto, analisamos aspectos sintáticos, semânticos, pragmáticos e discursivos do verbo, em contextos em que o verbo CAIR desempenha a função de verbo-suporte, bem como em expressões cristalizadas.

Como base teórica para essa análise, optamos por utilizar os preceitos da Gramática de Construções de Goldberg (1995 e 2006). Para o caso específico das construções com o verbo-suporte, apoiamos nos trabalhos desenvolvidos por (BORBA, 1996; NEVES, 2000, 2002; SILVA, 2006, 2016; VILELA, 1995) e na pesquisa de Ribeiro (2007), que trabalha com o processamento mental de construções com verbo-suporte, a partir da estrutura argumental dos seus constituintes. Para analisar as Construções com verbo-suporte CAIR nos baseamos fundamentalmente na perspectiva teórica de (NEVES, 2000, 2002; SILVA, 2006, 2016), para quem os verbos-suportes são semanticamente vazios.

A análise dos sentidos e usos do verbo-suporte CAIR teve como ponto de partida a consulta ao banco de dados do *corpus* do Português, a seleção dos dados teve em vista, uma análise qualitativa, por isso a dissertação conta com uma amostragem quantitativa realizada, apenas para conferir maior segurança à análise qualitativa.

Percebemos que os princípios da gramática de construções podem ser empregados em estudos que contemplem as construções de verbo-suporte porque podem ser empregados como um aporte teórico para o entendimento da constituição das línguas, por contribuir na compreensão de aspectos da forma e do significado da construção linguística, como os aspectos pragmáticos e discursivos, além, dos aspectos cognitivos que realizam a mediação entre o indivíduo e o mundo na atividade linguística dos usuários do Português Brasileiro.

Compreendemos também, que a gramática de construções pode contribuir com a análise de construções parcialmente esquemáticas e construções completamente esquemáticas, pois o estudo dessas construções permite demonstrar que a língua se constitui como um sistema construcional

complexo, dado que as construções decorrem de aspectos sociais e cognitivos que envolvem os usos linguísticos.

Entendemos que as construções com verbo-suporte consistem em um esquema cognitivo que instancia outras construções na língua, ou seja, uma generalização categorizada na mente dos falantes. Essas construções correspondem a uma construção formulaica, virtual e abstrata. Elas instanciam subesquemas de transitividade, ou seja, diferentes subesquemas da organização oracional básica. Do mesmo modo que instanciam microconstruções e construtos que apresentam níveis gradientes de especificação formal. A partir do aumento da frequência de uso das construções com verbo-suporte CAIR, os elementos da estrutura de argumentos começam a apresentar uma evidente relação sequencial que leva ao entrenchamento cognitivo dos elementos em orações transitivas, promovendo assim, mudanças no nível da predicação e talvez seja isso, que explica o motivo de uma construção com verbo-suporte ser muito produtiva.

Essas construções são utilizadas, na maioria das vezes, para suprir necessidades comunicativas por falta de léxico ou para atender propósitos pragmático-discursivos dos falantes. A esse respeito, por ser um padrão esquemático e produtivo, tais construções servem como uma possibilidade de representação linguística dos acontecimentos no mundo que não tem representação com um verbo pleno. Isso acontece por intermédio da capacidade cognitiva dos usuários da língua, que realizam representações na língua com base em padrões construcionais já estocados na mente.

Os resultados mostraram que as construções com o verbo-suporte CAIR integram uma construção a partir da leitura semântica central da construção. A distinção mais significativa entre essas construções apresentadas consiste nas nuances de sentido da leitura de mudança de estado dessas construções. A mudança de estado pode ser abstrata, potencial ou metafórica e consistem em um esquema cognitivo abstrato, que instancia outras construções em nível de subesquemas na língua. Elas apresentam um componente discursivo e pragmático que revelam as intenções comunicativas discursivas dos falantes.

A relação entre todas as construções formadas pelo verbo-suporte CAIR analisadas na presente dissertação indica que o conhecimento linguístico é bem estruturado e que os falantes não armazenam listas infindáveis de

construções distintas no Léxico, mas associam aspectos presentes em construções mais abstratas para aprender novas construções. Acreditamos que o objetivo inicial proposto no presente trabalho foi cumprido, já que apresentamos uma análise de padrões de uso verbo-suporte CAIR, nos diferentes contextos em que ele ocorre, demonstrando, assim, a sua configuração sintática, semântica e pragmática discursiva.

REFERÊNCIAS

- ABRAÇADO, J. **O tempo, o tempo linguístico e o tempo verbal: propriedades e relações.** São Paulo: Contexto, 2020.
- ALENCAR, J. **Iracema.** Edição do centenário. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1965.
- ANTUNES, M. I. C. M. **Muito além da gramática: por um ensino de gramática sem pedras no caminho.** 3. ed. São Paulo: Parábola, 2007.
- ARISTÓTELES. **Metafísica.** Tradução de V. G. Yebra. Madrid: Gredos, 1998.
- ASSIS, E. F. **Iconicidade lexical: o insólito em *Sombras de Reis Barbudos*.** Rio de Janeiro: Dialogarts, 2017.
- AULETE, F. J.; VALENTE, A. L. S. **@ulete digital: dicionário contemporâneo da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2006. Disponível em: <http://www.aulete.com.br>. Acesso em: 20 jul. 2020.
- AZEREDO, J. C. **Fundamentos de gramática do português.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** 52. ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V. C. Mudança linguística. *In*: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V. C.; REZENDE, T. F. (org.). **Dinâmicas funcionais da mudança linguística.** São Paulo: Parábola, 2017. p. 9-35.

BARROS, D. M. **Um estudo pancrônico da voz reflexiva em perspectiva construcional**. 2016. 175 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

BASILIO, M. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. atualizada pelo novo Acordo Ortográfico. São Paulo: Nova Fronteira: Lucerna, 2009.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. Tradução de Eduardo Guimarães *et al.* São Paulo: Pontes, 1988.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães *et al.* São Paulo: Pontes, 1989.

BERTOQUE, L. A. D. P. **Elaborações de voz da fala goiana: o destaque ao argumento afetado**. 2014. 245 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

BERTOQUE, L. A. D. P. **A funcionalidade de construções de voz em títulos de notícia e em manchetes de jornais impressos**. 2010. 205 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

BOLINGER, D. **Meaning and Form**. London: Longman, 1977.

BORBA, F. S. **Dicionário gramatical de verbo**. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

BORBA, F. S. (coord.). **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil**. São Paulo: Ed. Unesp, 1990.

BORBA, F. S. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Ática, 1996.

BORBA, F. S. **Pequeno vocabulário de linguística moderna**. 2. ed. rev. e aum. São Paulo: Nacional, 1976.

BROWN, J. D. **Understanding Research in Second Language Learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BYBEE, J. **Frequency of Use and the Organization of Language**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. **Language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

BYBEE, J. **Mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

BYBEE, J.; EDDINGTON, D. A usage-based approach to Spanish verbs of “becoming”. **Language**, v. 82, n. 2, p. 323-355, 2006.

BYBEE, J.; HOPPER, P. Introduction to frequency and the emergence of linguistic structure. *In*: _____ (ed.). **Frequency and the Emergence of Linguistic Structure**. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 1-24.

CAIR. *In*: @ULETE Digital. Rio de Janeiro: Lexikon, [2021]. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/cair>. Acesso em: 20 jul. 2020.

CAIR. *In*: DICIO: Dicionário *Online* de Português. Porto: 7Graus, 2021a. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cair>. Acesso em: 20 jul. 2020.

CAIR. *In*: MICHAELIS *On-line*: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2021b. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cair>. Acesso em: 20 jul. 2020.

CÂMARA Jr., J. M. Dicionário de Linguística e Gramática: referente à língua portuguesa. 28. Ed. Petrópolis: Vozes. 2011.

CANÇADO, M. Um estatuto teórico para os papéis temáticos. *In*: MULLER, A. L.; NEGRÃO, E.; FOLTRAN, M. J. (org.). **Semântica formal**. São Paulo: Contexto, 2003. 95-124.

CANÇADO, M. **Manual de semântica**: noções básicas e exercícios. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

CASSEB-GALVÃO, V. C.; LIMA-HERNANDES, M. C. O equilíbrio na mudança linguística: a gradualidade em processo. *In*: SOUZA, E. R. (org.). **Funcionalismo linguístico**: novas tendências teóricas. São Paulo: Contexto, 2012. p. 153-170.

CASTILHO, A. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2016.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 46. ed. São Paulo; Companhia Editora Nacional, 2005.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48. ed. rev. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2008.

CEZARIO, M. M. **Efeitos da criatividade e da frequência de uso no discurso e na gramática**. *In*: SOUZA, E. R. (org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 19-32.

CHAFE, W. **Significado e estrutura linguística**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

CHAMBERS, J. K. Networks. *In*: _____. **Sociolinguistic theory**. Oxford: Blackwell, 1995. p. 66-84.

CHESHIRE, J. Linguistic Variation and Social Function. *In*: ROMAINE, S. (ed.). **Sociolinguistic Variation in Speech Communities**. London: Edward Arnold, 1982. p. 153-166.

COMRIE, B. **Language Universals and Linguistic Typology**. Oxford: Oxford University Press, 1981.

COSTA, S. B. B. **A linguística e os estudos de linguagem rumo ao século XXI**. Vitória da Conquista: Uesb, 2007.

CROFT, W. Grammatical and lexical semantics. *In*: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (ed.). **Morphology: A Handbook on Inflection and Word Formation**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999.

CROFT, W. Logical and typological arguments for Radical Construction Grammar. *In*: ÖSTMAN, J.-O.; FRIED, M. (ed.). **Construction Grammar in a Cross-Language Perspective**. Amsterdam: John Benjamins. 2005. p. 273-314.

CROFT, W. **Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective**. New York: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W. **Syntactic Categories and Grammatical Relations: The Cognitive Organization of Information**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

CROFT, W. **Typology and Universals**. New York: Cambridge University Press, 1990.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive Linguistics**. New York: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, A. F. Funcionalismo. *In*: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 157-174.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

CUNHA, C.; LACERDA, P. F. A. Gramática de construções: princípios básicos e contribuições. *In: OLIVEIRA, M. R.; CEZÁRIO, M. M. (org.). **Funcionalismo linguístico**: diálogos e vertentes*. Niterói, RJ: Eduff, 2017. p. 17-45.

DAVIES, M. **O corpus do português**. [2016]. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/x.asp>. Acesso em: 20 abr. 2020.

DUARTE, I. Verbos leves. *In: MATEUS, M. H. et al. **Gramática da língua portuguesa***. Lisboa: Caminho, 2003.

DUBOIS, J. et al. Dicionário de Linguística; trad. Frederico Pessoa de Barros [et al]. São Paulo: Cultrix, 1973.

ECKERT, P. **Linguistic Variation as a Social Practice**. Oxford: Blackwell, 2000.

FERES, B.; OLIVEIRA, M. R.; PEREIRA, T. Linguística funcional centrada no uso e ensino. *In: CASSEB-GALVÃO, V. C.; NEVES, M. H. M. (org.). **O todo da língua***. São Paulo: Parábola, 2017. p. 29-34.

FIGUEROA, E. **Sociolinguistic Metatheory**. Oxford: Pergamon Press, 1994.

FILLMORE, C. Some Problems for Case Grammar. **Working Papers in Linguistics**, n. 10, p. 245-265, 1971.

FILLMORE, C. The case for case. *In: BACH, E.; HARMS, R. T. (ed.). **Universals in Linguistic Theory***. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1968. p. 1-88.

FILLMORE, C. Topics in lexical semantics. *In: COLE, R. (ed.). **Current Issues in Linguistic Theory***. Bloomington: Indiana University Press, 1977. p. 79-138.

FLEISCHMAN, S. **The future in Thought and Language**. New York, NY: Cambridge University Press, 1982.

FLICK, U. **Designing Qualitative Research**. Los Angeles, CA: Sage, 2007.

FLORES, V. N. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

FORTUNATO, I. V. Análise da estrutura argumental do verbo “chegar” em construções com verbo-suporte. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 3, n. 1, 2009.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, M. C.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2013. p. 13-39.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. *In*: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (org.). **Linguística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 29-55.

FURTADO DA CUNHA, M. A. F.; SOUZA, M. M. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FURTADO DA CUNHA, M. A. F.; SOUZA, M. M. **Transitividade e seus contextos de uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

GARCÍA, A. L. **Gramática del español**: II. La oración simple. Madrid: Arco/Libros, 1996.

GIVÓN, T. **Bio-Linguistics**: The Santa Barbara Lectures. Amsterdam: John Benjamins, 2002.

GIVÓN, T. **English Grammar: A Functional-Based Introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 1993. 2 v.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. John Benjamins: Amsterdam/Philadelphia: 1995.

GIVÓN, T. **Syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 2001. v. 1.

GIVÓN, T. **Syntax: A Functional-Typological Introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 1984. v. 1.

GOLDBERG, A. E. **A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E.; JACKENDOFF, R. The English Resultative as a Family of Constructions. **Language**, v. 80, n. 3, 532-568, 2004.

GRUBER, J. S. **Studies in Lexical Relation**. 1965. 305 f. Tese (Doutorado em Línguas Modernas e Linguística) – Departamento de Línguas Modernas e Linguística, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1965.

GUMPERZ, J. The speech community. *In*: SILLS, D. L.; MERTON, R. K. **International Encyclopedia of the Social Sciences**. London: Macmillan, 1968. p. 381-386.

GUMPERZ, J.; LEVINSON, S. C. (ed.). **Rethinking Linguistic Relativity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

GUY, G. A Identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação linguística. Tradução de Leonardo Z. Maya. **Organon** – Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 14, n. 28-29, p. 17-32, 2000.

GUY, G. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. In: SOARES, M. E. (org.). **Boletim da Associação Brasileira de Linguística**, Fortaleza, v. 26, n. esp., p. 32-37, 2001. Disponível em: https://www.abralin.org/site/wp-content/uploads/2020/03/ABRALIN_26.pdf. Acesso em: 20 set. 2020.

HEINE, B. **Auxiliaries, Cognitive Forces, and Grammaticalization**. New York, NY: Oxford University Press, 1993.

HIMMELMANN, N. P. **Lexicalization and grammaticization**: opposite or orthogonal. in. What makes grammaticalization: a look from its fringes and its components. New York: Moutou de Gruyter, 2004, p. 21-42.

HOPPER, J. P.; THOMPSON, S. A. Transitivity in Grammar and Discourse. **Language**, v. 56. n. 2, p. 251-299, jun. 1980. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/413757>. Acesso em: 13 jun. 2019.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HYMES, D. Models of the Interaction of Language and Social Life. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (ed.). **Sociolinguistics: The Essential Readings**. Oxford: Blackwell, [1972] 2003. p. 35-71.

ILLARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: ILLARI, R. (org.). **Palavras de classe aberta**: gramática do português culto falado no Brasil. São Paulo: Contexto, 2014. p. 65-242.

JACKENDOFF, R. S. **Semantic Interpretation in Generative Grammar**. Cambridge: MIT Press, 1972.

JACKENDOFF, R. S. The Status of Thematic Relations in Linguistic Theory. **Linguistic Inquiry**, v. 18, n. 3, p. 369-411, 1987.

JESUS, L. R. **O uso do verbo tomar no português escrito dos séculos XIV, XVII e XX**. 2014. 239 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pedreira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors**. Oxford: Wiley-Blackwell, 1994.

LABOV, W. The Social Motivation of a Sound Change. **Word**, v. 19, n. 3, p. 273-309, 1963.

LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar: A Basic Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LANGACKER, R. W. **Essentials of Cognitive Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical Prerequisites**. Stanford: Stanford University Press, 1987. v. 1.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Linguistics: Descriptive Application**. Stanford: Stanford University Press, 1991. v. 2.

LANGACKER, R. W. **Investigations in Cognitive Grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009.

LANGACKER, R. W. **A linguagem e sua estrutura**: alguns conceitos lingüísticos fundamentais. Tradução de Gilda Maria Corrêia de Azevedo. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.

LAVE, J.; WENGER, E. **Situated Learning**: Legitimate Peripheral Participation. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

LIMA, G. A. B. Categorização como um processo cognitivo. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 11, p. 156-167, 2007.

MACAMBIRA, J. M. **A estrutura morfo-sintática do português**: aplicação do estruturalismo lingüístico. São Paulo: Pioneira, 1982.

MARTELOTTA, M. E. Conceitos de gramática. *In*: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de lingüística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 43-70.

MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTELOTTA, M. E.; KENNEDY, E. A visão funcionalista da linguagem no século XX. *In*: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (org.). **Linguística funcional**: teoria e prática. São Paulo: Parábola, 2015. p. 11-20.

MATEUS, M. H. M. *et al.* **Gramática da língua portuguesa**. 5. ed. rev. aum. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

MATOS, S. Aspectos da semântica e pragmática do imperfeito do indicativo. **Línguas e Literaturas**, Porto, v. XIII, p. 435-473, 1996.

MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique generale**. Paris: Champion, 1948. tomos I e II.

MILROY, L. Social Networks. *In*: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (ed.). **The Handbook of Language Variation and Change**. Oxford: Blackwell, 2002. p. 549-572.

MILROY, L.; GORDON, M. Social Relationships and Social Practices. *In*: _____. **Sociolinguistics: Method and Interpretation**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 116-135

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos**. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

NEVES, M. H. M. **A gramática: história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

NICOLA, J.; INFANTE, U. **Gramática contemporânea da língua portuguesa**. 11. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

NOW Corpus (News on the Web). 2021. Disponível em: <https://www.english-corpora.org/now>. Acesso em: 21 nov. 2020.

OLIVEIRA, M. R. Linguística funcional centrado no uso e ensino. *In*: CASSEB-GALVÃO, V. C.; NEVES, M. H. M. (org.). **O todo da língua**. São Paulo: Parábola, 2017. p. 15-34.

OLIVEIRA, M. R. Tendências atuais da pesquisa funcionalista. *In*: SOUZA, E. R. (org.). **Funcionalismo linguístico**: novas tendências teóricas. São Paulo: Contexto, 2012. p. 133-152.

OLIVEIRA, C. R. **Tomei a liberdade de fazer este estudo**: a multifuncionalidade do verbo tomar em uma amostra de fala da Cidade de Goiás-GO. 2018. 143 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2018.

PALOMANES RIBEIRO, Roza Maria. **Construções gramaticais**: uma análise das resultativas do português com o verbo ficar. 2007. 157 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

PAYNE, T. **Describing Morphosyntax**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

REICHENBACH, H. **Elements of Symbolic Logic**. New York, NY: MacMillan, 1948.

ROSCH, E. Cognitive representations of categories. **Journal of Experimental Psychology**, v. 104, p. 192-233, 1975.

SACCONI, L. A. **Nossa gramática**: teoria e prática. 25. ed. São Paulo: Atual, 1999.

SARDINHA, T. B. **Linguística de corpus**. Barueri: Manole, 2004.

SAUSSURE, F. **Course in General Linguistics**. Translated by Wade Baskin. New York: Philosophical Library, 1959.

SILVA, H. M. F. **Verbo-suporte e expressões cristalizadas**: um enfoque sintático-semântico-discursivo. 2006. 180 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, H. M. F. Verbo-suporte ou expressões lexicalizadas? **SOLETRAS**, São Gonçalo, Ano IX, n. 17, p. 175-182, 2009.

SILVA, H. M. F. **Verbos-suporte e expressões cristalizadas da língua**: um enfoque sintático-semântico-discursivo. [S.l.]: Novas Edições Acadêmicas, 2016.

SILVA, M. D. **Um estudo de “um belo dia” na perspectiva da gramática de construções**. 2017. 132 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

TALMY, L. Lexicalization patterns. *In*: _____. **Toward a Cognitive Semantics**: Typology and Process in Concept Structuring. Cambridge: MIT Press, 2000. v. 2.

TALMY, L. Grammatical construal. *In*: GEERAERTS, Dirk (ed.). **Cognitive linguistics**: basic readings. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006. p. 69-108.

TESNIÈRE, L. **Eléments de syntaxe structurale**. Paris: Klincksieck, 1959.

TOMASELLO, M. **Constructing a Language**: A Usage-Based Theory of Language Acquisition. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003.

TOMASELLO, M. **Origins of Human Communication**. Cambridge, MA: MIT Press, 2008.

TOMASELLO, M. **Why we Cooperate**. Cambridge, MA: MIT Press, 2009.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. The framework. *In*: _____ (org.). **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 1-43.

TRAUGOTT, E. C. Toward a Coherent Account of Grammatical Constructionalization. *In*: BARÐDAL, J. *et al.* **Diachronic Construction Grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 2015. p. 51-79.